

A Lição das Crianças

Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves
de Ribeirão Preto, SP

"E lhe trouxeram crianças para que as tocasse; os discípulos, porém, as repreendiam. Vendo isto, Jesus zangou-se e disse-lhes:" Deixai virem a mim as crianças, não o proibais, porque destas é o reino de Deus. Em verdade vos digo, quem não receber o reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele ". E abraçando-as, as abençoava, pondo as mãos sobre elas. (Marcos 10: 13-16)".

Esta passagem de Jesus nos faz refletir sobre as lições que podemos apreender da infância. Mesmo reconhecendo na criança um Espírito já vivido, com experiências e uma história de vida, a infância propicia uma oportunidade valiosa para o Espírito. Kardec nos esclarece: "Pode-se assim dizer que, nos primeiros anos, o Espírito é realmente criança, pois as idéias que formam o fundo do seu caráter estão ainda adormecidas. Durante o tempo em que os instintos permanecem latentes ela é mais dócil, e por isso mesmo mais acessível às impressões que podem modificar a sua natureza e fazê-la progredir, o que facilita a tarefa dos pais. O Espírito reveste, pois, por algum tempo, a roupagem da inocência. E Jesus está com a verdade, quando, apesar da anterioridade da alma, toma a criança como símbolo da pureza e da simplicidade". ¹. E é daí que podemos tirar a nossa lição.

Carlos Torres Pastorino, em sua obra Sabedoria do Evangelho ², destrinchando o ensino de Jesus, nos mostra o quanto temos a aprender com as crianças. Ele nos diz:

"De uma forma ou de outra, é indispensável possuir certas qualidades, para que se alcance o reino dos céus. Sem pretender enumerar todas, poderemos citar, como próprio das crianças em tenra idade, as seguintes qualidades":

1 - a HUMILDADE, que está sempre disposta a reconhecer sua incapacidade e a esforçar-se por aprender, sem pretender ser nem saber mais que o instrutor; e essa qualidade é básica na infância, que aceita o que se lhe ensina com humildade e fé;

2 - o AMOR, que se prontifica sempre a perdoar e esquecer as ofensas. A criança pode brigar a sopapos e pontapés, e sair apanhando, mas na primeira ocasião vai novamente brincar com quem a maltratou, esquecendo-se totalmente do que houve;

3 - a ÂNSIA DE SABER, coisa que as crianças possuem até chegar; por vezes, a ponto de exasperar os mais velhos com suas perguntas constantes, embaraçosas e indiscretas, jamais se dando por integralmente satisfeitas;

4 - a PERSEVERANÇA que, quando quer uma coisa, não desiste, mas usa de todas as artimanhas até conseguí-la, com incrível persistência e teimosia, obtendo o que quer, às vezes, pelo cansaço que causa aos adultos;

5 - a INOCÊNCIA, sem qualquer malícia, diante de quaisquer cenas e situações; para as crianças tudo é "natural" e limpo, mormente se são educadas sem mistérios nem segredos, pois a maldade ainda não viciou suas almas;

6 - a SIMPLICIDADE, tudo fazendo sem calcular "o que dirão os outros", sem ter preconceitos nem procurar esconder qualquer gesto ou ato, mesmo aqueles que os adultos hipocritamente classificam como "vergonhosos";

7 - a DOCILIDADE de deixar-se guiar, confiantemente, pelos mais idosos, sem indagar sequer "aonde vão". Não podem imaginar traições nem, enganos, porque eles mesmos são incapazes de fazê-lo, e julgam os outros por si.

Se tivermos essa conduta, simples e natural, como a criança (isto é, sem forçar), estará com as qualidades necessárias para poder "receber" estado de consciência superior que traz à alma a paz que Cristo dá e a felicidade plena do Espírito.”“.

Se deixássemos nosso coração falar mais alto! Quantas vezes nos emocionamos ao olhar para uma criança aprendendo suas primeiras letras... Quantas vezes sorrimos ao escutar perguntas tão absurdas, do ponto de vista adulto, mas tão comuns vindas das crianças. Quantas vezes sentimos nossa imensa responsabilidade ao segurarmos a mão de uma criança que prontamente nos segue, confiando plenamente em nós...

Com a nossa vaidade e orgulho de adultos, sempre pensamos estar do nosso lado a sabedoria e a possibilidade de ensinar, nunca pensamos em trocar de posição, buscando aprender e crescer a partir dessa relação com a criança. Que possamos pensar e refletir, e que cada item levantado por Pastorino seja uma possibilidade de treino e um exercício em direção ao nosso crescimento.

Referências bibliográficas:

1. KARDEC, A; O Evangelho Segundo o Espiritismo, LAKE. Cap. VIII, itens 1-4
2. PASTORINO, C. T; Sabedoria do Evangelho, Vol. 6, RJ, Sabedoria, 1969, p.101-104.
(Jornal Verdade e Luz Nº 170 de Março de 2000)

Conselhos, Reflexões e Máximas de Allan Kardec

Centre Spirite Lionnais Allan Kardec

Fragmentos extraídos dos doze primeiros anos

da Revista Espírita

Traduzido por Paulo A. Ferreira

do original CONSEILS, REFLEXIONS, ET MAXIMES D'ALLAN KARDEC

Editado por Le Centre Spirite Lionnais Allan Kardec

Segundo disse M. de Buffon, com muita razão: O estilo é o homem, e assim, para melhor apreciarmos Allan Kardec, estudemo-lo em sua obra porque, dessa forma, quanto mais julgarmos os méritos deste profundo pensador, mais crescerão nosso respeito e nossa afeição por ele. Dentro deste propósito, acreditamos dever reproduzir aqui algumas passagens extraídas dos numerosos artigos que ele publicou na Revista Espírita de 1858 a 1869; elas nos recordarão alguns dos princípios filosóficos que freqüentemente o Mestre gostava de frisar. Meditando seus conselhos, suas máximas, aprenderemos a conhecer e amar melhor o Fundador da Filosofia Espírita.

R. E. 1865, p. 328: «Deus me guarde de ter a presunção de me crer o único capaz, ou mais capaz do que um outro, ou o único encarregado de cumprir os desígnios da Providência; não, este pensamento está longe de mim. Neste grande movimento renovador tenho a minha parte de atuação; não falo senão daquilo que me concerne; mas o que posso afirmar sem vã fanfarrice, é que, no que me incumbe, nem a coragem, nem a perseverança, me faltarão. Nisso jamais falhei, mas hoje que vejo o caminho se aclarar de uma maravilhosa claridade, sinto minhas forças crescerem, não tenho mais dúvida e graças às novas luzes que praza a Deus me dar, estou certo, e digo a todos os meus irmãos, com toda a certeza que jamais tive: coragem e perseverança, porque um esplendoroso sucesso coroará vossos esforços.”“.

R. E. 1867, p. 40: «O Espiritismo é, como alguns o pensam, uma nova fé cega substituindo a uma outra fé cega ou, dito de outra forma, uma escravidão do pensamento sob uma nova forma? Para crer nisso seria preciso se ignorasse os seus primeiros elementos. Com efeito, o Espiritismo coloca, em princípio, que antes de crer é preciso compreender; ora, para compreender, é preciso usar de seu julgamento; eis porque ele procura se dar conta de tudo em vez de nada admitir, em saber o porque e o como de cada coisa; também os Espíritas são mais céticos do que muitos outros com relação aos fenômenos que saem do círculo das observações habituais. Ele não

repousa sobre nenhuma teoria preconcebida ou hipotética, mas sobre a experiência e a observação dos fatos; em vez de dizer: «Creia em primeiro lugar e se puder compreenda em seguida», ele diz: «Compreenda em primeiro lugar, e creia em seguida se você quiser.» Não se impõe a ninguém; diz a todos: «Veja, observe, compare e venha a nós livremente se tal lhe convier». Falando assim, ele se adianta e corta as chances da concorrência. Se muitos vão a ele, é porque os satisfaz muito, mas ninguém o aceita de olhos fechados. Àqueles que não o aceitam, ele diz: «Você é livre, e não o quero; tudo que peço é me que deixe minha liberdade, como eu lhe deixo a sua. Se procura me afastar, por receio de que eu suplante você, é porque você não está bem certo de si.

O Espiritismo, procurando não descartar nenhum dos concorrentes dentro da liça aberta às idéias que devem prevalecer no mundo regenerado, está dentro das condições da verdadeira liberdade de pensamento; e não admitindo nenhuma teoria que não seja fundamentada sobre a observação, está, ao mesmo tempo, dentro daquelas de mais rigoroso positivismo; enfim, tem sobre seus adversários, de opiniões contrárias extremas, a vantagem da tolerância.»

Àqueles que querem ver os fenômenos, antes de crer no Espiritismo, Allan Kardec dá estes sábios conselhos:

R. E. 1861, p. 130: «Seria, de resto, bastante inconveniente que a propagação da Doutrina ficasse subordinada à publicidade de nossas reuniões: por mais numeroso que pudesse ser o auditório, ele seria sempre fortemente restrito, imperceptíveis, comparados à massa da população. Por outro lado nós sabemos, por experiência, que a verdadeira convicção não se adquire a não ser pelo estudo, pela reflexão e por uma observação sustentada, e não, assistindo a uma ou duas sessões, por mais interessantes que elas sejam, e isto é tão verdadeiro, que o número dos que crêem sem nada terem visto, mas porque eles têm estudado e compreendido, é imenso. Sem dúvida o desejo de ver é muito natural, e estamos longe de censurar, mas queremos que o fenômeno seja visto em condições de aproveitamento. Eis porque dizemos: Primeiramente estude, e em seguida veja, porque assim compreenderá melhor.

Se os incrédulos refletissem sobre essa condição, eles extrairiam a melhor garantia, em primeiro lugar, de nossa boa fé, e em seguida da potência da Doutrina. Aquilo que o charlatanismo mais teme, é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é bastante tolo para se dirigir à inteligência que descobriria facilmente a sua farsa. O Espiritismo, ao contrário, não admite confiança cega; quer ver claramente em tudo; quer que se compreenda tudo, que se leve em conta tudo; então quando prescrevemos o estudo e a meditação, isto é apelar ao concurso da razão, e provar que a

ciência espírita não teme o exame, pois que antes de crer nós fazemos do compreender uma obrigação.”“.

R. E. 1861 p. 377: «Quem tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve antes de tudo se assegurar do concurso de alguns adeptos sinceros, que levem a Doutrina a sério e cujo caráter conciliador e benevolente lhe seja conhecido. Com esse núcleo formado, que seja de três ou quatro pessoas, se estabelecerá regras precisas, seja para as admissões, seja para a direção das reuniões e para a ordem dos trabalhos, regras às quais os recém chegados terão de se conformar... A primeira condição a impor, se não se deseja ser a cada instante distraído por objeções ou questões ociosas, é, pois o estudo preliminar. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à Doutrina do Livro dos Espíritos e certas outras condições especiais que se julgar a propósito. Isto é para os membros titulares ou dirigentes; para os ouvintes, que vêm geralmente para adquirir um acréscimo de conhecimentos e de convicções, se pode ser menos rigoroso; todavia, como existem os que podem causar problemas pelas observações deslocadas, é importante se assegurar de suas disposições; é preciso, sobretudo, e sem exceção, afastar os curiosos e todos os que não sejam atraídos senão por um motivo frívolo. A ordem e a regularidade dos trabalhos são coisas igualmente essenciais. Nós consideramos como eminentemente útil abrir a reunião pela leitura de qualquer passagem do Livro dos Médiuns e do Livro dos Espíritos; por este meio, se terá sempre presente na memória os princípios da ciência e os meios de evitar os escolhos que se encontram a cada passo na prática. A atenção se fixará assim sobre uma multidão de pontos que escapam freqüentemente numa leitura particular, e poderão dar lugar a comentários e a discussões instrutivas, às quais mesmo os Espíritos poderão tomar parte...”“.

R. E. 1861, p. 380: «...Tudo isso, como se vê, é de uma execução muito simples, e sem acessórios complicados; mas tudo depende do ponto de partida, isto é, da composição dos grupos primitivos. Se eles forem formados de bons elementos, serão tantas boas raízes que darão bons rebentos. Se, ao contrário, são formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de espíritos duvidosos, se ocupando mais da forma que do fundo, considerando a moral como a parte acessória e secundária, é preciso se prever polêmicas irritantes e sem desfecho, melindres de suscetibilidades, seguido de conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros espíritos, tais como os havemos definido, vendo o propósito essencial do Espiritismo na moral, que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação da personalidade, condescendência e benevolência, e, por conseqüência, certeza e estabilidade nos relacionamentos. Eis porque insistimos tanto nas qualidades fundamentais. As sociedades numerosas têm sua razão de ser do

ponto de vista da propaganda, mas, para os estudos sérios, é preferível se fazer uso dos grupos íntimos.”“.

R. E. 1861, p. 347: «De resto, qualquer que seja a natureza da reunião quer seja numerosa ou não, as condições que deve preencher para atender o objetivo são as mesmas; é nisso que é preciso conduzir todos os seus cuidados e, aqueles que o preencherem, serão fortes, porque terão necessariamente o apoio dos bons Espíritos. Estas condições são comentadas no Livro dos Médiuns nº 341.

Um capricho bastante freqüente com alguns novos adeptos é o de crer se passaram a mestres após alguns meses de estudo. O Espiritismo é uma ciência imensa, como sabem, e cuja experiência não se pode adquirir senão com o tempo, nisso como em todas as coisas. Há nessa pretensão de não ter mais necessidade dos conselhos de outrem e de se crer acima de todos, uma prova de insuficiência, pois que fracassa em um dos preceitos primeiros da Doutrina: a modéstia e a humildade. Quando os maus Espíritos encontram semelhantes disposições em alguns indivíduos, eles não falham em os super excitar, distrair e persuadir de que somente eles possuem a verdade. É um dos escolhos que se pode encontrar, e contra o qual creio dever prevenir, acrescentando que não é suficiente se dizer Espírita para se dizer Cristão: é preciso prová-lo pela prática.”“.

R. E. 1865 p. 376: «O Espiritismo, tendo por objetivo a melhoria dos homens, não vem em absoluto buscar os que são perfeitos, mas aqueles que se esforçam por se transformar colocando em prática os ensinamentos dos Espíritos. O verdadeiro Espírita não é aquele que chegou ao objetivo, mas é aquele que quer seriamente atingi-lo. Quaisquer que sejam então seus antecedentes, ele será um bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e que seja sincero e perseverante em seu desejo de se corrigir. O Espiritismo é para ele uma verdadeira regeneração, porque rompe com seu passado; indulgente para com os outros como queria que o fossem para com ele, não sairá de sua boca nenhuma palavra malevolente nem injuriosa para as pessoas. Aquele que em uma reunião se afastar da conveniência provará não somente uma falta de saber-viver e de urbanidade, mas uma falta de caridade; aquele que se melindra quando contrariado em suas opiniões e pretende impor sua pessoa ou suas idéias, fará prova de orgulho; ou, nem um nem o outro estará no caminho do verdadeiro Espiritismo, isto é do Espiritismo Cristão. Aquele que crê ter uma opinião mais justa que os outros a faria mais bem aceita pela doçura e pela persuasão; o azedume seria um grande erro de sua parte.”“.

R. E. 1865, p. 92: «O Espiritismo não está apenas na crença na manifestação dos Espíritos. O erro daqueles que o condenam é de crer que ele não consiste senão na produção de fenômenos

estranhos, e isso porque, não se dando ao trabalho de estudá-lo, dele não vêem senão a superfície. Esses fenômenos não são estranhos senão para aqueles que não lhes conhecem as causas, mas qualquer um que os aprofunde, neles não vê senão os efeitos de uma lei, de uma força da natureza que não se conhecia, e que, por isso mesmo, não são nem maravilhosos, nem sobrenaturais. Esses fenômenos provando a existência dos Espíritos, que não são outros senão as almas daqueles que viveram, provam, por conseqüência, a existência da alma, sua sobrevivência aos corpos, a vida futura com todas as suas conseqüências morais. A fé no porvir, encontrando-se apoiada sobre as provas materiais, se torna inabalável, e triunfa da incredulidade. Eis porque, quando o Espiritismo se tiver tornado a crença de todos, não haverá mais nem incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é de combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige, pois, àqueles que têm uma fé, e a quem essa fé satisfaz, mas àqueles que não crêem em nada, ou que duvidam. Ele não diz à pessoa para abandonar a sua religião; respeita todas as crenças quando elas são sinceras. A liberdade de consciência é a seus olhos um direito sagrado; Se não a respeitasse, falharia em seu primeiro princípio que é a caridade. Neutro em todos os cultos, ele será o lugar que os reunirá sob um mesmo pavilhão, aquele da fraternidade universal; um dia todos se estenderão às mãos, em lugar de se lançarem anátemas. Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, não são senão o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invade a sociedade: essa parte está, sobretudo na aplicação de seus princípios morais. É aí que se reconhecem os Espíritos sinceros. Os exemplos de reforma moral, provocados pelo Espiritismo, são já bastante numerosos para que se possa julgar os resultados que produzirá com o tempo. É preciso que sua potência moralizadora seja bem grande para triunfar dos hábitos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

O efeito moralizador do Espiritismo tem então por causa primeira o fenômeno das manifestações que têm trazido a fé; se esses fenômenos fossem uma ilusão, como o pretendem os incrédulos, seria preciso bendizer uma ilusão que dá ao homem a força de vencer seus maus pendores.”“.

R. E. 1864, p. 141: «A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem nem de um Espírito; ela está na universalidade do ensinamento dado pelos últimos; o controle universal, como o sufrágio universal, decidirá no porvir as questões litigiosas; fundirá a unidade da Doutrina bem melhor do que um concílio de homens. Esse princípio, disso estamos certos, senhores, fará o seu caminho, como fez o: Fora da Caridade não há salvação, porque está fundamentado sobre a mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade. Não poderá contrariar senão os adversários do Espiritismo, e aqueles que não têm fé senão em suas luzes pessoais.”“.

R. E. 1864, p. 235: «O Espiritismo é uma fé íntima; está no coração e não nos atos exteriores, não prescreve nada que seja de natureza a escandalizar aqueles que não compartilham dessa crença, recomendando disso se abster por espírito de caridade e de tolerância.”“.

R. E. 1864, p. 100: «Se a Doutrina Espírita fosse uma concepção puramente humana, ela não teria por garantia senão as luzes daquele que a houvesse concebido; ora, ninguém aqui neste mundo poderia ter a pretensão de possuir sozinho a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram tivessem se manifestado a um só homem, nada garantiria sua origem, porque se precisaria crer, sob palavra, naquele que dissera ter recebido seu ensinamento. Admitindo-se uma perfeita sinceridade de sua parte, ele poderia no máximo convencer as pessoas de seu círculo: poderia fazer sectário, mas jamais teria sucesso em reunir todo o mundo. Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica; é por isso que encarregou os Espíritos de irem conduzi-la de um pólo ao outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de escutar sua palavra...”“.

R. E. 1864, p. 101: «Sabe-se os Espíritos, por causa da diferença que existe em suas capacidades, estão longe de estar individualmente de posse de toda a verdade; que não é dado a todos penetrar certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares não sabem mais que os homens, e mesmo menos que certos homens; que há entre eles, como entre os últimos, os presunçosos e os pseudo-sábios que crêem saber aquilo que não sabem; sistemáticos que tomam as suas idéias pela verdade... Árbitros da verdade. Em semelhante caso, que fazem os homens que não têm, neles mesmos, uma confiança absoluta? Apegam-se à opinião de maior número, e a opinião da maioria é seu guia. Assim deve-se ser com respeito aos ensinamentos dos Espíritos que disso nos forneceram, ele mesmo, o meio.

A concordância dos ensinamentos dos Espíritos é então o melhor controle; mas é preciso que ela tenha lugar em certas condições. A menos certa de todas, é quando um médium interroga, ele mesmo, a vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é bem evidente, que se ele está sob o império de uma obsessão, e se estiver influenciado por um Espírito enganador, esse Espírito pode lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes. Não há, não mais, uma garantia suficiente na conformidade que podemos obter pelos médiuns de um só centro, porque eles podem sofrer a mesma influência. A única garantia séria está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente pela mediação de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos países. Concebe-se que não se trata aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas daquelas que se relacionam aos princípios mesmos da Doutrina...

O primeiro controle é, sem contradita, aquele da razão, à qual é necessário submeter, sem exceção, tudo aquilo que venha dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa, e com os dados positivos que se possui, mesmo que seja assinada por nome respeitável, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, devido à insuficiência de luzes de certas pessoas e da tendência, de muitos, de manter seu próprio julgamento como árbitro único da verdade. A única garantia séria está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente pela mediação de um grande número de médiuns estranhos, uns aos outros, e em diversos países.

Tal é a base sobre a qual nós nos apoiamos quando formulamos um princípio da Doutrina; não é porque esteja de acordo com nossas idéias que o damos como verdadeiro; não nos colocamos de nenhuma maneira como árbitros superiores da verdade, e não dizemos a ninguém: Crê em tal coisa, porque o dizemos. Aos nossos olhos, nossa opinião não é mais que uma opinião pessoal, que pode ser certa ou falsa, porque não somos mais infalíveis que ninguém. Não é mais porque um princípio nos é ensinado que é para nós a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.”“.

R. E. 1864, p. 103: «O controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no porvir, se buscará o critério da verdade. O que fez o sucesso da Doutrina, formulada no Livro dos Espíritos e no Livro dos Médiuns, é que, por toda parte, cada um pode receber diretamente dos Espíritos a confirmação daquilo que eles contém. Se, de todas as partes, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros teriam depois de muito tempo tido a sorte de todas as concepções fantásticas. Mesmo o apoio da imprensa não os teria salvado do naufrágio, enquanto que, privados desse apoio, não fizeram um caminho menos rápido porque tiveram o apoio dos bons Espíritos cuja boa vontade compensou, e ultrapassou, a má vontade dos homens. Assim o será de todas as idéias emanadas dos Espíritos e dos homens, que não puderem suportar a prova desse controle, do qual ninguém pode contestar o poder.”“.

R. E. 1859, p. 176: «Os Espíritos são aquilo que são, e não podemos mudar a ordem das coisas; não sendo todos perfeitos, não aceitamos suas palavras senão sob análise e não com a credulidade das crianças; julgamos, comparamos, tiramos as conseqüências de nossas observações, e mesmo seus erros são para nós ensinamentos, porque não fazemos abnegação de nosso discernimento.

Essas observações se aplicam igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos possam dar. Seria muito cômodo ter apenas que os interrogar para encontrar a ciência toda feita, e para

possuir todos os segredos industriais: não adquirimos a ciência senão ao preço do trabalho e das pesquisas; sua missão não é de nos livrar desta obrigação. Sabemos, aliás, que não somente nem todos não sabem tudo, mas que há entre eles, como entre nós, falsos sábios, que crêem saber aquilo que não sabem, e falam daquilo que ignoram com o mais imperturbável desembaraço. Um Espírito poderia então dizer que é o Sol que gira e não a Terra, e sua teoria não seriam mais verdadeiras porque viria de um Espírito. Que aqueles que nos supõem uma credulidade assim pueril, saibam, pois que temos toda opinião exprimida por um Espírito por uma opinião individual; que não a aceitamos senão depois de a haver submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação que a própria ciência Espírita nos forneceu.”“.

R. E. 1859, p. 178: «Nossos estudos nos ensinam que o mundo invisível que nos cerca reage constantemente sobre o mundo visível; no-lo mostram como uma das forças da Natureza; conhecer os efeitos desta força oculta que nos domina e nos subjuga com nosso desconhecimento, não é ter a chave de mais um problema, a explicação de uma multidão de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos podem ser funestos, conhecer a causa do mal, não é ter um meio de se prevenir, como o conhecimento das propriedades da eletricidade nos tem dado o meio de atenuar os efeitos desastrosos do raio? Se então sucumbirmos, não poderemos nos queixar senão de nós mesmos, porque não teremos a ignorância por desculpa. O perigo está no império que os maus Espíritos impõem sobre os indivíduos, e esse império não é somente funesto do ponto de vista dos interesses da vida material. A experiência nos ensina que jamais é impunemente que alguém se abandona à sua dominação; porque suas intenções não podem nunca ser boa. Uma de suas táticas para chegar a seus fins, é a desunião, porque sabe muito bem que poderão facilmente tirar vantagens daquele que está privado de apoio; também, seu primeiro cuidado, quando querem se apoderar de alguém é sempre o de lhe inspirar a desconfiança e a antipatia por quem possa desmascará-lo com esclarecimentos, por conselhos salutareos. Uma vez senhores do terreno, podem, a seu gosto, fasciná-lo com promessas sedutoras, subjugar-lo lisonjeando suas inclinações, aproveitando para isso todos os pontos fracos que encontram, para melhor fazê-lo sentir em seguida a amargura das decepções, afligi-lo em suas afeições, humilhá-lo em seu orgulho, e, freqüentemente, elevá-lo por um momento senão para o precipitar de mais alto.”“.

Para se prevenir contra tais perigos, Allan Kardec nos dá o seguinte sábio conselho:

R. E. 1859, p. 180: «Direi primeiro que, segundo o seu conselho – o conselho de seus Guias – Eu não aceito jamais nada sem exame e sem controle; não adoto uma idéia a não ser que ela me pareça racional, lógica, se está de acordo com os fatos e as observações, se nada de sério a vem

contradizer. Mas meu julgamento não poderia ser um critério infalível; o consentimento que tenho encontrado junto de uma multidão de gente mais esclarecida do que eu sou para mim uma primeira garantia; encontro uma outra, não menos preponderante, no caráter das comunicações que me têm sido feitas desde que me ocupo com o Espiritismo; jamais, posso dizê-lo, escapou uma única dessas palavras, um só desses sinais pelos quais se traem os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos; jamais dominação; jamais conselhos equivocados ou contrários à caridade e à benevolência, jamais prescrições ridículas; longe disso, não encontrei neles senão pensamentos grandes, nobres, sublimes, isentos de pequenez e mesquinaria; em uma palavra, suas relações comigo, nas menores, como nas maiores coisas, têm sido sempre tais que, se tivesse sido um homem que me houvesse falado, eu o teria pelo melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moral e o mais iluminado. Eis, senhores, os motivos de minha confiança, corroborada pela identidade de ensinamento dado a uma multidão de outras pessoas, antes e depois da publicação de minhas obras...”

R. E. 1859, p. 182: «Pode-se diferir de opinião sobre pontos da ciência sem se morder e se atirar pedras; é mesmo muito pouco digno e muito pouco científico fazê-lo. Busque de seu lado como buscamos do nosso; o porvir dará razão àquele de direito. Se nos enganamos, não tenhamos o tolo amor-próprio de nos obstinar com idéias falsas; mas há princípios sobre os quais se está certo de não se enganar: são o amor do bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e ciúme; esses princípios são os nossos, e com esses princípios pode-se sempre simpatizar sem se comprometer; é o laço que deve unir todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões: somente o egoísmo coloca entre eles uma barreira intransponível.”

R. E. 1859, p. 183: «Onde quer que chegue, minha vida está consagrada à obra que empreendemos, e serei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar na via séria que é sua essência, a única que poderá assegurar seu porvir. O objetivo do Espiritismo é de fazer melhores aqueles que o compreendem; tratemos de dar o bom exemplo e de mostrar que, para nós, a Doutrina não é letra morta; em uma palavra sejamos dignos dos bons Espíritos, se queremos que os bons Espíritos nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as armas da malevolência.”

R. E. 1865, p. 66: «As idéias do homem são em razão do que ele sabe; como em todas as descobertas importantes, as da construção dos mundos deveu dar-lhe um outro curso. Sob o império desses novos conhecimentos, as crenças devem se modificar; o céu foi transferido. A região das estrelas sendo sem limites não pode mais lhe servir. Onde ele está? Diante desta

questão, todas as religiões permanecem mudas. O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. A natureza deste último, e os atributos de Deus sendo tomados por ponto de partida, se chega à conclusão.

O homem é composto do corpo e do Espírito, o Espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente; o corpo é o envelope material que reveste temporariamente o Espírito para o cumprimento de sua missão sobre a Terra e a execução do trabalho necessário ao seu avanço. O corpo usado se destrói, e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o Espírito, o corpo não é senão uma matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o faz agir; no corpo, o Espírito é tudo: a vida e a inteligência. Deixando o corpo, ele reentra no mundo espiritual de onde tinha saído para se encarnar.

Há então o mundo corpóreo composto dos Espíritos encarnados e o mundo espiritual formado dos Espíritos desencarnados. Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com a aptidão de tudo adquirir e a progredir em virtude de seu livre-arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções, e, em consequência, novos gozos desconhecidos aos Espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem nem ver, nem ouvir, nem sentir, nem compreender. A felicidade está em razão do progresso alcançado; de sorte que, de dois Espíritos, um pode não estar tão feliz quanto o outro, unicamente porque não é tão avançado intelectualmente e moralmente, sem que tenham necessidade de estar cada um num lugar distinto. Ainda que estando ao lado um do outro, um pode estar nas trevas, ao passo que tudo é resplendente ao redor do outro, absolutamente como para um cego e um vidente que se dá a mão; um percebe a luz, que não faz nenhuma impressão sobre seu vizinho. A felicidade dos Espíritos sendo inerente às qualidades que possuem, eles a haurem por toda parte onde se encontrem, na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no espaço.”“.

R. E. 1865, p. 37: «A Doutrina Espírita muda inteiramente à maneira de encarar o porvir. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas após a morte não é mais um sistema, mas um resultado da observação. O véu foi levantado; o mundo invisível nos aparece em toda sua realidade prática; não são os homens que o descobriram por esforço de uma concepção engenhosa, foram os próprios habitantes desse mundo que vieram nos descrever sua situação, nós os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases de felicidade ou de infelicidade; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está para os Espíritas a causa da calma com a qual eles encaram a morte, a serenidade de seus derradeiros instantes sobre a Terra. O que os sustenta, não é somente a esperança, é a certeza; sabem que a vida

futura não é senão a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança que esperam o alvorecer do Sol depois de uma noite de tempestade. Os motivos desta confiança estão nos fatos de que são testemunhas, e na concordância desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.”“.

R. E. 1865 p. 41: «O Espiritismo não se afastará da verdade, e não terá nada a temer das opiniões contraditórias, uma vez que sua teoria científica e sua doutrina moral são uma dedução dos fatos escrupulosamente e conscienciosamente observados, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. É diante de uma observação mais completa que todas as teorias prematuras e arriscadas, eclodidas na origem dos fenômenos espíritas modernos, caíram, e veio se fundir na imponente unidade que existe hoje, e contra a qual não se vêem mais senão raras individualidades que diminuem todos os dias. As lacunas que a teoria atual pode ainda encerrar se completarão da mesma maneira. O Espiritismo está longe de haver dito sua última palavra, quanto às suas conseqüências, mas está inabalável nesta base, porque esta base se assenta sobre os fatos.

Que os Espíritas fiquem, pois sem receio: o porvir é para eles; que eles deixem seus adversários se debater sob o peso da verdade que os ofusca, porque toda negação é impotente contra a evidência que triunfa inevitavelmente pela força das coisas. É uma questão de tempo, e neste século o tempo caminha a passos de gigante sob o impulso do progresso.”“.

R. E. 1868, p. 209: «O Espiritismo, por sua natureza e seus princípios, é essencialmente pacífico; é uma idéia que se infiltra sem ruído, e se encontra numerosos adeptos, é porque agrada; jamais fez declamações, nem propaganda, nem qualquer encenação; forte pelas leis naturais sobre as quais se apóia, se vê crescer sem esforços nem abalos, não vai atrás de ninguém; não violenta nenhuma consciência; diz aquilo que é, e espera que venham a ele. Todo o ruído que é feito ao seu redor é obra de seus adversários; se for atacado, deve se defender, mas sempre o fez com calma, moderação e apenas pelo raciocínio, jamais se afastou da dignidade que é própria de toda causa que tem a consciência de sua força moral; jamais usou de represálias restituindo injúrias com injúrias, maus procedimentos com maus procedimentos. Não é esse, convenhamos, o caráter ordinário dos partidos inquietos por natureza, fomentando a agitação, e a quem tudo é bom para atingir aos seus fins? Mas desde que lhe demos este nome – de partido – o aceita, certo que não o desonrará por nenhum excesso; porque repudiaria qualquer um que disso se prevalecesse para suscitar o menor problema.

O Espiritismo prosseguia em sua rota sem provocar nenhuma manifestação pública, aproveitando totalmente a publicidade que lhe davam seus adversários; quanto mais sua crítica fosse

zombeteira, acerba, virulenta, mais excitava a curiosidade daqueles que não o conheciam, e que, para saber que opinião se ter sobre essa, assim dizendo, nova excentricidade, ia simplesmente se informar na fonte, isto é, nas obras especiais; estudava-se, e se encontrava totalmente outra coisa que não aquilo que se estava pretendendo dele dizer. É um fato notório que as declamações furiosas, os anátemas e as perseguições ajudaram fortemente à sua propagação, porque, em lugar de dissuadir, provocavam o exame, não fosse isso que atrai um fruto defendido. As massas têm sua lógica; dizem que se uma coisa nada fosse, dela não se falaria, e medem sua importância precisamente pela violência dos ataques de que são objeto e pelo esforço que causa a seus antagonistas.”“.

P, E. 1866, p. 114: «Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a lei suprema do Cristo, abrimos a via do Espiritismo Cristão; fomos, pois instituídos a lhe desenvolver os princípios, como também os caracteres do verdadeiro Espírita sob esse ponto de vista. Que outros possam fazer melhor do que nós, não iremos contra, porque jamais dissemos: «Fora de nós não há verdade». Nossas instruções sendo, pois para aqueles que as acham boas, são aceitas livremente, e traçamos uma rota sem restrições, segue-a quem quer; damos conselhos àqueles que no-los pedem, e não àqueles que crêem poder dispensá-los; não impomos nada a ninguém, não temos qualidade para isso.

Quanto à supremacia, ela é todo moral, e na adesão dos que partilham nossa maneira de ver, não é investido, por isso mesmo, de nenhum poder oficial, não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos concedemos nenhum título, e o único que tomamos com os partidários de nossas idéias é aquele de irmão em crença; se nos consideram como seu chefe, é em conseqüência da posição que nos dão nosso trabalho e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é aquela que cada um podia ter antes de nós; nosso direito, aquele que todo mundo tem de trabalhar como entende e de correr o risco do julgamento público.”“.

R. E. 1866, p. 299: «Ele não disse: Fora do Espiritismo não há salvação, mas com o Cristo: Fora da caridade não á salvação, princípio de união, de tolerância, que unirá os homens dentro de um sentimento de fraternidade, em lugar de os dividir em seitas inimigas. Por este outro princípio: Não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade, ele destrói o império da fé cega que aniquila a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e levanta sua moral.”“.

R. E. 1868, p. 377: «Acrescentamos que a tolerância, conseqüência da caridade, que é à base da moral espírita, lhe fez como dever respeitar todas as crenças. Querendo ser aceito livremente por convicção e não por contrição, proclamando a liberdade de consciência como um direito natural

imprescindível, disse: Tem-se razão, os outros acabarão por pensar como eu; se estiver errado, acabarei por pensar como os outros. Em virtude desses princípios, não lançando pedra em ninguém, não dará nenhum pretexto a represálias, e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade de suas palavras e de seus atos.”“.

Os amigos desastrados

R. E. 1863, p. 74: «Dessa forma, se ninguém pode deter a marcha geral do Espiritismo, são as circunstâncias que lhe podem trazer entraves parciais, como uma pequena barragem que pode diminuir o curso de um rio sem o impedir de escoar. Dessa espécie são os passos inconsiderados de certos adeptos, mais zelosos que prudentes, que não calculam bem a importância de seus atos ou de suas palavras; por isso produzem sobre as pessoas ainda não iniciadas na Doutrina uma impressão desfavorável, bem mais própria a afastá-los que as diatribes dos adversários. O Espiritismo está, sem dúvida, muito difundido, mas o seria ainda mais se todos os adeptos tivessem sempre escutado os conselhos da prudência, e soubessem se colocar em uma sábia reserva. É preciso, sem dúvida, ter em conta a intenção, mas é certo que mais de um tem justificado o provérbio: Mais vale um inimigo declarado do que um amigo desastrado. O pior disto é fornecer as armas aos adversários que habitualmente sabem explorar uma falta de jeito. Não seria, pois excessivo recomendar aos Espíritas para refletir maduramente antes de agir, em tal caso, manda a prudência o não se referir à sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada é mais simples que se harmonizar antes de agir. O verdadeiro Espírita, não tendo em vista senão o bem da coisa sabe fazer abnegação do amor-próprio; crer em sua própria infalibilidade, recusar se render à opinião da maioria e persistir em um caminho que se demonstra mal e comprometedor, não é a postura um verdadeiro Espírita; isto seria fazer prova de orgulho se não for de fato uma obsessão.”“.

Allan Kardec não pára de nos colocar em guarda contra as comunicações de certas categorias de Espíritos e nos recomenda a cada instante a sempre passar todos os seus ditados pelo cadinho da consciência e da razão.

R. E. 1863, p. 75: «Esses falsos sábios falam de tudo, reavivando os sistemas, criando utopias, ou ditando as coisas mais excêntricas, e ficam felizes de encontrar intérpretes complacentes e crédulos que aceitem suas elucubrações de olhos fechados. Esse tipo de publicações são inconvenientes muito graves, porque o médium, tendo enganado a si mesmo, seduzido mais freqüentemente por um nome apócrifo, as dá como coisas sérias; do que a crítica se apodera com empenho para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, seria suficiente tomar conselhos de seus colegas para ser esclarecido. É muito raro que, nesse caso, o médium não

ceda à injunção de um Espírito que quer - ai de mim! - como certos homens, de qualquer modo ser impresso; com mais experiência, saberia que os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não se impõem nem nunca se jactância, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.”“.

R. E. 1863, p. 159: «Não se saberia, pois, em relação à publicidade, trazer muita circunspeção, nem calcular com suficiente cuidado o efeito que pode ser produzido sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro o se crer obrigado a publicar tudo que dizem os Espíritos, porque se os há bons e iluminados, os há maus e ignorantes; é importante fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações e de descartar tudo que é inútil, insignificantes, falsos ou de natureza a produzir uma má impressão. É preciso semear, sem dúvida, mas semear os bons grãos e no momento oportuno.

É nesse tipo de trabalho medianímico que notamos mais os sinais de obsessão, dos quais um dos mais freqüentes é a injunção da parte do Espírito de os fazer imprimir, e mais de uns pensam erradamente que esta recomendação é suficiente para encontrar um editor empenhado de se encarregar disso.”“.

R. S. 1863, p. 158: «Em toda obra mediúnica, convém primeiramente descartar tudo aquilo que, sendo de interesse privado, não interessa senão àquele que lhe concerne; depois, tudo aquilo que é vulgar pelo estilo dos pensadores, ou pueril pelo assunto; uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para fins de instrução pessoal, mas aquilo que deve chegar ao público exige condições especiais; infelizmente, o homem está inclinado a imaginar que tudo aquilo que lhe agrada deve agradar aos outros; o mais hábil pode se enganar, o que importa de tudo é se enganar o menos possível. Há Espíritos que se aprazem em manter essa ilusão junto a certos médiuns: é por isso que não seria excessivo recomendar a esses últimos de não se render em absoluto a seu próprio julgamento, e é nisso que os grupos são útil, por causa da multiplicidade de pareceres que se permite recolher; aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, crendo ter mais luzes que todos provariam super abundantemente a má influência sob a qual se encontra.”“.

R. E. 1864, p. 323: «É um fato constatado que o Espiritismo é mais entravado por aqueles que o compreendem mal do que por aqueles que não o compreendem de todo, e mesmo por seus inimigos declarados; e é de se notar que aqueles que o compreendem mal têm geralmente a pretensão de o compreender melhor do que os outros; não é raro de ver novatos pretender, no fim de alguns meses, admoestar àqueles que têm experiência, por eles adquirida por estudos sérios.

Essa pretensão, que trai o orgulho, é ela mesma uma prova evidente da ignorância dos verdadeiros princípios da Doutrina.»

A um amador, muito crédulo, que se acreditava iludido por um médium assalariado, e que pedira a Allan Kardec que o entregasse à justiça dos homens, à espera que fosse punido pela de Deus, o Mestre respondeu:

R. E. 1865, p. 88: «Lamento que você tenha podido pensar que eu serviria, no que quer que seja, a seus desejos vingativos, tomando providências para levar os culpados à justiça. Isto sendo, você se equivoca singularmente sobre meu papel, meu caráter e minha compreensão dos verdadeiros interesses do Espiritismo. Se você é realmente, como você o diz, meu irmão em Deus, creia-me, implore Sua clemência e não Sua cólera; porque aquele que chama essa cólera sobre outro, corre o risco de a fazer cair sobre si mesmo.”“.

R. E. 1869, p. 354: «Esses fenômenos, trazidos à moda pelo atrativo da curiosidade, se tornaram uma diversão, e tentaram a cupidez das gentes sob o pretexto de que isso seria novidade, na esperança de encontrar uma porta aberta. As manifestações pareciam uma matéria maravilhosamente explorável, e mais de uns sonhavam em se fazer um auxiliar de tal indústria; outros viam uma variante da arte de adivinhação, um meio talvez mais seguro que a cartomancia, a borra de café, etc..., Para conhecer o porvir e descobrir as coisas ocultas, porque, segundo a opinião de então, os Espíritos deviam tudo saber.

Desde que essa gente viu que a especulação escorregava de suas mãos e tendia à mistificação, que os Espíritos não vinham lhes ajudar a fazer fortuna, lhes dar os bons números de loteria, lhes ler a sorte verdadeira, lhes fazer descobrir tesouros ou recolher as heranças, lhes dar qualquer uma boa invenção frutuosa e patenteável, suplementar à sua ignorância e lhes dispensar de todo trabalho intelectual e material, então os Espíritos não serviriam para nada, suas manifestações não seriam senão ilusões. Da mesma forma que eles haviam promovido o Espiritismo, enquanto que eles tiveram a esperança de lhe retirar um lucro qualquer, da mesma forma o denegriram quando veio o desapontamento. Mais de um crítico que o escarneceu o retrataria nas nuvens se lhe houvesse feito descobrir um tio na América ou ganhar na Bolsa.”“.

R. E. 1866, p. 78: «Diremos primeiramente que o Espiritismo não podia ser responsável pelos indivíduos que tomam indevidamente a qualidade de médium, não mais que a ciência verdadeira não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois dizer que opera com a ajuda de Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda psíquica; é um meio, como outro, de lançar poeira aos olhos; tanto pior para os que nisto se deixam prender. Em segundo lugar, o Espiritismo, condena a exploração da mediunidade, como contrária aos

princípios da Doutrina do ponto de vista moral, e demonstrando que não deve nem pode ser um ofício nem uma profissão; todo médium que não tire de sua faculdade algum lucro direto ou indireto, ostensivo ou dissimulado, descarta, por isso mesmo, até a suspeição de trapaça ou charlatanismo; desde que não seja solicitado por algum interesse material, o malabarismo seria sem propósito. O médium que compreende o que há de grave e de sagrado em um dom dessa natureza, cria profaná-lo, ao fazê-lo servir às coisas mundanas para si e para os outros, ou se dele fizesse um objeto de divertimento e de curiosidade; respeita os Espíritos como quereria que se o respeitassem quando se tornar um Espírito, e não os colocaria em ostentação. Por outro lado, sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que ela não pode descobrir os tesouros, as heranças, nem facilitar o êxito nas chances aleatórias, e não lê a sorte, nem por dinheiro nem por nada; então ela não terá jamais de desembaraçar com a justiça. Quanto à mediunidade de cura, ela existe, isto é certo; mas está subordinada a condições restritas, que excluem a possibilidade de se ter uma sala aberta às consultas, e sem suspeita de charlatanismo, é uma obra de devotamento e sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela Doutrina, ela não pode cair sob o golpe da lei.

Em resumo, o médium, segundo os objetivos da Providência e do Espiritismo, quer seja artesão ou príncipe, porque dela há no palácio e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; não vê em sua faculdade senão um meio de glorificar Deus e de servir a seu próximo, e não um instrumento para servir seus interesses ou satisfazer sua vaidade; faz-se estimar e respeitar por sua simplicidade, sua modéstia e sua abnegação, o que não é o fato com aqueles que procuram dela fazer um degrau.”“.

R. E. 1867, p. 300: «Os desinteresses materiais, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será também uma das condições da medicina medianímica? Como então conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta? Isto demanda algumas explicações, porque não é a mesmo caso.

A faculdade do médium curador não lhe custou nada; não exigiu dele nem estudo, nem trabalho, nem despesas; ele a recebeu gratuitamente para o bem de outro, e deve usá-la gratuitamente. Como precisa antes de tudo viver, se não tem, por si mesmo, recursos que o faça independente, deve procurar os meios no seu trabalho ordinário, como o havia feito antes de conhecer a mediunidade; ele não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que lhe pode consagrar. Toma-se esse tempo de seu repouso, e se emprega, para se tornar útil a seus semelhantes, o que seria consagrado às distrações mundanas, é por devotamento verdadeiro, e disso não tem senão

mais mérito. Os Espíritos não lhe pedem mais, e não exigem nenhum sacrifício não razoável. Não se poderia considerar como devoção e abnegação o abandono de seu 'status' para se entregar a um trabalho menos penoso e mais lucrativo. Na proteção que lhe concedem, os Espíritos, aos quais não se pode se impor sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos fictícios.”“.

Fraudes Espíritas

R. E. 1859, p. 94: «De que há charlatões que vendem drogas em praças públicas, de que há mesmo médicos que, sem ir à praça pública, enganam a confiança alheia, se segue que todos os médicos são charlatões, e o corpo médico nisso seja atingido em nossa consideração? De que há gente que vende a tintura por vinho, se segue que todos os vendedores de vinho são fraudadores e que não há nenhum vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude também tem o seu gênio. Mas a fraude tem sempre um propósito, um interesse material qualquer; onde não há nada a ganhar, não há nenhum interesse a enganar. Também dissemos, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.”“.

R. E. 1869, p. 42: «Estigmatizando a especulação, como nós o temos feito, temos a certeza de ter preservado a Doutrina de um verdadeiro perigo, perigo maior que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque dela não restaria nada menos que seu descrédito; por isso mesmo, ela lhes teria oferecido um lado vulnerável, no entanto têm se detido ante a pureza de seus princípios. Não ignoramos que temos suscitado contra nós a animosidade dos especuladores, e que temos alienado seus participantes; mas que nos importa! Nosso dever é de manter sob mão a causa da Doutrina e não os interesses deles; e esse dever, nós o cumprimos com perseverança e firmeza até o fim.”“.

R. E. 1864, p. 78: «Mas não é somente contra a cupidez que os médiuns devem se manter em guarda; como os há em todas as faixas da sociedade, a maior parte está sob essa tentação; mas há um outro perigo, de outro modo bem grande, porque todos lhe estão expostos, que é o orgulho, onde se perde o maior número; é contra esse escolho que as mais belas faculdades vêm freqüentemente se quebrar. O desinteresse material é sem proveito se não estiver acompanhado do mais completo desinteresse moral. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos bons Espíritos.”“.

R. E. 1867, p. 8: «É preciso se figurar que estamos em guerra, que os inimigos estão à nossa porta, prestes a segurar a ocasião favorável, e que dirigem as inteligências no local.

Nesta circunstância, que há a fazer? Uma coisa bastante simples: se restringir estritamente dentro do limite dos preceitos da Doutrina: se esforçar em demonstrar o que ela é por seu próprio exemplo, e declinar toda solidariedade com aquilo que poderia ser feito em seu nome que fosse de natureza a desacreditá-la, porque isso não costuma ser o feito de adeptos sérios e convictos. Não basta se dizer Espírita: aquele que o é de coração o prova por seus atos. A Doutrina, não pregando senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência com todos; repudiando toda violência feita à consciência do outro, todo charlatanismo, todo pensamento interesseiro no que concerne às relações com os Espíritos, e toda coisa contrária à moral evangélica, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em nenhuma censura justa, ou demandas legais; bem mais que isso, quem toma a Doutrina por regra de conduta, não pode senão se conciliar à estima e à consideração das pessoas imparciais; diante do bem, até mesmo a incredulidade zombeteira se inclina, e a calúnia não pode sujar aquele que é sem mancha. É dentro dessas condições que o Espiritismo atravessará os temporais que se amontoam sobre sua rota e que sairá triunfante de todas as lutas.”“.

R. E. 1864, p. 5: «A situação do Espiritismo em 1863 pode se resumir assim: ataques violentos, multiplicação dos escritos contra e a favor; movimentação das idéias, expansão notável da Doutrina, mais sinais exteriores de natureza a produzir uma sensação geral, as raízes se estendem, produzem brotos, à espera de que a árvore desdobre seus ramos. O momento de sua maturidade ainda não chegou.”“.

R. E. 1864, p. 3: «A moderação dos Espíritos é o que assombra e contraria mais seus adversários; tentarão tudo para os fazer dela sair, mesmo a provocação; mas saberão frustrar essas manobras por sua prudência, como já fizeram em mais de uma ocasião, e não caíram nas ciladas que se lhes prepararam; verão, aliás, os instigadores se prenderem em seus próprios laços, porque é impossível que cedo ou tarde não revelem seus propósitos. Este é um momento mais difícil de passar do que aquele da guerra aberta, onde se vê o inimigo face a face: mas por mais rude seja prova, maior será o triunfo.

De resto, essa campanha teve um imenso resultado, o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido oposto entraram em lição; todos os recursos de argumentação têm sido desdobrados, e, o Espiritismo nada tendo sofrido, cada um saiu convicto de que não se poderia lhe opor nenhuma razão peremptória, e a maior prova da penúria de boas razões é que se recorreu ao triste e ignóbil recurso da calúnia; mas aparentando

uma boa vontade, pretendeu-se que o Espiritismo dissesse o contrário daquilo que ele diz: a Doutrina está lá, escrita em termos tão claros que desafiam toda falsa interpretação, é assim que a odiosidade da calúnia recai sobre aqueles que a empregam e os convence da sua impotência.”“.

R. E. 1864, p. 198: «A oposição que se faz a uma idéia está sempre em razão de sua importância; se o Espiritismo tivesse sido uma utopia, dele não se teria ocupado mais do que de tantas outras teorias; a animosidade da luta é um índice certo que se o toma a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a história dirá quem têm sido os agressores. Os ataques e as calúnias de que tem sido objeto o forçaram a devolver as armas que se lhe lançaram e mostrar o lado vulnerável de seus adversários. Isto, importunando-os, detiveram sua marcha? Não, este é um fato aceito. Se os tivéssemos deixado quietos, o nome mesmo do clero não teria sido pronunciado, e talvez eles tivessem ganhado. Atacando-os em nome dos dogmas da Igreja, foram forçados a discutir o valor das objeções, e por isso mesmo a entrar num terreno que não tinham a intenção de abordar. A missão do Espiritismo é de combater a incredulidade pela evidência dos fatos, de conduzir a Deus aqueles que o desconhecem, de provar o porvir àqueles que não crêem em nada; por que então a Igreja joga anátemas àqueles a quem ele dá essa fé, ainda mais quando não criam em nada? Rejeitar aqueles que crêem em Deus e em sua alma é constrangê-los a procurar um refúgio fora da Igreja. Quem, primeiramente, proclamou que o Espiritismo era uma nova religião, com seu culto e seus padres, senão os clérigos? Onde você vê, até o presente, o culto e os padres do Espiritismo? Se algum dia se tornar uma religião, é o clero quem o terá provocado.»

Não tendo o auto de fé de Barcelona saciado o ódio do clero contra o Espiritismo e os Espíritas, a Congregação de Roma colocou no Index O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, e A Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo. Longe de se entristecer com esta nova prova de intolerância clerical, Allan Kardec se alegrou:

R. E. 1864, p. 217: «Qualquer que seja a razão, os livros espíritas foram colocados no Index. Tanto melhor! Porque muitos daqueles que ainda não os leram os devorarão; tanto melhor! Porque de dez pessoas que os folhearem, pelo menos sete ficará convencido, ou fortemente abalado e desejoso de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! Porque nossos adversários mesmos, vendo que seus esforços não chegam senão a resultados diametralmente contrários aos que esperavam, se reunirão a nós, se possuem a sinceridade, o desinteresse e as luzes que seu ministério comporta. Assim o quer, aliás, a lei de Deus, nada no mundo pode permanecer eternamente estacionário, mas tudo progride, e a idéia religiosa deve seguir o progresso geral se não quiser desaparecer.”“.

R. E. 1865, p. 187: «Jamais uma Doutrina filosófica dos tempos modernos causou tanto comoção quanto o Espiritismo, jamais alguma tem sido atacada com tanta animosidade; esta a prova evidente de que se lhe reconhece mais vitalidade e raízes mais profundas que às outras, porque não se pega um enxadão para se arrancar uma haste de erva. Os Espíritas, longe de se espantarem, devem se alegrar, pois isso prova a importância e a verdade da Doutrina. Se ela não fosse senão uma idéia efêmera e sem consistência, uma mosca que voa, não se lhe atiraria projéteis de artilharia; se fosse falsa, se lhe bateria intensamente com argumentos sólidos que teriam já triunfados; mas desde que nenhum daqueles que se lhe opuseram, a puderam deter, é porque ninguém encontrou defeito na couraça; não foi, no entanto nem o talento nem a boa vontade que faltaram a seus antagonistas.”“.

R. E. 1864, p. 190: «O Espiritismo marcha através numerosos adversários que, não o tendo podido pegar pela força, tentam pegá-lo pela astúcia; eles se insinuem por toda parte, sob todas as máscaras, e até nas reuniões íntimas, na esperança de surpreender um fato ou uma palavra que freqüentemente eles houveram provocado, e que esperam explorar em seu benefício. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática por meio da qual esperam, a princípio, desacreditá-lo, para ter mais tarde um pretexto de interditar, se isso for possível, seu exercício público. Esta é a armadilha contra a qual é preciso estar em guarda, porque é armada de todos os lados, e à qual, sem o saber, dão a mão àqueles que se deixam levar pelas sugestões dos Espíritos zombeteiros e mistificadores.”“.

R. E. 1869, p. 357: «Trabalhemos para compreender, para crescer nossa inteligência e nosso coração; lutemos com os outros; mas lutemos com caridade e abnegação. Que o amor ao próximo, inscrito sobre nossa bandeira, seja nossa divisa: a pesquisa e a verdade, de qualquer parte que ela venha, nosso propósito único! Com tais sentimentos, desafiemos as zombarias de nossos adversários e as investidas de nossos competidores. Se nos enganamos, não tenhamos o tolo amor próprio de nos obstinar nas idéias falsas; mas estamos certos de que há princípios sobre os quais jamais podemos nos enganar: é o amor ao bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e ciúme. Esses princípios são os nossos; vemos neles o laço que deve unir todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de sua opinião; somente entre eles o egoísmo e a má fé colocam barreiras intransponíveis.

Mas qual será a conseqüência desse estado de coisas? Sem contradita, os conluios dos falsos frades poderão trazer momentaneamente algumas perturbações parciais. Por isso que é preciso fazer todos os esforços para os frustrar tanto quanto possível. Mas, necessariamente, não o farão senão por um tempo e não poderão ser prejudiciais para o porvir: primeiramente porque são umas

manobras da oposição que cairá pela força das coisas; por outro, qualquer que seja que digam e que façam, não poderão suprimir da Doutrina seu caráter distintivo: sua filosofia racional é lógica, sua moral consoladora e regeneradora. Hoje, as bases do Espiritismo estão colocadas de uma maneira inabalável; os livros escritos sem equívocos e colocados à disposição de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e exata do ensino dos Espíritos e a transmitirão intacta àqueles que virão depois de nós.

Não precisamos perder de vista que estamos em um momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Não é preciso, pois se admirar de ver se agitam certas paixões; as ambições, os compromissos, os interesses contrariados, as pretensões decepcionadas; mas pouco a pouco tudo isso se extingue, a febre se acalma, os homens passam e as novas idéias permanecem. Espíritas, se querem ser invencíveis, sejam benevolentes e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual sempre vêm se quebrar as manobras da malevolência.”“.

R. E. 1865, p. 264: «Por ora façamos o maior bem possível com ajuda do Espiritismo: façamo-lo mesmo a nossos inimigos; ser pagos com a ingratidão é o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é tão negro como alguns o pretendem.”“.

R. E. 1864, p. 326: «O Espiritismo, repito, em demonstrando, não por hipótese, mas por fatos, a existência de um mundo invisível, e o porvir que nos espera, muda totalmente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não trabalha mais somente para o presente, mas para o futuro; sabe que se não desfruta hoje, desfrutará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da ciência e abre, por isso mesmo uma nova via ao progresso material. O homem terá então uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral sobre a Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, posto que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade não é uma palavra vã; ela destrói o egoísmo em lugar de ser destruído por ele, e, muito naturalmente, o homem imbuído dessas idéias conformará a elas suas leis e suas instituições sociais.”“.

R. E. 1864, p. 26: «A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras e não por suas palavras; é uma medida da apreciação de que não se pode enganar senão aqueles que se cegam com seus próprios méritos, mas não aos terceiros desinteressados; é a pedra de toque à qual se reconhece a sinceridade dos sentimentos; e quando se fala de caridade, em Espiritismo, se sabe que não se trata só daquela que dá, mas também e, sobretudo daquela que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião Espírita que não estiver fundamentada sobre o princípio da verdadeira caridade, será mais nociva

que útil à causa, porque tenderá a dividir em vez de reunir, levando, além disso, em si mesma, seu elemento destruidor. Nossas simpatias pessoais serão então sempre cedidas a todos aqueles que provarem, por seus atos, o bom espírito que os anima, porque os bons Espíritos não podem inspirar senão o bem.”“.

R. E. 1867, p. 278: «Um último caráter da revelação espírita, e que ressalta das condições mesmas nas quais foi feita, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela não pode ser senão essencialmente progressiva como todas as ciências de observação. Por sua essência, contrai aliança com a ciência que, sendo a exposição das leis da natureza, em uma certa ordem dos fatos, não pode ser contrário à vontade de Deus, o autor dessas leis. As descobertas da ciência glorificam a Deus em lugar de O rebaixar, elas não destroem senão o que os homens têm construído sobre as idéias falsas que se tem feito de Deus.

O Espiritismo não coloca então, como princípio absoluto, senão aquilo que é demonstrado pela evidência, ou que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais prestou o apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, chegadas ao estado de verdades práticas, e saídas do domínio da utopia, sem isso se suicidaria; em cessando de ser o que ele é, mentiria à sua origem e ao seu objetivo providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe mostrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.”“.

R. E. 1869, p. 258: «O Espiritismo não é mais solidário com aqueles que prazam em se dizerem Espíritas, do que a medicina o é com os charlatões que o exploram, nem do que a saudável religião o é com os abusos ou mesmo com os crimes cometidos em seu nome. Não reconhece por seus adeptos senão os que colocam em prática seus ensinamentos, isto é que trabalham para sua própria melhora moral, esforçando-se em vencer suas más inclinações, ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais doces, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em todas as questões, porque este é o sinal característico do verdadeiro Espírita.”“.

R. E. 1869, p. 25: «O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual, se relaciona de uma maneira direta à questão do passado e do porvir do Homem. Sua vida está limitada à existência atual? Entrando neste mundo sai ele do nada, e reentra no nada ao deixá-lo? Já tinha vivido antes e viverá outra vez? Como viverá e em que condições? Em uma palavra, de onde veio e para onde irá? Por que está sobre a Terra e por que sofre? Tais são as questões que cada um se põe porque têm, para todo mundo, um interesse capital, e que nenhuma doutrina deu ainda uma

solução racional. Isto que dá o Espiritismo, apoiado em fatos, satisfazendo às exigências da lógica e da justiça mais rigorosa, é uma das causas principais da rapidez de sua propagação.

O Espiritismo não é uma concepção pessoal nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações feitas em todos os pontos do globo e que convergem para o centro que os colige e coordena. Todos os seus princípios constituintes, sem exceção, são deduzidos da experiência. A experiência sempre tem precedido a teoria. O Espiritismo, assim se pensa, desde seu início, tem raízes por toda parte; a história não oferece nenhum exemplo de uma doutrina filosófica ou religiosa que tenha, em dez anos, reunido um tão grande número de adeptos; e, entretanto não empregou, para se fazer conhecer, nenhum dos métodos vulgarmente em uso; propagou-se por si mesma, pelos simpatizantes que encontrou.

É ainda evidente que a propagação do Espiritismo seguiu, desde sua origem, uma marcha constantemente ascendente, malgrado tudo que se fez para o entravar e desnaturar seu caráter, visando desacreditá-lo na opinião pública. É mesmo notável que tudo que se fez com esse propósito lhe favoreceu a difusão; o barulho que foi feito na ocasião levou as pessoas, que nunca haviam escutado dele falar, a conhecerem-no; quanto mais se o há difamado ou ridicularizado, quanto mais as declamações tenham sido violentas, mais se instigou a curiosidade; e como só podia sair ganhando no exame, resultou que seus adversários se fizeram, sem o querer, os seus ardentes propagadores; se as diatribes não lhe trouxeram nenhum prejuízo, foi porque, estudando-o em sua fonte verdadeira, se encontrou tudo diferente daquilo que havia sido sustentado. Na luta que sustentou, as pessoas imparciais constataram sua moderação: nunca usou de represálias contra os seus adversários nem devolveu injúria com injúria.

O Espiritismo é uma Doutrina filosófica que tem conseqüências religiosas, como toda filosofia espiritual; por isso mesmo, toca nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura; mas não é neste ponto uma religião constituída, visto que não há culto, nem rituais, nem templo, e que, entre seus adeptos, não há nenhum padre ou bispo. Essas qualificações são pura invenção da crítica. Só é Espírita quem simpatiza com os princípios da Doutrina, e quem nela conforma sua conduta. É uma opinião, como qualquer outra, que cada um deve ter o direito de professar, como se o tem de ser judeu, católico, protestante, fourierista, sansimoniano, voltariano, cartesiano, deísta e mesmo materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito natural, e a reclama para os seus, como para todo o mundo. Respeita todas as convicções sinceras, e demanda para si a reciprocidade. Da liberdade de consciência decorre o direito ao livre exame em matéria de fé. O espiritismo combate o princípio da fé cega por impor ao homem a abdicação de seu próprio

juízo; diz que toda fé imposta é sem raiz. É por isso que inscreveu na lista de suas máximas: «Não há fé inabalável senão aquela que pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da humanidade.» Conseqüente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a ninguém; ele quer ser aceito livremente e por convicção. Expõe suas Doutrinas e recebe aqueles que vêm a ele voluntariamente. Não procura tirar ninguém de suas convicções religiosas; não se dirige àqueles que têm uma fé e a quem essa fé satisfaz, mas àqueles que, não estando satisfeitos do que se lhes foi dado, procuram qualquer coisa melhor.»

Para completar este estudo sobre Allan Kardec e sua obra, e precisar o propósito que o Mestre queria assinar ao Espiritismo, cremos ser útil reproduzir, para terminar, as passagens seguintes do último capítulo da GÊNESE: Os tempos são chegados:

Nota do tradutor: Este item 14 não corresponde ao item de mesmo número da versão em português (37ª Ed. da FEB, 5ª Ed. Francesa), não tendo sido mesmo encontrado em nenhuma parte da Gênese. O item 15 abaixo corresponde aos itens 17 a 19 da Gênese.

Nº 14: A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito, e a encarnação não é senão uma forma temporária de sua existência. Exceto pela vestimenta exterior, há, pois, identidade entre os encarnados e os desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível, quanto ao mundo invisível, se reencontrando seja num seja no outro, convergindo num e no outro ao mesmo propósito, pelos meios apropriados à sua situação. Desta lei decorre aquela da perpetuidade da relação entre os seres; a morte não os separa e não dá término às suas relações simpáticas nem aos seus deveres recíprocos. Daí a SOLIDARIEDADE de todos por um, e de um por todos, daí também a FRATERNIDADE. Os homens não viverão felizes sobre a Terra senão quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e nos seus costumes, porque então o conformarão a suas leis e suas instituições. Isto será um dos principais resultados da transformação que se opera.

Mas como conciliar os deveres de solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte tornaria todos os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que une todos os seres, o Espiritismo funda este duplo princípio sobre as próprias leis da natureza. Ele fez disso não só um dever, mas uma necessidade. Por aquela da pluralidade das existências, o homem se relaciona a tudo que fez e a tudo que fará, aos homens do passado e aos homens do porvir; não pode mais dizer que não tem nada em comum com aqueles que morreram, uma vez que uns e outros se reencontram sem cessar, neste mundo e no outro, para ascenderem juntos a escada do progresso e se prestarem um apoio mútuo. A fraternidade não é mais circunscrita a alguns indivíduos que o acaso reúne durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a

vida do Espírito, universal como a humanidade, que constitui uma grande família em que todos os membros são solidários uns aos outros, qualquer que seja a época na qual morreram.

Tais são as idéias que ressaltam do Espiritismo, e que ele suscitará entre todos os homens quando estiver universalmente disseminado, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade, sinônima da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma palavra vã; ela tem sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce aquele da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de pessoa a pessoa, de raça a raça; estes dois sentimentos bem compreendidos forçosamente farão as instituições mais proveitosas ao bem estar de todos.”“.

17. — A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, se não estiver assentada sobre uma base inabalável; essa base é a fé, não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que se apedrejam mutuamente, porque, em se anatematizando, alimentam o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que toda o mundo pode aceitar: Deus, a alma, o porvir, O PROGRESSO INDIVIDUAL, INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, de que esse Deus, soberanamente justo e bom, não pode querer nada de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, se considerarão como os filhos do mesmo Pai e se estenderão às mãos. Essa a fé que o Espiritismo dá, e que será daqui por diante o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam seus modos de adoração e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas de que não se ocupa.

Com tal pensamento, onde estão realmente os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Somente essa fé fez o homem sentir sua dignidade pela perpetuidade da progressão de seu ser, não em um porvir mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido: este pensamento o eleva acima da Terra; se sente crescer sonhando que possui sua parte no universo; que esse universo é seu domínio que ele poderá percorrer um dia, e que a morte não fará dele uma nulidade, ou um ser inútil a si mesmo e aos outros. O progresso intelectual realizado até este dia nas mais largas proporções, é um grande passo, e marca uma primeira fase da Humanidade; mas sozinho é impotente para regenerá-la; enquanto o homem estiver dominado pelo orgulho e o egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos para proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; por isso que os aplica no aperfeiçoamento de meios de prejudicar os outros e de se destruir entre si.

Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, colocando um freio às paixões más; somente ele pode fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz, a

fraternidade. É ele que derrubará as barreiras entre os povos, que fará cair os preconceitos de casta e calar os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos chamados a se auxiliarem mutuamente e não a viver à custa uns dos outros. Será ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que reunirá os homens numa mesma crença estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em por isso, aceita por todos.

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, ferida desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.»

O Espiritismo e a Ciência

Paulo Antonio Ferreira

Na Introdução de O Livro dos Espíritos¹, item VII, Kardec se pronuncia sobre a Ciência dizendo:

"As ciências positivas repousam sobre as propriedades da matéria, as quais podem ser experimentadas e manipuladas à vontade; os fenômenos espíritas repousam sobre a ação de inteligências que têm vontade própria e que a todo instante provam que se não subordinam ao nosso capricho. (...) A Ciência, propriamente assim chamada, é, portanto, incompetente, como tal, a decidir na questão do Espiritismo; não tem que se haver com ele e seja, qual for a sua opinião, favorável ou não, não poderá ter significação".

Vemos o mesmo comentário em Einstein³ ao responder sobre se seria hora da fé ser substituída cada vez mais pelo conhecimento:

"Pois o método científico não pode nos ensinar nada mais além de como os fatos se relacionam e são condicionados entre si. (...) O conhecimento objetivo nos oferece poderosos instrumentos para o alcance de certos fins, mas a própria meta máxima e o desejo de alcançá-la devem vir de outra fonte. Aqui nos deparamos, portanto com os limites da concepção puramente racional da nossa existência (...)".

Mas com isso, quereria Kardec dizer que devemos banir a Ciência do meio espírita? Não, Kardec se referia apenas aos detratores do Espiritismo. Se lermos com mais cuidado, com isenção de ânimos, podemos constatar, neste mesmo item VII de "O livro dos Espíritos", que Kardec não tinha preconceito contra a Ciência:

"Não somos daqueles que demonstram indiferença na consideração aos homens de Ciência. Ao contrário os temos em alta estima e sentir-nos-íamos muito honrados se contássemos com alguns deles".

E mais adiante no mesmo item:

"O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que, como indivíduos podem ter os cientistas, abstração feita de sua condição de cientistas".

É mesmo um mau hábito o fazer críticas apressadas e gratuitas, generalizando em vez de analisar, falando de assunto sobre o qual nada conhecem, como as que costumamos encontrar nos jornais e revistas espíritas e em reuniões em Centros Espíritas, quando o assunto é Ciência. Como diria Kardec, agora no item VIII da mesma referência:

"Acrescentamos que o estudo de uma doutrina, qual a espírita, que de chofre nos lança numa ordem de coisas tão nova e tão grande, só seria feito com proveito por homens sérios, perseverantes, isentos de preconceitos e animados por uma vontade firme e sincera de chegar a um resultado. Tal classificação não poderia ser aplicada aos que julgam a priori, levemente e sem que tivessem visto tudo... tampouco poderia ser aplicado àqueles que, para não diminuírem o conceito em que são tidos como homens de 'espírito', se estafam por encontrarem um lado ridículo nas coisas mais verdadeiras".

Embora ele estivesse falando dos cientistas que procuravam ridicularizar o espiritismo, havia a pressuposição implícita de que os espíritas não possuíam esses vícios. Este o primeiro objetivo deste artigo, eliminar do meio espírita o preconceito que ainda existe contra a Ciência. Como segundo objetivo podemos colocar a questão de se a Ciência está apta a julgar a existência ou não da alma. Como vimos nas duas primeiras citações acima, tanto os espíritas quanto os cientistas estão de acordo que não é da competência da Ciência falar desses assuntos. Significa isso mais um motivo para o espiritismo se afastar da Ciência? É claro que não, e Kardec já dizia isso em A Gênese² (pág. 20):

"O Espiritismo e a ciência se complementam um pelo outro. A ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência lhe faltaria apoio e controle. O estudo das leis da matéria deveria preceder ao da espiritualidade, porque é a matéria que fere, primeiramente, os sentidos. O Espiritismo, vindo antes das descobertas científicas, teria sido obra abortada, como tudo o que vem antes de seu tempo".

E assim também Einstein³ em sua famosa frase:

"A ciência sem religião é manca, a religião sem a ciência é cega". (pág.144)

Mas o que dizer de um livro como “A Estrutura da matéria segundo os Espíritos?” Estaria tentando provar a existência da alma? Como poderia um livro ditado por espíritos, transmitindo conhecimentos dados em um curso no plano espiritual, justificar o Espiritismo para a Ciência mais do que o Espiritismo já o faz? Como pode um livro querer provar a existência dos Espíritos mais do que o próprio Espiritismo já o faz para aqueles que ainda não são espíritas? Considero este livro como uma notícia do plano espiritual sobre os estudos que estão sendo feitos por um grupo de Espíritos, constituindo-se numa demonstração do adiantamento de seus estudos, é verdade, mas que de nenhuma forma pode ser considerado uma teoria científica, embora possa servir de fonte de inspiração para cientistas que queiram dedicar suas vidas a isso. Ao invés de provar a existência da alma, ele está, principalmente, contribuindo para trazer os argumentos que faltavam para silenciar os detratores do Espiritismo, que se valem da Ciência para conseguir seus objetivos, ao demonstrar cientificamente a possibilidade de outros planos da existência.

E o que dizer dos progressos científicos, poderão um dia tornar o espiritismo obsoleto? É Kardec ainda que responde em A Gênese² (pág.40):

“O último caráter da revelação espírita, e que ressalta das próprias condições nas quais está feita, é que, apoiando-se sobre fatos, não pode ser senão essencialmente progressiva como todas as ciências de observação. Por sua essência, contrai aliança com a Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza em certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, autor dessas leis. As descobertas da ciência glorificam Deus em lugar de diminuí-lo; elas não destroem senão o que os homens estabeleceram sobre idéias falsas que fizeram de Deus. (...) O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita”.

Finalmente um último objetivo deste trabalho é responder à questão: - Deve um espírita se preocupar com estudos científicos? Vejamos de novo o que nos falam os espíritos a respeito no Livro dos Espíritos¹, na descrição da Escala Espírita, Segunda Ordem - Bons Espíritos:

"109. Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS. O que os distingue é, especialmente, a extensão dos conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm mais aptidão; mas só encaram a Ciência do ponto de vista de sua utilidade e não misturam com qualquer das paixões características dos Espíritos imperfeitos”.

"111. Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES. Reúnem Ciência, sabedoria e bondade. Sua linguagem só transpira benevolência: é sempre digna, elevada, por vezes sublime. Sua superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos darem as mais justas noções sobre as

coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites de conhecimento permissíveis ao homem. Comunicam-se de boa vontade com os que de boa fé buscam a verdade e cuja alma seja bastante desprendida dos laços terrenos para a compreender; mas afastam-se dos que são movidos pela curiosidade ou que, por influência da matéria, se desviam da prática do bem”.

Assim no meu entender, se todos vamos um dia chegar à perfeição, todos teremos de estudar ciência. Alguns o fazem antes de progredir na parte moral e outros primeiro avançam na evolução moral, mas todos devem atingir um nível elevado de moral e conhecimento científico. Portanto, não há razão para discriminarmos agora os cientistas. É verdade que muitos cientistas são ateus, materialistas, e empregam seu conhecimento para o mal desenvolvendo armamentos, vírus mortais, agrotóxicos, poluentes, clones e toda sorte de tecnologias que de alguma forma são contra a ética e a moral como a entendemos. Mas muitos se dedicam à pesquisa de medicamentos, vacinas, seleção de sementes, materiais substitutos biodegradáveis, e tecnologias que facilitam o trabalho humano, aumentam a produção de alimentos e permitirá no futuro um controle ainda maior sobre as doenças. Alguns poucos já são espíritas, tendo abandonado aquele tipo de pesquisa antiética, como condição indispensável para continuar sua evolução espiritual, e hoje podem estar se dedicando à divulgação do espiritismo.

Entretanto esta conclusão não deve nos levar a outra, de que o Espiritismo como doutrina, deva se ocupar dos estudos científicos. As teorias científicas são sempre transitórias e se tornam obsoletas, sendo substituídas por outras mais avançadas. Isto é válido mesmo quando um ensinamento nos for transferido por comunicação espírita, como se pode constatar nesta afirmação em A Gênese² (pág.43):

Os Espíritos não vêm para livrar o homem do trabalho do estudo e das pesquisas; não lhe trazem nenhuma ciência pronta; o que pode encontrar, ele mesmo, deixam-no às suas próprias forças; é o que os espíritas sabem perfeitamente hoje. Desde muito tempo, a experiência demonstrou o erro da opinião que atribuía, aos Espíritos, todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava dirigir-se ao primeiro Espírito que chegasse para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, os Espíritos lhe são uma das faces; como sobre a Terra os há superiores e vulgares; muitos deles sabem, pois, científica e filosoficamente, menos do que certos homens; dizem o que sabem, nem mais nem menos; como entre os homens, os mais avançados podem nos informar sobre mais coisas, dar-nos conselhos mais judiciosos do que os atrasados. Pedir conselho aos Espíritos não é dirigir-se às forças sobrenaturais, mas aos semelhantes, àqueles mesmos a quem nos teríamos dirigido em seu viver: aos parentes, aos amigos, ou aos indivíduos mais esclarecidos do que nós.

Rio de Janeiro, 28 de Outubro de 1999.

Referências:

- ¹ - "O Livro dos Espíritos" – Allan Kardec – FEB.
- ² - "A Gênese" – Allan Kardec – FEB.
- ³ - "Einstein viveu aqui" - Abraham Pais - Ed. Nova Fronteira, 1997.

O Fluido Cósmico Universal

Paulo Antonio Ferreira

O FCU ou Fluido Cósmico Universal foi o nome dado pelos Espíritos ao fluido elementar imponderável que serve como intermediário entre o Espírito e a matéria¹, que permite a adesão das partículas de matéria e apresenta inúmeras combinações que são observadas como campo eletromagnético e como fluido vital², sendo ainda o princípio da matéria pesada³.

Comparando com os conceitos da Física, poderíamos associá-lo ao éter, ao campo, ao espaço e à energia. Entretanto esses conceitos da ciência são limitados porque só são válidos no contexto particular ou teoria em que são mencionados. Por outro lado, os conceitos da Física têm variado com o passar do tempo. Por exemplo:

- O conceito de campo teve diferentes significados dados por Mach, Maxwell, e Einstein. Na física clássica do século IX o campo só existia no interior dos corpos materiais sendo um conceito auxiliar. Na virada do século XX verificou-se que os fenômenos de interferência e propagação da luz podiam ser mais bem explicados se considerássemos a luz se propagando num campo capaz de existir também no espaço vazio, o que implicava na existência do éter como um espaço em repouso absoluto. Mas a Teoria da Relatividade Especial tornou insustentável a hipótese de um éter em repouso. O campo passou então a ser um elemento irreduzível da descrição física, tendo sido necessário renunciar à idéia de que o campo eletromagnético deva ser considerado como um estado de um substrato material. Hoje, com a teoria do campo quântico, a palavra campo representa algo bem diverso do seu significado inicial, possuindo propriedades mecânico-quânticas e partículas associadas.
- A palavra fluido também variou muito desde a época de Kardec quando o éter era pensado como um fluido em repouso. Hoje, em Física, a palavra fluido é um nome associado apenas a substâncias materiais como os gases e os líquidos, indicando a possibilidade de movimento relativo interno.

- Mesmo o conceito de espaço mudou com a teoria da Relatividade Especial, passando a ser um contínuo quadridimensional onde tempo e espaço passou a ser equivalente, e depois mudou com a Teoria da Relatividade Geral, pois foi dotado de curvatura que depende da quantidade de matéria presente. Na atualidade já foi detectado o arrastamento da estrutura do espaço próximo de buracos negros, deixando o espaço assim de ser considerado como tendo existência independente, ou de ser apenas uma entidade matemática, para ter uma existência objetiva, solidária com a matéria. Mas, diferentemente dos físicos relativistas, os físicos de partículas vêem o espaço-tempo como um cenário de fundo fixo no qual os grávitons (partículas do campo gravitacional) e outros quantos (como os fótons do campo eletromagnético) podem interagir e se propagar. Para os físicos que estudam a teoria das cordas supersimétricas o espaço-tempo deve ter dez dimensões sendo que as dimensões extras são "invisíveis" porque elas se enrolam em círculos muito pequenos, do tamanho do comprimento de Planck (10^{-35} m!). Assim, ninguém poderá afirmar que os conceitos atuais da Física não continuarão mudando com o advento de novas teorias no futuro.

Que nome seria escolhido hoje para designar algo que explicasse tanto os campos quanto a energia, o espaço, o fluido vital e que ainda fosse o elemento do qual matéria e antimatéria fossem constituídas? Um elemento assim seria amplo, universal em sua capacidade de explicar tudo, e teria características análogas a um fluido em sua aceção atual, e preencheria o espaço cósmico. Que nome seria melhor do que Fluido Cósmico Universal? Se associarmos o FCU aos conceitos da ciência da época de Kardec isso pareceria um tanto ultrapassado. Mas quem pode dizer que o conceito transmitido pelos Espíritos não era mais parecido com os conceitos atuais da ciência ou quiçá ainda mais avançados, tendo sido interpretado por Kardec pela compreensão que se tinha atingido até então? Se lermos com esse novo enfoque as respostas do Livro dos Espíritos não teremos dúvidas quanto a isso. E o livro "A Estrutura da Matéria segundo os Espíritos" conceitua o FCU como um campo contendo como partículas associadas às partículas elementares, partículas elementares essas ainda não estudadas pela ciência.

Estou certo de que um dia a Física adotará esse nome ou outro similar para designar a substância elementar constitutiva do espaço e da matéria. Nesse dia um tributo será prestado ao Espiritismo por ter salvado esse termo que nos foi dado pelos Espíritos. Em alguns casos devemos usar palavras diferentes das usadas por Kardec, para sermos mais bem entendidos por todos, mas no caso do FCU não faz sentido estarmos atualizados com a ciência terrestre quando essa ciência ainda está engatinhando quando comparada à ciência dos Espíritos⁴. Além disso, não devemos nos preocupar tanto com revisões da Doutrina. Os livros básicos da Doutrina Espírita devem ser

deixados como estão. Seria uma grande pretensão nossa acharmos que estamos hoje muito adiantados e que os conceitos transmitidos pelos Espíritos estariam ultrapassados. À vista das constantes mudanças do significado das palavras com a evolução da Física, como vimos acima, teríamos que estar então preparados para reescrever os livros da Doutrina Espírita quase que anualmente.

Usemos, portanto termos atualizados em nossas palestras, artigos e novos livros, fazendo o devido paralelo com os termos da Doutrina para que todos possam entendê-los, mas não nos esqueçamos que são só palavras, conforme nos foi dito pelos Espíritos⁵:

- "As palavras pouco importam: Cabe-vos formular vossa linguagem de modo que possais entender uns aos outros. Quase sempre vossas disputas vêm de que não vos entendeis quanto às palavras, porque vossa linguagem é incompleta em relação às coisas que não vos ferem os sentidos".

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 2000.

¹ - "O Livro dos Espíritos" - Allan Kardec - Cap. II pergunta 27, FEB.

² - "O Livro dos Espíritos" - Allan Kardec - Cap. II pergunta 64, FEB.

³ - "O Livro dos Espíritos" - Allan Kardec - Cap. II pergunta 29, FEB.

⁴ - "O Livro dos Médiuns" - Allan Kardec - Cap. XXVI, item 293, pergunta 25, FEB.

⁵ - "O Livro dos Espíritos" - Allan Kardec - Cap. II pergunta 28, FEB.

O Porquê da Vida

Léon Denis

Traduzido por: Paulo A Ferreira

Revisado por: Lucia F. Ferreira

SOLUÇÃO RACIONAL
DO PROBLEMA DA EXISTÊNCIA

O que somos?

De onde viemos?

Para onde vamos?

ÀQUELES QUE SOFREM

É a vocês, ó meus irmãos e irmãs em humanidade, a todos vocês a quem o fardo da vida tem curvado, a vocês a quem as ásperas lutas, os cuidados, as provas têm sobrecarregado, que dedico estas páginas. É à intenção de vocês, aflitos, deserdados deste mundo, que escrevo. Humilde pioneiro da verdade e do progresso coloca nelas o fruto de minhas vigílias, de minhas reflexões, de minhas esperanças, de tudo que me tem consolado, sustentado na minha caminhada aqui em baixo.

Possa vocês aí encontrar alguns ensinamentos úteis, um pouco de luz para aclarar os seus caminhos. Possa esta obra modesta ser para seus espíritos entristecidos aquilo que a sombra representa para o trabalhador queimado de sol, aquilo que representa, nos desertos áridos, a fonte límpida e refrescante se ofertando aos olhos do viajante sedento!

I - DEVER E LIBERDADE

Quem é que, nas horas de silêncio e recolhimento, nunca interrogou à natureza e ao seu próprio coração, perguntando-lhes o segredo das coisas, o porquê da vida, a razão de ser do universo? Onde está aquele que jamais procurou conhecer seu destino, levantar o véu da morte, saber se Deus é uma ficção ou uma realidade? Não seria um ser humano, por mais descuidado que fosse, se não tivesse considerado, algumas vezes, esses tremendos problemas. A dificuldade de os resolver, a incoerência e a multiplicidade das teorias que têm sido feitas, as deploráveis conseqüências que decorrem da maior parte dos sistemas já divulgados, todo esse conjunto confuso, fatigando o espírito humano, os têm relegado à indiferença e ao ceticismo.

Portanto, o homem tem necessidade do saber, da luz que esclareça, da esperança que console, da certeza que o guie e sustente. Mas tem também os meios para conhecer, a possibilidade de ver a verdade se destacar das trevas e o inundar de sua benfazeja luz. Para isso, deve se desligar dos sistemas preconcebidos, descer ao fundo de si mesmo, ouvir a voz interior que nos fala a todos, e que os sofismas não podem enganar: a voz da razão, a voz da consciência.

Assim tenho feito. Por muito tempo refleti, meditei sobre os problemas da vida e da morte e com perseverança sondei esses profundos abismos. Dirigi à Eterna Sabedoria um ardente apelo e Ela me respondeu, como sempre responde a todos.

Com o espírito animado do amor ao bem, provas evidentes e fatos da observação direta vieram confirmar as deduções do meu pensamento, oferecer às minhas convicções uma base sólida e

inabalável. Após haver duvidado, acreditei, após haver negado, vi. E a paz, a confiança e a força moral desceram em mim. Esses são os bens que, na sinceridade de meu coração desejoso de ser útil aos meus semelhantes, venho oferecer àqueles que sofrem e se desesperam.

Jamais a necessidade de luz fez-se sentir de maneira mais imperiosa. Uma imensa transformação se opera no seio das sociedades. Após haver sido submetido, durante uma longa seqüência de séculos, aos princípios da autoridade, o homem aspira cada vez mais a libertar-se de todo entrave e a dirigir a si próprio. Ao mesmo tempo em que as instituições políticas e sociais se modificam, as crenças religiosas e a fé nos dogmas se tornam enfraquecidas. É ainda uma das conseqüências da liberdade em sua aplicação às coisas do pensamento e da consciência. A liberdade, em todos os domínios, tende a substituir a coação e o autoritarismo e a guiar as nações para horizontes novos. O direito de alguns se torna o direito de todos; mas, para que esse direito soberano esteja conforme com a justiça e traga seus frutos, é preciso que o conhecimento das leis morais venha regulamentar seu exercício. Para que a liberdade seja fecunda, para que ofereça às ações humanas uma base certa e durável, deve ser complementada pela luz, pela sabedoria e pela verdade. A liberdade, para os homens ignorantes e viciosos, não seria como uma arma possante nas mãos da criança? A arma, nesse caso, freqüentemente se volta contra aquele que a porta e o fere.

II - OS PROBLEMAS DA EXISTÊNCIA

O que importa ao homem saber, acima de tudo, é: o que ele é, de onde vem, para onde vai, qual o seu destino. As idéias que fazemos do universo e de suas leis, da função que cada um deve exercer sobre este vasto teatro, são de uma importância capital. Por elas dirigimos nossos atos. Consultando-as, estabelecemos um objetivo em nossas vidas e para ele caminhamos. Nisso está a base, o que verdadeiramente motiva toda civilização. Tão superficial é seu ideal, quanto superficial é o homem. Para as coletividades, como para o indivíduo, é a concepção do mundo e da vida que determina os deveres, fixa o caminho a seguir e as resoluções a adotar.

Mas, como dissemos, a dificuldade em resolver esses problemas, muito freqüentemente, nos faz rejeitá-los. A opinião da grande maioria é vacilante e indecisa, seus atos e caracteres disso sofrem a conseqüência. É o mal da época, a causa da perturbação à qual se mantém presa. Tem-se o instinto do progresso, pode-se caminhar, mas, para chegar aonde? É nisto que não se pensa o bastante. O homem, ignorante de seus destinos, é semelhante a um viajante que percorre maquinalmente um caminho sem conhecer o ponto de partida nem o de chegada, sem saber

porque viaja e que, por conseguinte, está sempre disposto a parar ao menor obstáculo, perdendo tempo e descuidando-se do objetivo a atingir.

A insuficiência e obscuridade das doutrinas religiosas e os abusos que têm engendrado, lançam numerosos espíritos ao materialismo. Crê-se, voluntariamente, que tudo acaba com a morte, que o homem não tem outro destino senão o de se esvanecer no nada.

Demonstraremos a seguir como esta maneira de ver está em oposição flagrante à experiência e à razão. Digamos, desde já, que está destituída de toda noção de justiça e progresso.

Se a vida estivesse circunscrita ao período que vai do berço à tumba, se as perspectivas da imortalidade não viessem esclarecer sua existência, o homem não teria outra lei senão a de seus instintos, apetites e gozos. Pouco importaria que amasse o bem e a equidade. Se não faz senão aparecer e desaparecer nesse mundo, se traz consigo o esquecimento de suas esperanças e afeições sofreriam tanto mais quanto mais puras e mais elevadas fossem suas aspirações; amando a justiça, soldado do direito, acreditar-se-ia condenado a quase nunca ver sua realização; apaixonado pelo progresso, sensível aos males de seus semelhantes, imaginaria que se extinguiria antes de ver triunfarem seus princípios.

Com a perspectiva do nada, quanto mais tivesse praticado o devotamento e a justiça, mais sua vida seria fértil em amarguras e decepções. O egoísmo, bem compreendido, seria a suprema sabedoria; a existência perderia toda sua grandeza e dignidade. As mais nobres faculdades e as mais generosas tendências do espírito humano terminariam por se dobrar e extinguir inteiramente. A negação da vida futura suprime também toda sanção moral. Com ela, quer sejam bons ou maus, criminosos ou sublimes, todos os atos levariam aos mesmos resultados. Não haveria compensações às existências miseráveis, à obscuridade, à opressão, à dor; não haveria consolação nas provas, esperança para os aflitos. Nenhuma diferença se poderia esperar, no porvir, entre o egoísta, que viveu somente para si, e freqüentemente na dependência de seus semelhantes, e o mártir ou o apóstolo que sofreu, que sucumbiu em combate para a emancipação e o progresso da raça humana. A mesma treva lhes serviria de mortalha.

Se tudo terminasse com a morte o ser não teria nenhuma razão de se constringer, de conter seus instintos e seus gostos. Fora das leis terrestres, ninguém o poderia deter. O bem e o mal, o justo e o injusto se confundiriam igualmente e se misturariam no nada. E o suicídio seria sempre um meio de escapar aos rigores das leis humanas.

A crença no nada, ao mesmo tempo em que arruína toda sanção moral, deixa sem solução o problema da desigualdade das existências, naquilo que toca à diversidade das faculdades, das aptidões, das situações e dos méritos. Com efeito, por que a uns todos os dons de espírito e do

coração e os favores da fortuna, enquanto que tantos outros não têm compartilhado senão a pobreza intelectual, os vícios e a miséria? Por que, na mesma família, parentes e irmãos, saídos da mesma carne e do mesmo sangue, diferem essencialmente sobre tantos pontos? Tantas questões insolúveis para os materialistas e que podem ser respondidas tão bem pelos crentes. Essas questões, nós iremos examinar brevemente à luz da razão.

III - ESPÍRITO E MATÉRIA

Não há efeito sem causa; nada procede do nada. Esses são axiomas, isto é, verdades incontestáveis. Ora, como se constata em cada um de nós a existência de forças e de poderes que não podem ser considerados como materiais, há a necessidade, para explicar sua causa, de se chegar a uma outra fonte além da matéria, a esse princípio que chamamos alma ou espírito.

Quando, descendo ao fundo de nós mesmos, querendo aprender a nos conhecer, a analisar nossas faculdades; quando, afastando de nossa alma a borra que a vida acumula, o espesso envelope de preconceitos, erros e sofismas que têm revestido nossa inteligência; penetrando nos recessos mais íntimos de nosso ser, encontramos face a face com esses princípios augustos sem os quais não haveria grandeza para a humanidade: o amor ao bem, o sentimento de justiça e de progresso. Esses princípios, que se encontram em diversos graus, tanto entre os ignorantes quanto entre os homens de gênio, não podem vir da matéria, desprovida que está de tais atributos. E se a matéria não possui essas qualidades, como poderia formar, sozinha, os seres que delas são dotados? O senso do belo e do verdadeiro, a admiração que sentimos pelas grandes e generosas obras, não poderia ter a mesma origem que a carne de nossos membros ou o sangue de nossas veias. Está lá, na sua maior parte, como os reflexos de uma luz sublime e pura que brilha em cada um de nós, da mesma forma que o sol se reflete sobre as águas, quer estejam perturbadas ou límpidas.

Em vão se pretende que tudo seja matéria. E apesar de que ainda que nos ressintamos de poderosos impulsos de amor e de bondade, já conseguimos amar a virtude, o devotamento, o heroísmo; o sentimento da beleza moral está gravado em nós; a harmonia das coisas e das leis nos penetra, nos arrebatam. E, com tudo isso, nada nos distinguiria da matéria? Sentimos, amamos, possuímos consciência, vontade e razão e procederíamos de uma causa que não encerra essas qualidades em nenhum grau, de uma causa que não sente, não ama nem conhece nada, que é cega e muda? Superiores à força que nos produziu, seríamos mais perfeitos e melhores que ela!

Uma tal maneira de ver não suporta um exame. O homem participa de duas naturezas. Por seu corpo, por seus órgãos, deriva da matéria; por suas faculdades intelectuais e morais, é espírito.

Dizendo ainda mais exatamente, relativamente ao corpo humano, os órgãos que compõem essa admirável máquina são semelhantes a rodas incapazes de agir sem um motor, sem uma vontade que as coloque em ação. Esse motor é a alma. Um terceiro elemento religa os dois outros, transmitindo aos órgãos as ordens do pensamento. Esse elemento é o perispírito, matéria etérea que escapa aos nossos sentidos. Envolve a alma, acompanha-a após a morte nas suas peregrinações infinitas, depurando-se, progredindo com ela, constituindo um corpo diáfano, vaporoso. Voltaremos, mais adiante, a comentar sobre a existência desse perispírito, chamado também de duplo fluídico (1).

O espírito jaz na matéria como um prisioneiro em sua cela; os sentidos são as aberturas pelas quais se comunica com o mundo exterior. Mas, enquanto a matéria, cedo ou tarde, declina, periclita e se desagrega, o espírito aumenta em poder, fortifica-se pela educação e experiência. Suas aspirações se engrandecem, se estendem para além do túmulo; sua necessidade de saber, de conhecer e de viver não tem limites. Tudo mostra que o ser humano pertence apenas temporariamente à matéria. O corpo não é senão uma vestimenta emprestada, uma forma passageira, um instrumento com a ajuda do qual a alma prossegue, nesse mundo, sua obra de depuração e de progresso. A vida espiritual é as vidas normais, verdadeiras, sem fim.

IV - HARMONIA DO UNIVERSO

Vimos acima à existência em nós de um princípio inteligente e racional; retornamos agora até a fonte de onde decorre para explicar sua origem pelo encadeamento das causas e dos efeitos. Os homens chamam essa fonte, na sua pobre e insuficiente linguagem, de Deus.

Deus é o centro de onde emanam e para onde retornam todas as potências do Universo. Ele é o foco de onde se irradia toda idéia de justiça, solidariedade e amor; o objetivo comum para o qual todos os seres se encaminham, consciente ou inconscientemente. É de nosso relacionamento com o grande Arquiteto dos mundos que decorrem a harmonia universal, a comunidade e a fraternidade. Para sermos irmãos, com efeito, é preciso haver um pai comum, e esse pai somente pode ser Deus.

Deus, dirá você, tem estado presente sob aspectos tão estranhos, por vezes tão revoltantes para os homens crentes, que o espírito moderno se está afastando d'Ele. Mas que importam essas divagações sectárias? Pretender que Deus possa ser diminuído pelos propósitos dos homens

equivale a dizer que o monte Branco e o Himalaia possam ser manchados pelo sopro de um mosquito. A verdade paira radiosa, deslumbrante, bem acima das obscuridades teológicas.

Para entrever esta verdade, o pensamento deve se desligar das regras estreitas, das práticas vulgares, rejeitar as formas pueris com as quais certas religiões têm envolvido o supremo ideal. Deve estudar Deus na majestade de suas obras.

Na hora em que tudo repousa nas nossas cidades, quando a noite está transparente e o silêncio se faz sobre a terra adormecida, então, ó homens, meus irmãos, elevem seus olhos e contemplem o infinito dos céus!

Observem as marchas ritmadas dos astros, evoluindo nas profundezas. Esses fogos inumeráveis são mundos perto dos quais a Terra não é mais que um átomo, sóis prodigiosos contornados por cortejos de esferas e dos quais as distâncias espantosas que nos separam se medem por milhões de anos-luz. Por isso nos parecem simples pontos luminosos. Mas, dirijam para eles esse olho colossal da ciência, o radiotelescópio, e vocês distinguirão suas superfícies, semelhantes a oceanos em chamas.

Procurem em vão contá-los; eles se multiplicam até nas regiões mais remotas e confundem-se na distância, como uma poeira luminosa. Observem também, como sobre os mundos vizinhos da Terra se desenham os vales e as montanhas, mares são cavados, nuvens se movem. Reconheçam que as manifestações da vida se produzem por toda parte, e que uma ordem admirável une, sob leis uniformes e por destinos comuns, a Terra e seus irmãos, os planetas errantes no infinito. Verifiquem que todos esses mundos, habitados por outras sociedades humanas, se agitam, se afastam e aproximam dotados de velocidades diversas, percorrendo orbes imensos; por todo lado o movimento, a atividade e a vida se mostram em um espetáculo grandioso. Observem nosso próprio globo, a Terra, que parece nos dizer: « Vossa carne é a minha, vossos entes minhas crianças ». Observem-na, esta grande ama de leite da humanidade; vejam a harmonia de seus contornos, seus continentes, no seio dos quais as nações germinam e crescem, seus vastos oceanos sempre em movimento; acompanhem a renovação das estações revestindo-a, cada vez, de verdes adornos ou de louras colheitas; contemplem os seres vivos que a povoam: pássaros, insetos, plantas e flores; cada um deles é um cinzelado maravilhoso, uma jóia do estojo divino. Observem a si mesmos; vejam o desempenho admirável de seus órgãos, o mecanismo maravilhoso e complicado de seus sentidos. Que gênio humano poderia imitar essas delicadas obras-primas?

Considerem todas essas coisas e perguntem à sua razão se tanta beleza, esplendor e harmonia, podem resultar do acaso, ou se não existe, sobretudo, uma causa inteligente presidindo a ordem

do mundo e a evolução da vida. E se vocês me opusessem os flagelos, as catástrofes, tudo o que vem perturbar essa ordem admirável, lhes responderia: Sondem os problemas da natureza, não se fixem na superfície, desçam ao fundo das coisas e descobrirão, com surpresa, que as aparentes contradições mais não fazem que confirmar as harmonias gerais, que são úteis ao progresso dos seres, único propósito da existência.

Se Deus fez o mundo, replicam triunfalmente certos materialistas, quem então fez Deus? Esta objeção não tem sentido. Deus não é um ser que se junte à série dos seres. Ele é o Ser universal, sem limites no tempo e no espaço, por consequência infinito, eterno. Não pode haver nenhum ser acima nem ao lado dele. Deus é a fonte e o princípio de toda vida. É por ele que se religam, unem e harmonizam todas as forças individuais, e que sem Ele estariam isoladas e divergentes.

Abandonadas a si mesmas, não estando regidas por uma lei, uma vontade superior, essas forças não teriam produzido senão confusão e caos. O fato de existir um plano geral, um propósito comum, do qual participe todas as potências do universo, prova à existência de uma causa, uma inteligência suprema, que é Deus.

V - AS VIDAS SUCESSIVAS

Como tínhamos dito o homem deve antes de tudo aprender a se conhecer a fim de clarear seu porvir. Para caminhar com passo firme, precisa saber para onde vai. É conformando seus atos com as leis superiores que o homem trabalhará eficazmente para a própria melhoria e do meio social. O importante é discernir essas leis, determinar os deveres que elas nos impõem, prever as consequências de suas ações. O dia em que estiver compenetrado da grandeza de sua função, o ser humano poderá melhor se desapegar daquilo que o diminui e rebaixa; poderá se governar com sabedoria, preparar por seus esforços a união fecunda dos homens em uma grande família de irmãos.

Mas estamos longe desse estado de coisas. Ainda que a humanidade avance na via do progresso, pode-se dizer, entretanto, que a imensa maioria de seus membros caminha pela via comum, em meio à noite escura, ignorante de si mesma, nada compreendendo do propósito real da existência.

Espessas trevas obscurecem a razão humana. As radiações da verdade chegam empalidecidas, enfraquecidas, impotentes para aclarar as rotas sinuosas trilhadas pelas inumeráveis legiões em marcha e para fazer resplender aos seus olhos o objetivo ideal e longínquo.

Ignorando seus destinos, flutuando sem cessar entre o preconceito e o erro, o homem maldiz, por vezes, a vida. Curvando-se sob seu fardo, lança sobre seus semelhantes à culpa das provas que suporta e que, muito freqüentemente, são geradas por sua imprevidência. Revoltado contra Deus,

a quem acusa de injustiça, chega mesmo, algumas vezes, na sua loucura e desespero, a desertar do combate salutar, da luta que, por si só, poderia fortificar sua alma, esclarecer seu julgamento, prepará-lo para os trabalhos de uma ordem mais elevada.

Por que é assim? Por que o homem desce fraco e desarmado na grande arena onde trava sem trégua, sem descanso, a eterna e gigantesca batalha? É porque este globo, a Terra, está em um degrau inferior na escala dos mundos. Aqui residem em sua maior parte espíritos infantis, isto é, almas nascidas há pouco tempo para a razão. A matéria reina soberana em nosso mundo. Nos curva sob seu jugo, limita nossas faculdades, estanca nossos impulsos para o bem e nossas aspirações para o ideal.

Além disso, para discernir o porquê da vida, para entrever a lei suprema que rege as almas e os mundos, é preciso saber se libertar dessas pesadas influências, desapegar-se das preocupações de ordem material, de todas essas coisas passageiras e cambiantes que encobrem nosso espírito e que obscurecem nossos julgamentos. É nos elevando pelo pensamento acima dos horizontes da vida, fazendo abstração do tempo e do lugar, pairando, de alguma forma, acima dos detalhes da existência, que perceberemos a verdade.

Por um esforço de vontade, abandonemos um instante a Terra e gravitemos nessas alturas imponentes. De cima se desenrolará para nós o imenso panorama das idades sem conta, e dos espaços sem limites. Da mesma forma que o soldado, perdido no conflito, não vê senão confusão em torno dele, enquanto o general, cujo olhar abraça todas as peripécias da batalha, calcula e prevê os resultados; da mesma forma que o viajante, perdido nas sinuosidades do terreno pode, escalando a montanha, vê-las se fundir em um plano grandioso; assim a alma humana, da altura onde plana, longe dos ruídos da terra e longe dos baixios obscuros, descobre a harmonia universal. Aquilo que, aqui em baixo, lhe parece contraditório, inexplicável e injusto, quando visto do alto, se reata, se aclara; as sinuosidades do caminho se endireitam; tudo se une, se encadeia; ao espírito, fascinado, aparece à ordem majestosa que regula o curso das existências e a marcha do universo.

Dessas alturas iluminadas, a vida não é mais, para os nossos olhos, como é para os da multidão - uma vã perseguição de satisfações efêmeras - mas antes um meio de aperfeiçoamento intelectual, de elevação moral, uma escola onde se aprende a doçura, a paciência e o dever. E essa vida, para ser eficaz, não pode ser isolada. Fora de seus limites, antes do nascimento e após a morte, vemos, em uma espécie de penumbra, desenrolarem-se inúmeras existências através das quais, ao preço do trabalho e do sofrimento, conquistamos, peça por peça, retalho por retalho,

o pouco de saber e de qualidades que possuímos; por elas igualmente conquistaremos o que nos falta: uma razão perfeita, uma ciência sem lacunas, um amor infinito por tudo que vive.

A imortalidade se assemelha a uma cadeia sem fim e se desenrola para cada um de nós na imensidade dos tempos. Cada existência é um elo que se religa, na frente e atrás, a elos distintos, a vidas diferentes, mas solidárias entre si. O presente é a consequência do passado e a preparação do futuro. De degrau em degrau, o ser se eleva e cresce. Artesã de seu próprio destino, a alma humana, livre e responsável, escolhe seu caminho e, se este caminho é mau, as quedas que advirão, as pedras e os espinhos que a dilacerarão, terão o efeito de desenvolver sua experiência e esclarecer sua razão nascente.

VI - JUSTIÇA E PROGRESSO

A lei superior do universo é o progresso incessante, a ascensão dos seres para Deus, foco das perfeições. Das profundezas do abismo da vida, por uma rota infinita e uma evolução constante, nos aproximamos d'Ele. No fundo de cada alma está depositado o germe de todas as faculdades, de todos os poderes cabendo a ela fazê-los eclodir por seus esforços e seus trabalhos. Visto sob este aspecto, nosso avanço e felicidade futura, são obra nossa. A Graça não tem mais razão de ser. A justiça se irradia sobre o mundo porque, se todos tivermos lutado e sofrido, todos seremos salvos.

Da mesma forma, revela-se aqui em toda sua grandeza a função da dor e sua utilidade para o avanço dos seres. Cada globo, girando no espaço, é vasta oficina onde incessantemente trabalha a substância espiritual. Assim como o mineral grosseiro, quando sob a ação do fogo e da água, transforma-se pouco a pouco em metal puro, também a alma humana, sob os pesados martelos da dor se transforma e fortifica. É por meio das provas que se temperam os grandes caracteres. A dor é a purificação suprema, a fornalha onde se fundem todos os elementos impuros que nos mancham: o orgulho, o egoísmo e a indiferença. É a única escola onde se refinam as sensações, onde se aprende a piedade e a resignação estóica. Os gozos sensuais, ligando-nos à matéria, retardam nossa elevação, enquanto que o sacrifício e a abnegação, nos libertam por antecipação dessa espessa ganga, nos preparam para novas etapas, para uma ascensão mais alta. A alma, purificada, santificada pelas provas, vê cessar as encarnações dolorosas. Deixa para sempre os globos materiais e eleva-se sobre a escala magnífica dos mundos felizes. Percorre o campo sem limites dos espaços e das idades. A cada passo adiante, vê seus horizontes se alargarem e sua esfera de ação crescer; percebe mais e mais distintamente a grande harmonia das leis e das

coisas, delas participando de uma maneira mais estreita, mais efetiva. Então o tempo se eclipsa, os séculos se escoam como horas. Unida às suas irmãs, companheiras da eterna viagem, prosseguem sua ascensão intelectual e moral no seio de uma luz sempre grandiosa.

De nossas observações e pesquisas se destaca, assim, uma grande lei: a pluralidade das existências da alma. Já tínhamos vivido antes do nascimento e reviveremos após a morte. Esta lei dá a chave desses problemas, até aqui insolúveis. Por si só, explica a desigualdade das condições, a variedade infinita das aptidões e dos caracteres. Temos conhecido ou conheceremos sucessivamente todas as fases da vida social e percorreremos todos os seus meios. No passado, éramos como os selvagens que povoavam os continentes atrasados; no porvir, poderemos nos elevar à altura dos gênios imortais, dos espíritos gigantes que, semelhantes a faróis luminosos, aclaram a marcha da humanidade. A história deles é nossa história e, dela participantes, percorremos os seus árduos caminhos, suportamos as evoluções seculares relatadas nos anais das nações. Tempo e trabalho: eis os elementos de nosso progresso.

Esta lei da reencarnação mostra, de maneira evidente, a soberana justiça que reina sobre todos os seres. A cada vez forjamos e quebramos nossos próprios grilhões. As provas assustadoras que alguns entre nós sofrem são, em geral, conseqüência de nossa conduta passada. O déspota torna-se escravo; a mulher altiva, vaidosa de sua beleza, retoma em um corpo informe, sofredor; o ocioso torna-se mercenário, curvado sob um serviço ingrato. Aquele que tem feito sofrer sofrerá por sua vez. Inútil procurar o inferno nas regiões desconhecidas ou longínquas, o inferno está em nós, esconde-se nos recessos ignorados da alma culpada, da qual somente a expiação pode fazer cessar as dores. Não há penas eternas. Mas, dirá você, se outras vidas precederam o nascimento, por que delas perdemos a lembrança? Como poderíamos expiar com proveito quando as faltas são esquecidas?

A lembrança não seria uma pesada bola presa aos nossos pés? Penosamente saídos das idades de furor e de bestialidade, como deve ter sido esse passado de cada um de nós! Através as etapas transpostas, quantas lágrimas vertidas, quanto sangue derramado por nossos atos! Conhecemos o ódio e praticamos a injustiça. Que fardo moral seria esta longa perspectiva de faltas para espíritos ainda débeis e vacilantes!

E depois, a lembrança de nosso próprio passado não estaria ligada de maneira íntima às lembranças do passado dos outros? Que situação para o culpado, marcado pelo ferro em brasa, por toda a eternidade! Pela mesma razão, os ódios e os erros se perpetuariam, cavando divisões profundas, indeléveis, no seio desta humanidade já tão dilacerada. Deus fez bem apagando de nossos fracos cérebros a lembrança de um passado terrível. Após haver sorvido a beberagem do

esquecimento, renascemos para uma nova vida. Uma educação diferente, uma civilização mais adiantada, faz desvanecer as quimeras que outrora visitaram nosso espírito. Aliviados dessa bagagem bloqueante, avançamos com passos mais rápidos nas vias que nos são abertas.

Todavia, esse passado não está apagado de tal maneira que não possamos entrever alguns de seus vestígios. Se nos desapegarmos das influências exteriores, descermos ao fundo de nosso ser; se nos analisarmos com cuidado, nossos gostos e aspirações, descobriremos coisas, em nossa existência atual e com a educação recebida, que nada poderia explicar. Partindo daí, chegaremos a reconstituir esse passado, senão em todos os seus detalhes, pelo menos em suas grandes linhas. Quanto às faltas, que implicam numa expiação necessária nesta vida, ainda que apagadas momentaneamente aos nossos olhos, sua causa primeira continua existindo, sempre visível, qual seja, nossas paixões e caracteres impetuosos, que as novas encarnações têm por objetivo domar, dobrar.

Assim então, se deixamos no limiar da vida as mais perigosas lembranças, levamos ao menos conosco os frutos e as conseqüências dos trabalhos realizados, isto é uma consciência, um julgamento, um caráter tal qual o houvermos talhado. Tudo que nos é inato não é outra coisa senão a herança intelectual e moral que as vidas desvanecidas nos legaram.

E cada vez que se abrem para nós as portas da morte, quando, liberta do jugo material, nossa alma escapa de sua prisão na carne para reentrar no império dos Espíritos, então seu passado se reconstitui pouco a pouco. Uma após outra, sobre o caminho seguido, revê suas existências, as quedas, os altos, os avanços rápidos. Julga a si mesma, medindo o caminho percorrido. No espetáculo de seus descréditos ou de seus méritos, expostos ante ela, encontram sua punição ou sua recompensa.

Sendo o propósito da vida o aperfeiçoamento intelectual e moral do ser, que condições, que meios nos conviriam melhor para realizá-lo? O homem pode trabalhar em seu aperfeiçoamento em todas as condições, em todos os meios sociais; entretanto, se sairia bem mais facilmente dentro de certas condições determinadas.

A riqueza proporciona ao homem, meios de estudo poderosos; permite-lhe dar ao seu espírito uma cultura mais desenvolvida e mais perfeita; coloca em suas mãos facilidades maiores para aliviar seus irmãos infelizes, participando por meio de fundações de utilidade pública, visando o melhoramento de seus destinos. Mas são raros os que consideram como um dever trabalhar no alívio da miséria, na instrução e melhoria de seus semelhantes.

A riqueza, freqüentemente, seca o coração humano; extingue essa chama interior, esse amor ao progresso e às melhorias sociais que anima toda alma generosa; ergue uma barreira entre os

poderosos e os humildes; leva a viver em um meio onde não se alcança os deserdados desse mundo e onde, por conseqüência, suas necessidades e males permanecem quase sempre ignorados e desconhecidos.

A miséria também tem seus pavorosos perigos: a degradação dos caracteres, o desespero, o suicídio. Mas, enquanto a riqueza nos torna indiferentes e egoístas, a pobreza, ao nos aproximar dos humildes, nos faz compartilhar a dor. É preciso ter sofrido, por si mesmo, para apreciar os sofrimentos do outro. Enquanto os poderosos, no seio dos honrados, invejam-se e procuram rivalizar em brilho, os pequenos, aproximados pela necessidade, vivem, por vezes, em tocante confraternização.

Observem as aves de nossa região durante os meses de inverno, quando o céu está sombrio, quando a terra está coberta de um manto branco de neve; apertados uns contra os outros, na borda de um telhado, aquecem-se mutuamente em silêncio. A necessidade os une. Mas vêm os belos dias, o sol resplandecente, a provisão abundante, e eles chilreiam, perseguem-se, combatem-se, dilaceram-se. Assim é o homem. Doce, afetuoso com seus semelhantes nos dias de tristeza, a posse de bens materiais o torna, muito freqüentemente, esquecido e duro.

Uma condição modesta convém melhor ao espírito desejoso de progredir, de adquirir as virtudes necessárias à sua ascensão moral. Longe do turbilhão dos prazeres enganadores, aquilatará melhor a vida. Solicitará da matéria o que é necessário à conservação de seu organismo, mas evitará cair nos hábitos perniciosos, tornar-se presa das inumeráveis necessidades fictícias que são os flagelos da humanidade. Será sóbrio e trabalhador, contentando-se com pouco, ligando-se, acima de tudo, aos prazeres da inteligência e às jóias do coração.

Assim, fortificado contra os assaltos da matéria, o sábio, sob a pura luz da razão, verá resplandecer seu destino. Esclarecido sobre o objetivo da vida e o porquê das coisas, permanecerá firme, resignado diante da dor; saberá fazê-la servir à sua depuração, ao seu adiantamento. Afrontará a prova com coragem, compreendendo ser salutar, que é o choque que rasgará nossas almas, e que é só por esse dilaceramento que poderá ser derramado o fel que está em nós. Se os homens rirem dele, se for vítima da injustiça e da intriga, aprenderá a suportar pacientemente seus males, dirigindo seus pensamentos para nossos irmãos mais velhos: Sócrates bebendo a cicuta, Jesus na cruz, Joana na fogueira. Consolar-se-á no pensamento de que os maiores, os mais virtuosos, os mais dignos, sofreram e morreram pela humanidade.

E quando, enfim, após uma existência bem completada, vier à hora solene, será com calma, sem pesar, que acolherá a morte; a morte, que os homens envolvem com sinistro aparato; a morte,

espanto dos poderosos e dos sensuais, e que, para o pensador austero, não é mais que a libertação, a hora da transformação, a porta que se abre para o império luminoso dos Espíritos.

Esse umbral das regiões supraterrrestres flaqueá-lo-á com serenidade. Sua consciência, desapegada das sombras materiais, se vestirá ante ele como um juiz, representante de Deus, perguntando: “Que fez da vida?” E responderá: - “Tenho lutado, sofrido, amado, ensinado o bem, a verdade, a justiça; tenho dado aos meus irmãos o exemplo da retidão, da doçura; tenho socorrido aqueles que sofrem, consolado os que choram. E agora, que O Eterno me julga, eis-me aqui em Suas mãos!”.

VII - O PROPÓSITO SUPREMO

Homem, meu irmão, tenha fé em seu destino, porque ele é grande. Você nasceu com faculdades inatas, aspirações infinitas, e a eternidade lhe é dada para desenvolver uns e satisfazer os outros. Crescer vida a vida, esclarecer-se pelo estudo, purificar-se pela dor, adquirir uma ciência sempre mais vasta, qualidades cada vez mais nobres; eis o que lhe está reservado. Deus tem feito ainda mais por você. Deu os meios de colaborar em Sua obra; de participar na lei do progresso sem limites, abrindo novas vias aos seus semelhantes, elevando seus irmãos, atraindo-os a você, iniciando-os nos esplendores do verdadeiro e do belo, às sublimes harmonias do universo. Não é isso criar, transformar almas e mundos? E esse trabalho imenso, fértil em caracteres, não é preferível a um repouso morno e estéril? Colaborar com Deus! Realizar em tudo e por tudo o bem e a justiça! Que pode ser maior, mais digno ao seu espírito imortal!

Eleve então seu olhar e abrace as vastas perspectivas de seu porvir. Ponha nesse espetáculo a energia necessária para afrontar os ventos e as tempestades do mundo. Marche, valente, lutador, suba a rampa que conduz aos cumes que chamamos virtude, dever, sacrifício. Não se detenha no caminho para colher floretes ou mato, para brincar com seixos dourados. Para frente, sempre em frente!

Vê você nos céus esplêndidos esses astros flamejantes, esses sóis inumeráveis arrastando, em suas evoluções prodigiosas, brilhantes cortejos de planetas? Quantos séculos acumulados não foram necessários para os formar! Quantos séculos não serão precisos para os dissolver! Bem! Um dia virá em que todos esses fogos estarão extintos, onde esses mundos gigantescos se esvanecerão para dar lugar a novos globos, a outras famílias de astros emergentes das profundezas. Nada daquilo que vê hoje existirá mais. O vento dos espaços terá para sempre varrida a poeira, esses mundos usados; mas você, você viverá sempre, prosseguindo sua marcha

eterna no seio de uma criação incessantemente renovada. Que serão então para tua alma purificada, engrandecida, as sombras e os cuidados do presente? Acidentes efêmeros de nosso curso, não deixarão, no fundo de nossa memória, mais do que tristes ou doces lembranças. Diante dos horizontes infinitos da imortalidade, os males do presente, as provas sofridas, serão como uma nuvem fugitiva no meio de um céu sereno.

Meça então, em seu justo valor, as coisas da Terra. Não as desdenhe, sem dúvida, porque são necessárias ao progresso, e sua missão é de contribuir para o seu aperfeiçoamento pelo aperfeiçoamento de si mesmo; mas não ligue sua alma exclusivamente nisso, antes de tudo, procure os ensinamentos que trazem. Por eles, você compreenderá que os objetivos da vida não são os gozos, nem a felicidade, mas, acima de tudo, uma forma de trabalho, de estudo e de cumprimento do dever, o desenvolvimento da alma, da personalidade que você reconhecerá além da tumba, tal qual a tem estado talhando, você mesmo, no curso de sua existência terrestre.

VIII - PROVAS EXPERIMENTAIS

A solução que acabamos de dar aos problemas da vida está baseada na mais rigorosa lógica. Está de acordo com as convicções dos grandes gênios da Antiguidade, com os ensinamentos de Sócrates, de Platão, de Orígenes, dos druidas, cujas profundas visões, hoje reconstituídas pela história, têm confundido o espírito humano há vinte séculos. Ela forma o fundo das filosofias do Oriente. Tem inspirado obras e atos sublimes; nossos pais, os Gauleses, daí tiraram sua indomável coragem, seu desdém pela morte. Nos tempos modernos, tem sido professadas por Jean Reynaud, Henri Martin, Esquirros, Pierre Leroux, Victor Hugo, etc.

Todavia, malgrado seu caráter absolutamente racional, malgrado a autoridade das tradições sobre as quais repousam, essas concepções seriam qualificadas de puras hipóteses e relegadas ao domínio da imaginação, se não pudessemos assentá-las sobre uma base inquebrantável, sobre experiências diretas e sensíveis, à disposição de todos.

Fatigado das teorias e dos sistemas, o espírito humano, ante toda nova afirmação, reclama hoje por provas. Essas provas da existência da alma, de sua imortalidade, o espiritualismo experimental nos traz, materiais, evidentes. Basta observá-las fria e seriamente, estudando com perseverança os fenômenos psíquicos, para se convencer de sua realidade e de sua importância e para sentir as vastas conseqüências que terão, do ponto de vista das transformações sociais, por trazer uma base positiva, um sólido ponto de apoio às leis morais e ao ideal de justiça, sem os quais nenhuma civilização poderia crescer.

As almas dos mortos se revelam aos humanos. Manifestam sua presença, conversam conosco, nos iniciam nos mistérios das reencarnações, nos esplendores desse porvir que será nosso.

Isto é um fato real, muito pouco conhecido e muito freqüentemente contestado. As experiências Espíritas têm sido acolhidas com sarcasmo e todos que disso têm se ocupado, desde o início, têm sido achincalhados, ridicularizados, considerados como tolos.

Tal tem sido em todos os tempos o destino das novas idéias, o acolhimento reservado às grandes descobertas. Considera-se como trivial a utilização das mesas girantes; mas as maiores leis do universo, as mais poderosas forças da natureza, não foram reveladas de uma maneira mais imponente. Não é graças às experiências feitas com rãs que a eletricidade foi descoberta? A queda de uma maçã demonstrou a atração universal, e a ebulição de uma marmita, a ação do vapor. Quanto a serem taxados de loucos, os espíritas compartilham nesse ponto a sorte de Salomão de Caus, (2) de Harvey, (3) de Galvani (4) e de tantos outros homens de gênio.

É digno de nota que: a maior parte dos que criticam apaixonadamente esses fenômenos não os têm nem observado nem estudado, ou o têm feito bem superficialmente; ora, entre o número dos que os conhecem e afirmam a sua existência, estão os maiores sábios da época. Entre esses estão, na Inglaterra: Sir W. Crookes, membro da Sociedade Real de Londres, físico eminente a quem se deve a descoberta da matéria radiante; Russel Wallace, o adversário de Darwin; Warley, engenheiro chefe dos telégrafos; F. Myers, presidente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas; O. Lodge, reitor da Universidade de Birmingham; na América, o jurisconsulto Edmonds, presidente do Senado; o professor Mappes, da Academia nacional; na Alemanha: o astrônomo Zoellner; na França: Camille Flammarion, o doutor Peul Gibier, aluno de Pasteur, Vacquerie, Eugène Nus, C. Fauvety, o Coronel de Rochas, o professor Ch. Richet, membro do Instituto, o doutor Maxwell, procurador geral da Corte de apelação de Bordeaux.

Na Itália o célebre professor Lombroso, que após ter contestado por muito tempo a possibilidade dos fatos espíritas, os estudou e então reconheceu publicamente a realidade. Quanto tem sido dito sobre qual lado teria garantias de ter procedido a um exame sério e a uma madura reflexão! Galileu, àqueles que negavam o movimento da Terra respondia "E por si move!" Crook esse pronuncia assim no assunto dos fatos espíritas: "Eu não disse que isso poderia ser, disse que é". A verdade, no início qualificada de utopia, acaba sempre por prevalecer.

Constatamos, entretanto que a atitude da imprensa a respeito desses fenômenos está sensivelmente modificada. Não se graceja e ridiculariza mais; entrevê-se aí que há qualquer coisa de seriedade. Os grandes jornais de Paris, O Figaro, o Matin, o Éclair, o Journal, o Petit Parisien, etc., publicam freqüentemente sérios artigos sobre essas matérias. A doutrina do espiritualismo

experimental se expande no mundo com uma rapidez prodigiosa. Nos Estados-Unidos, seus adeptos se contam por milhões; na Europa ocidental ela está começando e até nos meios mais afastados, sociedades de investigação se fundam, numerosas publicações aparecem. Um instituto metafísico foi fundado em Paris, com o concurso do Estado, para o estudo experimental desses fatos.

O concurso de indivíduos particularmente dotados é indispensável para a obtenção dos fenômenos psíquicos. Os Espíritos não podem agir sobre os corpos materiais, impressionando nossos sentidos, sem uma provisão de fluidos animais que tomam por empréstimo a indivíduos denominados médiuns. Todo o mundo possui rudimentos de mediunidade, que pode ser desenvolvida pelo trabalho e pelo exercício.

A alma, em sua existência de além-túmulo, não está desprovida de forma. Possui um corpo fluídico, de matéria vaporosa, quintessenciada, chamada perispírito, que pré-existe e sobrevive ao corpo material, do qual é ao mesmo tempo a matriz, o modelo e o motor. Esse perispírito ou corpo fluídico possui todo um organismo sutil, e é por sua ação, combinada com o fluido vital dos médiuns, que o Espírito se manifesta aos homens, fazendo-os ouvir golpes, deslocando objetos, correspondendo-se por sinais convencionados. Em certos casos, pode mesmo se tornar visível, tangível, produzir a escrita direta, mensagens, e até impressões e moldagens de seu envelope materializado. Todos esses fatos têm sido observados milhares de vezes pelos sábios para isto designados e por pessoas de toda classe, de todas as idades e de todos os países. Eles provam experimentalmente a existência, em torno de nós, de um mundo invisível, povoado de almas que deixaram a Terra, entre as quais se encontram as que tínhamos conhecido e amado, e a quem nos juntaremos um dia. São elas que nos ensinam a filosofia consoladora e grandiosa da qual esboçamos acima os traços essenciais.

E que se repare bem que essas manifestações, consideradas, por tantos homens - sob o império dos prejuízos estreitos - como estranhas, anormais, impossíveis, sempre têm existido. Relacionamentos constantes têm unido o mundo dos Espíritos ao mundo dos vivos. A história o comprova. A aparição de Samuel a Saul, o gênio familiar de Sócrates, aqueles do Tasse (5) e de Jérôme Cardan (6), as vozes de Joana d'Arc e tantos outros fatos análogos, procedem das mesmas causas. Somente, que eram considerados outrora como sobrenaturais e miraculosos, apresentando-se hoje com um caráter racional, como um conjunto de fatos regidos por leis rigorosas, cujo estudo faz nascer em nós uma convicção profunda, esclarecida.

O mundo invisível não é em realidade senão o prolongamento do mundo visível. Além dos limites traçados por nossos sentidos, há formas de matéria e de vida das quais a ciência cada vez mais

admite a possibilidade, depois que a descoberta da matéria radiante, a aplicação dos raios X, os trabalhos de Hertz sobre a telegrafia sem fio, de Lockyer sobre as nebulosas, aqueles de Becquerel, Curie e de Lebon sobre a radioatividade dos corpos, lhe abriram todo um domínio ignorado da natureza.

Os fatos espíritas, como se vê, longe de serem desprezíveis, constituem umas das maiores revoluções intelectuais e morais que se tem produzido na história do globo. Eles são o mais sério argumento que se pode opor ao materialismo. A certeza de viver do lado de lá do túmulo, na plenitude de nossas faculdades e de nossa consciência, faz perder o temor da morte. O conhecimento das situações felizes ou penosas, vividas pelos Espíritos por suas boas ou más ações, tem uma poderosa ação moral. A perspectiva dos progressos infinitos, das conquistas intelectuais, que esperam todos os seres e os conduz para destinos comuns, pode, por si só, aproximar os homens, unindo-os por laços fraternais. A doutrina do Espiritismo experimental é a única filosofia positiva que responde a todas as necessidades morais da humanidade.

IX - RESUMO E CONCLUSÃO

Em resumo, os princípios que decorrem do Espiritismo, princípios ensinados pelos Espíritos desencarnados - em muito melhor posição do que nós para discernir a verdade - são os seguintes:

Existência de Deus, inteligência diretriz, lei vivente, alma do universo, unidade suprema para onde se destinam e harmonizam todos os relacionamentos, foco imenso das perfeições de onde se irradiam e expandem ao infinito todas as potências morais: Justiça, Sabedoria e Amor!

Imortalidade da alma, essência espiritual que encerra, no estado de germe, todas as faculdades, todos os poderes; que está destinada a desenvolvê-los pelo seu trabalho, encarnando sobre mundos materiais, elevando-se por existências sucessivas e inumeráveis, de degrau em degrau, até a perfeição.

Comunicação dos vivos e com os mortos; ação recíproca de uns sobre os outros: permanência das relações entre os dois mundos; solidariedade de todos os seres, idênticos na sua origem e nos seus fins, diferentes somente pela sua situação transitória: uns no estado de Espírito, livres no espaço, os outros, revestidos de um envelope perecível, mas passando alternadamente de um estado ao outro, a morte não sendo senão um período transitório entre duas existências terrestres.

Progresso infinito, Justiça eterna, sanção moral; a alma, tendo liberdade nos seus atos é responsável, cria para si mesma seu porvir; segundo seu estado normal, os fluidos grosseiros ou sutis que compõem o perispírito, e que têm sido atraídos para ela por seus hábitos e tendências; esses fluidos, submetidos à lei universal de atração e de gravidade, a arrastam para os globos inferiores, para os mundos de dor, onde ela sofre, expia, resgata o passado, ou para onde a matéria tem menos supremacia, onde reinam a harmonia e a felicidade. A alma, na sua vida superior e perfeita, colabora com Deus, forma os mundos, dirige suas evoluções, vigia o progresso das humanidades, o cumprimento das leis eternas.

Tais são os ensinamentos que o Espiritismo experimental nos traz. Não são outros que os do Cristianismo primitivo, desapegado das formas de cultos materiais, despojados dos dogmas, das falsas interpretações, dos erros, sob os quais o homem tem ocultado, mantido irreconhecível, a filosofia do Cristo.

A nova doutrina, revelando a existência de um mundo espiritual invisível, tão real e tão vivo quanto o nosso, abre horizontes ao pensamento humano diante dos quais hesita ainda, interdito, ofuscado. Mas as relações que esta revelação facilita entre os mortos e nós, as consolações, os encorajamentos que daí decorrem, a certeza de encontrar todos aqueles que acreditávamos perdidos para sempre, de receber deles os supremos ensinamentos, tudo isso constitui um conjunto de forças, de recursos morais que o homem não poderia desconhecer ou desdenhar sem perigo para ele.

Todavia, malgrado o alto valor desta doutrina, o homem deste século, profundamente cético, embotado com seus preconceitos, quase não teria dela feito sentido, se fatos não tivessem vindo apoiá-la. Para atingir os espíritos humanos, superficiais, indiferentes, foram necessárias as manifestações materiais, ruidosas. É por isso que, em 1850 e por diversos meios, móveis de todas as formas se balançavam, paredes retiniam golpes sonoros, corpos pesados se deslocavam contrariamente às leis físicas conhecidas; mas, após esta primeira fase grosseira, os fenômenos espíritas se tornaram cada vez mais inteligentes. Os fatos de ordem psíquica (do grego psuckè, alma) sucederam-se às manifestações físicas, médiuns, escritores, oradores, sonâmbulos, curandeiros, se revelaram, recebendo, mecânica ou intuitivamente, inspirações cuja causa estava fora deles, aparições visíveis e tangíveis se produziam, e a existência dos Espíritos tornou-se incontestável para todos os observadores a quem não fascinava mais a opção tomada.

Assim apareceu para a humanidade a nova crença; apoiada de um lado sobre as tradições do passado, sobre a universalidade de princípios que se encontram na fonte de todas as religiões e

da maioria das filosofias, de outro sobre inumeráveis testemunhos psicológicos, sobre fatos observados em todos os países por homens de todas as condições.

Coisa notável, esta ciência, estas filosofias novas, simples e acessíveis a todos, livre de todo aparato ou forma de culto, esta ciência chega na hora em que os costumes se corrompem, os laços sociais se relaxam; em que o velho mundo erra à deriva, sem freio, sem ideal, sem lei moral, como um navio privado de governo flutuando ao sabor dos ventos.

Todo homem que observa e reflete não pode dissimular que a sociedade moderna atravessa uma crise ameaçadora. Uma profunda decomposição a corrói surdamente. O ódio que divide as classes, o engodo do lucro, o desejo dos gozos, tornam-se a cada dia mais rudes, mais ardentes. Quer-se possuir a todo preço. Todos os meios são bons para adquirir o bem-estar, a fortuna, único objetivo que se julga digno da vida. Tais aspirações não podem produzir senão duas conseqüências: o egoísmo impiedoso entre os felizes, o desespero e a revolta entre os infelizes. A situação dos pequenos, dos humildes é dolorosa, e muito freqüentemente, mergulhados em uma noite moral onde nenhuma consolação ilumina, são levados a procurar no suicídio o fim de seus males.

O espetáculo das desigualdades sociais, os sofrimentos de uns, em oposição às aparentes alegrias e a indiferença de outros, atizam entre os deserdados ardentes cobiças. Daí então a reivindicação de bens materiais se acentua. Basta que as massas inferiorizadas se levantem, e o mundo estará perto de ser abalado por atroz convulsões.

A ciência é impotente para conjurar o mal, recuperar caracteres, curar ferimentos dos combates da vida. Na realidade, em nossa época, quase que só existem ciências especializadas em certos aspectos da natureza, reunindo fatos, trazendo ao espírito humano uma soma de conhecimentos que lhe é própria. Foi assim que as ciências físicas tornaram-se prodigiosamente enriquecidas após meio século, mas a essas construções esparsas faltam os laços de união e de harmonia. A ciência por excelência, aquela que da série de fatos remonta à causa que os produziram, que deve religar, unir essas diversas ciências em uma grande e magnífica síntese, fazendo brotar uma concepção geral da vida, fixando nossos destinos, destacando uma lei moral, uma base de melhoria social, esta ciência universal, indispensável, ainda não existe.

Se as religiões agonizam, se a fé vigilante morreu, se a ciência está impotente para fornecer ao homem o ideal necessário, para regulamentar sua marcha e melhorar as sociedades, ficaremos todos, então, sem esperança?

Não, porque uma doutrina de paz, fraternidade e progresso se elevam sobre o mundo conturbado, vindo apaziguar os ódios selvagens, acalmar as paixões, ensinar a todos a solidariedade, o perdão e a bondade.

Ela oferece à ciência esta síntese, aguardada, sem a qual tudo permaneceria para sempre estéril. Triunfa da morte e, para adiante desta vida de provas e de males, abre ao espírito as perspectivas riosas de um progresso sem limites na imortalidade.

Diz a todos: Venham a mim, eu os aquecerei, os consolarei, tornarei suas vidas mais doces, a coragem e a paciência mais fáceis, as provas mais suportáveis. Aclararei com uma poderosa razão seus obscuros e tortuosos caminhos. Àqueles que sofrem darei a esperança; aos que buscam, darei a luz; aos que duvidam e desesperam, darei a certeza e a fé.

Diz ainda: « Sejam irmãos, ajudem-se, socorram-se em sua marcha coletiva. Seus objetivos estão além desta vida material e transitória; será nesse porvir espiritual que vocês se reunirão como membros de uma só família, ao abrigo das preocupações, das necessidades e dos inúmeros males. Mereçam-no então por seus esforços e seus trabalhos! »

A humanidade se erguerá grande e forte no dia em que esta doutrina, fonte infinita de consolações, for compreendida e aceita. Nesse dia, a inveja e a raiva se extinguirão no coração dos pequeninos; o poderoso, compreendendo que tem sido fraco, e que pode redimir-se, que sua riqueza é apenas um empréstimo do alto, tornar-se-á mais caridoso e mais doce com seus irmãos infelizes. A ciência, concluída, fecundada pela nova filosofia, verá cair diante dela as superstições e as trevas. Não mais ateus e céticos. Uma fé simples, grande, fraterna, se estenderá sobre as nações, fazendo cessar seus ressentimentos e suas rivalidades profundas. A Terra liberta dos flagelos que a devoram, prosseguirá sua ascensão moral, elevar-se-á um degrau na escala dos mundos.

(1) Após alguns anos, uma certa escola se esforçou em substituir o dualismo da matéria e do espírito pela teoria da unidade de substância. Para ela a matéria e o espírito são estados diversos de uma só e mesma substância que, na sua evolução eterna, se afina, se depura, tornando-se inteligente e consciente. Sem abordar aqui a questão de fundo, que necessita de longos desenvolvimentos, é preciso reconhecer que a idéia que até agora se fazia da matéria estava errada. Graças às descobertas de Crookes, Becquerel, Curie, Lebon, a matéria nos aparece hoje sob estados muito sutis e, nesses estados, reveste-se de propriedades infinitamente variadas. Sua flexibilidade é extrema. A um certo grau de rarefação, transforma-se em energia. G. Lebon pode dizer, com aparente razão, que a matéria não é mais que a energia condensada e a energia,

a matéria dissociada. Quanto a deduzir desses fatos que a energia inteligente, em um momento dado de sua evolução, torna-se consciente, é ainda uma hipótese. Para nós, há, entre o ser e o não ser, uma diferença de essência. Por outro lado, o monismo Haeckelien, recusando ao espírito humano uma vida independente do corpo e rejeitando toda noção de sobrevivência, termina logicamente nas mesmas conseqüências que o materialismo positivista e incorre nas mesmas críticas.

(2) Salomón de Caus. Engenheiro francês (1576-1626). Devemos considerá-lo como o verdadeiro inventor da máquina a vapor normal “>“.

(3) Harvey Médico inglês (1578-1657). Descobriu a circulação do sangue.

(4) Galvani Físico italiano (1737-1798).

(5) Tache: Poeta italiano (1544-1595).

(6) Germe Cardan: matemático, médico e filósofo italiano (1501-1576).

É preciso lembrar que em cada um de nós dormem inúteis e improdutivas, riquezas infinitas. Daí, nossa indigência aparente, nossa tristeza e, por vezes mesmo, nosso desgosto pela vida. Mas abra seu coração, deixe descer o raio, o sopro regenerador, e então uma vida mais intensa e mais bela o despertará. Você passará a se interessar por milhares de coisas que lhe eram indiferentes, mas que farão o encanto de seus dias. Sentir-se-á crescer; caminhará na existência com passos mais firmes e seguros, e sua alma tornar-se-á um templo pleno de luz, de esplendor e de harmonia.

Léon Denis

Extraído do livro «Joana d’Arc médium».

O Espiritismo expandiu-se, invadiu o mundo. De início menosprezado, amaldiçoado, acabou por atrair a atenção e despertar interesse. Todos os que não se conservaram nas raias dos preconceitos e da rotina e que o abordaram com sinceridade, foram por ele conquistados. Agora, penetra por toda parte, senta-se em todas as mesas, toma lugar em todos os lares. A seus apelos, as velhas fortalezas seculares, a Ciência e a Igreja, até aqui, por si mesmas, hermeticamente fechadas, abaixam suas muralhas, entreabrindo seus resultados. Logo se imporá como um mestre.

Léon Denis

Extraído do livro «No Invisível».

Psicologia

Paulo Antonio Ferreira

Nossa intenção aqui não é a de dar uma noção completa da psicologia, mesmo porque não temos conhecimento suficiente para isso, mas apenas de trazer alguns conceitos que podem ser úteis para desfazer as confusões que possam surgir entre o que estudamos no Espiritismo e o pouco que aprendemos de Psicologia, tentando relacionar paralelos entre os conceitos espíritas e os conceitos psicológicos de interesse para nós.

A palavra psicologia é derivada de duas palavras gregas: psique que significa "alma", e logia que significa "estudo de". Os filósofos gregos, observando e descrevendo o comportamento e as experiências do homem tratavam a conduta do indivíduo como produto das manifestações da alma. Já Aristóteles dizia que "nada há na mente que não tenha passado pelos sentidos", querendo dizer assim que as idéias eram produto das influências do meio sobre o organismo. Hoje a Psicologia não é a ciência da alma, mas a ciência do comportamento e da experiência do homem. Quando um psicólogo fala da alma humana, se ele não for religioso, estará falando de uma alma material, da mente enquanto função cerebral.

Todo comportamento tem uma causa ou motivo. Segundo a Psicologia os motivos são decorrentes de uma necessidade. Há um provérbio árabe que diz: "Podemos levar um cavalo à fonte, mas não podemos fazê-lo beber". O cavalo só beberá se algo internamente o levar a isso, como uma necessidade que vai gerar o motivo. Portanto a Psicologia define o motivo como um fator interno que inicia, dirige e sustenta o comportamento do indivíduo. No passado esse motivo era o destino: tudo o que fazíamos era uma fatalidade. Posteriormente, no período racional, era a razão que determinava o comportamento do homem. Mais recentemente, Descartes estabeleceu que alguns motivos vinham da parte racional do homem e outros nasciam dos seus instintos. Com a Psicologia evoluímos para o conceito de que as necessidades são as fontes básicas das energias motivadoras.

Com o Espiritismo podemos acrescentar aos motivos acima as influências espirituais, tanto às anímicas quanto à dos desencarnados, como fonte de motivação para nosso comportamento. É importante notar que uma não exclui a outra, ou seja, o Espiritismo não exclui a Psicologia e vice-versa. Da mesma forma, o Espiritismo e a Parapsicologia não são mutuamente exclusivos, havendo fenômenos que são mais bem explicados por um do que pelo outro.

As necessidades podem ser classificadas em cinco tipos:

1. Fisiológicas

Fome, sede, respiração, descanso, exercícios físicos, moradia, proteção dos elementos e necessidade sexual.

2. Segurança

Proteção contra o perigo, segurança futura, preparação para a vida.

3. Sociais

Participação, associação, aceitação, amizade e amor, prestígio, auto-afirmação social.

4. Satisfação pessoal

5. Auto-respeito, autoconfiança, autonomia, competência, conhecimento, reputação, reconhecimento, apreciação Auto-realização, Compreensão das próprias potencialidades, auto desenvolvimento, criatividade.

Uma necessidade satisfeita não é mais um elemento de motivação. Quando um nível de necessidades está razoavelmente satisfeito, surgem as necessidades de nível imediatamente superior que passam a motivar. É fácil ver porque poucas pessoas conseguem atingir a auto-realização.

Podemos ser impedidos de alcançar certos objetivos que satisfariam nossas necessidades por causas internas, como falta de habilidades específicas, ou externas, como falta de dinheiro. O indivíduo adota então um comportamento de reação contra a barreira. São exemplos de reações o comportamento agressivo (tentar vencer pela força), a regressão (passar a agir como criança), a sublimação (dedicar-se a atividades religiosas), a resignação (desativar a necessidade) e o comportamento assertivo (comportamento adulto).

Uma necessidade gera uma tensão e sua satisfação relaxa a tensão. Algumas tensões determinam comportamentos dirigidos a objetivos concretos, realizando-se assim em nível de realidade, enquanto outras levam apenas a pensamentos, ficando no nível da irrealidade.

Para os Espíritas, aquilo que a Psicologia chama de irrealidade, pode ser mais real que o mundo material, sendo a verdadeira vida aquela que começa após o desencarne. O mundo da matéria é então considerado como o mundo das ilusões.

Continuando, diremos que os motivos que levam uma pessoa a agir podem estar ocultos em sua consciência. Se um indivíduo hipnotizado for ordenado para sair com óculos escuros em um dia de chuva ele o fará e dirá que pensou que o sol ia se abrir, ou que estava com uma irritação na vista. Esses motivos são chamados, em Psicologia, de racionalizações.

A Consciência é a parte lúcida em nós. Ela é a própria personalidade, podendo ser dividida em Ego, Id e Superego. O Ego, ou consciência propriamente dita, é a personalidade enquanto atua no

momento presente. Sua função é ajustar o homem à realidade física e social. O Superego tem funções semelhantes, interiorizando as normas, as leis, as exigências dos pais, e da sociedade. O Id, ou inconsciente, é onde estão as necessidades ou impulsos básicos do homem, os fatos não evocáveis, as vivências reprimidas ou esquecidas, as energias instintivas. Não reconhece valores, bem, mal e moralidade, não se orientando por normas sociais. Pode ser o responsável por comportamentos estranhos, devido a motivos desconhecidos e não óbvios.

Para o Espiritismo o Espírito imaterial é o ser inteligente. Quando encarnado toma o nome de Alma, esquecendo toda a experiência das vidas passadas. Entretanto, como ensina Kardec, ficam as intuições ou as vozes da consciência, e as tendências instintivas:

“... Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações”.

(Allan Kardec. "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Capítulo VI. Bem Aventurados os Aflitos Item 11. Esquecimento do Passado.)

Segundo Hermínio Miranda (em *As Sete Vidas de Fenelon*), o inconsciente é nossa individualidade, nosso espírito imortal completo, nosso Eu, com toda a sabedoria acumulada durante muitas vidas, a fonte da intuição. Enquanto que o consciente, uma parte do espírito, é o que normalmente denominamos de alma, nossa razão, nossa personalidade nesta vida atual. Para Hermínio ainda, a alma instala seus sensores no hemisfério cerebral esquerdo, o verbal, sendo sua linguagem expressa em palavras; enquanto o espírito tem seus sensores implantados no direito, não verbal, simbólico, sendo sua linguagem expressa em idéias. Decorre daí a dificuldade de comunicação, enquanto encarnado, entre estas duas partes do mesmo Espírito, dificuldade esta que é temporária, sendo removida quando o espírito se afasta do corpo, seja pela morte, ou seja, nos sonhos.

Há uma reconhecida dificuldade para expressar esses conceitos por falta de palavras adequadas. Para evitar a criação de novos termos foram usados alma e espírito. Não é demais frisar, entretanto que o espírito é um só, sendo a divisão acima apenas didática. O importante é que se tenha entendido o que se quis dizer e não as palavras usadas para expressá-lo.

Estando o espírito encarnado, ligado ao corpo material pelo perispírito "átomo a átomo, molécula a molécula", sendo, portanto constituído de órgãos dos quais os órgãos materiais são "mera cópia imperfeita", parece ser lógica entender que uma parte correspondente do perispírito está ligada ao cérebro esquerdo e uma outra parte ao cérebro direito. A parte ligada ao cérebro esquerdo é a

que participa do aprendizado da expressão verbal, do comanda da mão direita, ocupada com a escrita e a maior parte das tarefas normais; enquanto que o cérebro direito, ficando mais ocioso, se desenvolve para um maior contato espiritual, em linguagem simbólica. Fazendo uma analogia com o computador, podemos dizer que o cérebro esquerdo é a nossa RAM, e o direito, nosso HD. Na RAM residem os programas que estão sendo executados (vida atual) e no HD todos os outros programas que já foram executados (vidas passadas), mas que estão agora (isto é, nesta vida) aparentemente inativos. Esta a explicação de nosso esquecimento das vidas passadas enquanto reencarnados: a alma, a parte consciente do espírito, atua no cérebro esquerdo, na RAM, sem acesso a todos os dados do HD, a não ser àqueles transferidos especificamente, como na Terapia de Vidas Passadas e nos momentos de inspiração.

O espírito quando reencarna traz uma missão de aprendizado, de resgate de faltas passadas com as pessoas com quem vai conviver, de expiações e de provas para testar sua evolução. Muitas vezes essa missão é escolhida pelo próprio espírito que não consegue se livrar do remorso pelo mal que tenha causado em vidas anteriores. Após o nascimento o espírito encontra-se confuso, amortecido, ligado a um cérebro ainda sem desenvolvimento, tentando expressar-se através dele. Aos poucos o cérebro vai se desenvolvendo e aprendendo a interpretar os impulsos que recebe do mundo exterior através dos sentidos. Recebe também intuições interiores, provenientes do espírito, que algumas vezes são conflitantes com as solicitações externas. Esta situação conflitante pode permanecer não resolvida por toda a vida, sem que o indivíduo saiba se deve ouvir a voz que lhe aconselha internamente ou se atende à lógica do mundo. Procura provas da existência do lado espiritual e não as encontra de forma convincente, recebendo por outro lado argumentos materialistas para se ligar apenas àquilo que pode ser comprovado e ser de utilidade ao seu progresso material. O espírito fica assim em dificuldade para se expressar plenamente nos atos conscientes que são elaborados no cérebro esquerdo e que em muitas pessoas é o único atuante durante o estado em que permanece acordado, pois graças ao treinamento recebido, foi o único que se desenvolveu no relacionamento com o mundo. Devido à grande intensidade dos impulsos materiais que nele penetram, ficam muito reduzidos os impulsos que lhe chegam do espírito, provenientes principalmente do cérebro direito, limitando-se a intuições sutis que são quase sempre suplantadas pelo raciocínio material. Daí advém o "esquecimento" das experiências das vidas passadas que, na verdade, continuam no espírito, mas que não conseguem ser recebida a nível consciente. Acrescenta-se a isso o problema da diferença entre a linguagem verbal do cérebro esquerdo e a linguagem do cérebro direito, que é a linguagem do espírito,

simbólica, intuitiva, na forma de hologramas, conforme nos é ensinado no livro "A Estrutura da Matéria segundo os Espíritos".

Quer me parecer ser esta a grande lacuna, o grande vazio que existe na vida de todos nós. A falta de uma explicação de quem somos, do que estamos fazendo aqui, de para onde vamos, enfim, de uma filosofia ou ciência que nos explique de forma lógica, coerente, o sentido da vida para que tenhamos um objetivo, um caminho demarcado orientando nossos atos em direção a um crescimento de nossa personalidade. Uma personalidade adulta deve atingir uma maturidade emocional que se manifesta por aceitação de si mesmo, sabedoria, auto-confiança, respeito ao próximo, paciência, aceitação de responsabilidades, capacidade de recuperar o ânimo, senso de proporção, objetivismo e senso de humor. No Espiritismo temos as respostas para todas essas questões, o guia moral e ético para as nossas ações, a cura de nossos males e a estruturação de nossa personalidade através a Reforma Íntima.

Portanto, o Espiritismo não exclui a Psicologia, mas a amplia.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1999.

Referências:

- "As sete Vidas de Fenelon" de Hermínio C. Miranda, Ed. Lachâtre, 1ªed, 1998.
- "Psychology", Gardner Lindsey, Calvin S. Hall, Richard F. Thompson. Worth Publishers, Inc. 1976.
- "Psicologia Moderna" de Antonio Xavier Teles. Ed.Ática, 1978.
- "Psicologia Geral" de Lannoy Dorin Ed. do Brasil, 1978.

A Ciência confirma o Espiritismo?

Aécio Pereira Chagas

Temos observado na literatura espírita (livros, revistas, jornais) que constantemente surgem afirmações do tipo "a Ciência moderna confirma o Espiritismo", seguida de citações, a nosso ver, muito duvidosas a respeito de questões científicas. Muitas vezes percebemos no autor uma seriedade de propósitos, porém suas citações nem sempre se apóiam bem no que poderíamos chamar de um "conhecimento científico estabelecido". São citadas obras de divulgação científica que nem sempre primam pelo rigor e, o que é pior, são às vezes escritas com uma "segunda intenção". Perguntará então o leitor: "O que há de errado nos textos de divulgação científica? Será que a Ciência moderna não confirma o Espiritismo?" Neste artigo vamos tecer inicialmente

algumas considerações sobre materialismo, espiritualismo, a Ciência e sua divulgação, sobre outros temas decorrentes e, finalmente, tentaremos responder a estas duas questões.

1. Materialismo e espiritualismo

Muitos compêndios de Filosofia ensinam que as escolas filosóficas, as visões de mundo, as ideologias, etc., podem se alinhar em dois grandes grupos: o grupo materialista, para os quais tudo é matéria, senso o pensamento uma qualidade da matéria, e o grupo espiritualista ou idealista, para os quais o espírito existe como uma realidade independente da matéria (vide, por exemplo, Dicionário de Filosofia, Durozoi e Roussel, Papirus, 1993). "(...) Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria é espiritualista (...)" (Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, Introdução, 75ª edição, FEB, pág. 13). As filosofias, as ideologias, dentro de cada um dos dois grupos, estão longe de concordarem entre si em muitos outros pontos, a não ser neste único aspecto de aceitar ou não a existência do espírito. O Espiritismo evidentemente está no segundo grupo e, como já bem apontou Deolindo Amorim (O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas, 3ª ed., Livraria Ghignone Editora, 1979), o fato de uma doutrina ser espiritualista não significa que está de acordo com o Espiritualismo, a não ser na crença do espírito como algo diferente da matéria.

Conforme já tivemos oportunidade de expressar no artigo "O Espiritismo na Academia?" (Revista Internacional de Espiritismo, fevereiro 1994, pp. 20-22, e março 1994, pp. 41-43), dentro do contexto cultural ocidental, no qual estamos inseridos, desde o início do século passado, após a Revolução Francesa, tem havido uma luta ideológica que pode ser rotulada de materialismo x espiritualismo. Não vamos discutir sobre a origem desta luta e como ela está inserida na sociedade, sua conseqüência, etc., o que não caberia aqui.[Nota 1] Mas esta luta tem-se travado nos vários segmentos da sociedade e da cultura; a ponto de não mais se perceber que ela existe, salvo no aspecto religioso, que costuma ser mais gritante. Do lado materialista a ideologia predominante é a que podemos chamar de positivista ou mecanicista, não necessariamente ligada à filosofia positivista, formulada por Auguste Comte, a partir de 1830, mas com muita coisa em comum. A ideologia (ou mentalidade) positivista essencialmente é de índole materialista, anticlerical, pretensamente racionalista, valorizando o "conhecimento objetivo", ou seja, o conhecimento apreendido pelos sentidos. Já do lado espiritualista, o principal representante tem sido as Igrejas Católicas Romana, seguidas das diversas igrejas reformadas. No final do século passado houve uma "grande batalha" entre essas facções, que se traduziu num debate ideológico

e em coisas mais "práticas" , como disputas por cátedras, pelo controle de instituições culturais e acadêmicas, etc., visando ao controle do "saber oficial". Com a entrada de uma outra facção do lado materialista, o marxismo, depois da Revolução Russa de 1917, a balança pendeu para este lado, porém a guerra ainda não acabou, e estamos nela. Os leitores espíritas poderão ler, com a atenção voltada nesta direção, o extraordinário livro de Camille Flammarion, Deus na Natureza (Rio, Federação Espírita Brasileira), escrito no século passado, onde perceberão o debate deste com os positivistas. A Filosofia, as Ciências, as Artes, e a própria Religião, têm sido usadas como armas nesta luta. No caso das Ciências, têm sido utilizadas teorias científicas para justificar determinadas posições ideológicas. Por exemplo, a teoria de Darwin e Wallace, ou seja, a "Teoria da Seleção Naturais", formulada para explicar a evolução biológica das espécies animais e vegetais, foi utilizada para explicar o desenvolvimento das sociedades humanas, sob o nome de "Darwinismo Social", justificando as desigualdades sociais, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, dos fins do século passado.

2. A palavra 'ciência' e seus significados

Passemos agora a um outro tópico: os significados da palavra "Ciência". Vários são os sentidos que esta palavra pode ter, obviamente relacionados entre si. "Ciência" significa conhecimento, sendo usada com significado geral ("o fruto da árvore da ciência do bem e do mal") ou restrito ("a ciência de fazer papagaios de papel"). Significa um determinado tipo de conhecimento já consagrado como tal, como a Física, a Química, a Biologia, etc. Significa a atividade através da qual se obtém este conhecimento ("fazer ciência" = realizar uma determinada atividade científica). Significa também o conjunto de pessoas empenhadas na atividade científica: "a comunidade científica". Quando se diz que a "ciência aceita a tese de que há outros mundos também habitados", está se querendo dizer que a comunidade dos cientistas (ou parte dela) aceita esta tese, pois obviamente não há ainda um estudo científico, no sentido convencional do termo, sobre outros mundos habitados.

Nem sempre, porém a comunidade científica é homogênea e coesa. Os cientistas são pessoas que em suas atividades profissionais buscam objetividade, precisão, rigor lógico, etc., porém for a dessas atividades são pessoas comuns, com todas idiossincrasias, prenoções e preconceitos do vulgo. Kardec já comenta isto na Introdução de O Livro dos Espíritos e em O que é o Espiritismo. Bertrand Russell, conhecido filósofo deste século, menciona em um de seus textos (A perspectiva Científica, trad. J. B. Ramos, Cia. Ed. Nacional. 1956):

Se algum de vossos amigos for um cientista, acostumado a maior precisão quantitativa em suas experiências, e que possua a mais recôndita capacidade de inferir, podereis sujeitá-lo a pequena experiência sem dúvida significativa. Caso escolherdes em palestra como assunto política, teologia, impostos sobre a renda, corretagem, a vaidade das classes trabalhadoras e outros tópicos de natureza semelhante, provocareis sem dúvida uma explosão e ireis escutá-lo expressar opiniões que não foram verificadas, com um dogmatismo que nunca poderia expressar com relação a resultados que fossem fundados em suas pesquisas de laboratório.

3. A divulgação do conhecimento científico

O conhecimento científico, ou seja, o conhecimento resultante da atividade científica, é divulgado de várias maneiras, ou, como chamaremos, níveis.[Nota 2] Vamos considerar apenas a divulgação que gera publicações (revistas, livros, etc.) ou eventualmente filmes, vídeos, etc. Então podemos ter os seguintes níveis:

1º nível – É a divulgação que um ou vários pesquisadores fazem de seu trabalho, de suas idéias, entre os outros pesquisadores da mesma área. É feita normalmente no jargão próprio e seu entendimento requer um treino adequado naquela área de conhecimento. São utilizadas revistas especializadas, livros, etc., que têm uma característica toda própria: o autor e o leitor são pessoas da mesma profissão e, grosso modo, do mesmo nível de conhecimento, ou seja, ambos são membros da mesma comunidade na qual a publicação circula.

2º nível – O conhecimento é divulgada principalmente entre os estudantes de uma dada disciplina. O conhecimento é preparado de forma a iniciar os estudantes naquele campo do conhecimento. São geralmente escritos por pessoas com treino naquele campo (cientistas, professores), e utilizam o jargão próprio, porém de uma forma "amenizada". São os materiais didáticos na forma de livros, revistas, filmes, etc. Evidentemente o autor e o leitor são pessoas de profissão e nível de formações diferentes, pois o estudante está se iniciando naquela comunidade, porém ainda não é um membro.

3º nível – Divulgação para os "leigos". O conhecimento é também preparado para ser transmitido aos não especialistas, porém sem a preocupação de formar o futuro especialista, senso às vezes, feito até em forma de lazer. Podem ser escritos por cientistas, professores ou divulgadores. Estes últimos nem sempre têm um treino naquela área de conhecimento; são profissionais da escrita (escritores, jornalistas, e outros) que estão mais preocupados na "digestibilidade" do conhecimento pelo "leigo".

No 2º e 3º níveis têm papéis importantes na preparação do conhecimento. Estes mesmos pontos de vista que externamos poderá o leitor também os encontrar na interessante matéria veiculada na revista Veja, de 21 de dezembro de 1994, pág. 138, da autoria de Neuza Sanches, referente aos textos de História do Brasil para estudantes secundários. Muitas vezes, nesta preparação do conhecimento, verdades são transformadas em meias-verdades, involuntária ou voluntariamente... e é neste buraco que muitas vezes caímos.[\[Nota 3\]](#)

4. Matéria e energia

Para ilustrar o que dissemos no item anterior, vejamos um caso freqüentemente mencionado em textos espíritas, e em muitos outros, que "a matéria é energia condensada... de acordo... com Einstein, através de sua equação $E=mc^2$...".

Nesta afirmação equivocada nunca é encontrada em textos de Física ou Química sérios, seja do 1º, 2º ou 3º níveis. Mas em muitos do 3º nível (e até do 2º), que são, muitas vezes, utilizados como fonte de referência. Por que estas afirmações, no nosso entender, são equivocadas?

Não vamos aqui, for falta de espaço, discorrer sobre o que vem a ser energia, no sentido empregado pela Física.[\[Nota 4\]](#) O ponto importante que queremos frisar é que energia e massa são propriedades da matéria. A célebre equação de Einstein, $E=mc^2$, diz que a energia total de um sistema é calculada através do produto da massa pelo quadrado da velocidade da luz, ou seja, como a maioria das equações físicas, relaciona duas propriedades da matéria: a massa e a energia. Esta equação, e outras no âmbito da teoria da relatividade vão unificar os princípios de conservação de massa e de energia, que passam agora a ser um só: "princípio de conservação da massa e energia".

Por que então surgiu esta afirmação "a matéria é energia condensada?".

Como falamos acima, no item 1, os grupos empenhados na luta ideológica que mencionamos procuram buscar apoio na Ciência. E no caso interpretou-se um resultado científico à luz de uma determinada ideologia, no caso espiritualista, interessada em negar, se possível, a existência da matéria, ou pelo menos em diminuir sua importância dentro da visão de mundo dessa ideologia. À medida que isto é feito (negar a matéria), este conjunto de idéias se torna "mais verdadeiro". Esta interpretação interessou (e interessa) a muitos grupos espiritualistas, que desta forma tentam mostrar a primazia do espírito sobre a matéria, sem usar de outros fenômenos ou argumentos como a mediunidade e a reencarnação. A Doutrina Espírita não necessita deste tipo de "argumento" para afirmar a existência do espírito e sua primazia sobre a matéria, pelo fato de o

espírito ser o princípio inteligente. Isto é um ponto básico da Doutrina e suas conseqüências são verificadas na prática. Não é pelo fato de o Espiritismo ser espiritualista que necessita negar a existência da matéria. Recordemos a Questão 27 de O Livro dos Espíritos (43ª edição, FEB):

P: "Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?"

R: "Sim e acima de tudo Deus, o criados, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe (...)"

Emmanuel, este Espírito que nos tem dado tantos ensinamentos e orientações, disse alhures que "matéria é luz congelada". Estaria Emmanuel, segundo o que dissemos acima, errado? Não. Em primeiro lugar a frase tem um certo sentido metafórico, porém, mesmo considerando-a ao pé da letra, ela não está errada, pois a luz é matéria. A luz, como outras formas de radiações, é um determinado tipo de matéria, e como tal apresenta diversas propriedades desta, como a massa e a energia. Muitas vezes se utilizam, no meio espírita, expressões como: "o passe é uma transferência de energia". Tal expressão não é incorreta, pois a energia está associada aos fluidos transferidos, o que fica subtendido.[\[Nota 5\]](#) Esta, como grande parte das expressões coloquiais que utilizamos, carece de precisão, porém se fôssemos ser sempre precisos em nossa linguagem usual, acabaríamos doidos ou mudos.

5. A Ciência é materialista?

Retomemos os significados da palavra Ciência, que vimos acima. Costuma-se mencionar que "a Ciência é materialista". Mas qual "Ciência"? Dos significados vistos podemos considerar dois: um primeiro, significando conhecimentos específicos (Física, Química, etc.), e um segundo significando a comunidade científica.

O primeiro significado nos faz pensar também nos significados do termo "materialista". As Ciências da matéria (Física, Química, Biologia, etc.) são "materialistas" porque evidentemente estudam a matéria e somente a matéria, pois foram feitas para isso. Querer que elas sirvam para outra finalidade, ou seja, estudar aspectos não materiais da Natureza, é propor, a nosso ver, uma temerosa aventura. Essas tentativas, algumas registradas na história, outras não, sempre redundaram em fracasso. Por outro lado o termo materialista, no sentido filosófico (como visto no item 1), não faz muito sentido ao ser aplicado às ciências da matéria.

Tomando agora o segundo significado do termo ciência – a comunidade dos cientistas – a pergunta - título deste item: "A Ciência é materialista?", é bem apropriada. Como também já mencionamos, o cientista é cientista apenas enquanto exerce sua profissão; for a dela é um

cidadão comum, com todas as idiosincrasias comuns. De fato, a maioria da comunidade científica, em âmbito mundial, é materialista no sentido filosófico do termo, assim como também o é a maioria dos membros das sociedades aos quais pertencem os grandes contingentes científicos da atualidade (e isto gostaria de frisar). E aqui vale lembrar a advertência de Emmanuel, ou seja, da necessidade de os cientistas se evangelizarem.

Em resumo, a Ciência, pelo fato de estudar a matéria não deve ser por isso considerada materialista, porém a comunidade científica é, em sua maioria, materialista.[\[Nota 6\]](#)

6. A Ciência confirma o Espiritismo?

Voltemos então às perguntas iniciais: "O que há de errado nos textos de divulgação científica? Será que a ciência moderna não confirma o Espiritismo?" Cremos que o que foi dito acima já responde, em parte, a estas perguntas, principalmente à primeira.

Os textos de divulgação científica, independentemente da qualidade individual de cada um, o que não vem agora ao caso, costumam trazer em seu bojo alguma coisa a mais que os resultados das investigações científicas. Tudo bem, cada um tem o sagrado direito de se expressar. No entanto cada um tem também o sagrado direito de aceitar ou não. Este sagrado direito nem sempre é exercido e aceitam-se certas afirmações cegamente. Kardec nos ensinou o que fazer com as mensagens mediúnicas; vamos aplicar estes critérios também nas mensagens dos encarnados. Em resumo, acho que com os textos de divulgação científica não há nada de errado; alguém está "vendendo seu peixe" e outros simplesmente estão "comprando", sem verificar se o mesmo "está bom ou não".

E a Ciência confirma o Espiritismo?

O outro aspecto a considerar é que o Espiritismo é também uma Ciência. O sucesso das ciências em geral significa também o sucesso da ciência espírita. O raciocínio pode parecer simplista, em parte devido à maneira rápida com que estamos tratando, porém as dificuldades de se entender o que vem a Ciência. Com relação a esta questão o leitor poderá compulsar o artigo "O paradigma espírita", do nosso confrade Silvio Seno Chibeni (Reformador, junho 1994, pp. 176-80), bem como as referências aí citadas que, cremos, esclarecerão melhor a questão. A nosso ver, este é um dos caminhos de confirmação do Espiritismo pela Ciência. O Espiritismo é uma ciência que trata de uma ordem diferente de fenômenos que aqueles de que tratam as ciências da matéria, como já afirmou Kardec. A comparação dos resultados destas ciências não faz, portanto muito sentido,

principalmente tendo em vista que os "últimos resultados científicos", das ciências da matéria, estão entre as coisas mais mutáveis que existem.

Uma outra linha de comparação que se pode fazer entre Ciência (ainda entendida com conhecimento específico) e Espiritismo seria através do desenvolvimento dos estudos psicológicos ou dos estudos do ser humano em geral. A Psicologia atual está longe de ser considerada uma ciência madura (ou mesmo Ciência, no pensar de alguns), no entanto muitos estudiosos, quase sempre fora do contexto do que poderíamos chamar de "Psicologia Oficial", têm dado contribuições interessantes. Os trabalhos de Ian Stevenson (Vinte casos sugestivos de reencarnação, Difusora Cultural, São Paulo, 1978 e Vida antes da vida, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1988) e outros trouxeram resultados notáveis. O leitor interessado nesta área poderá consultar o livro Alquimia da Mente, do conhecido escritor espírita Hermínio C. de Miranda (Publicações Lachâtre, Niterói, RJ, 1994), onde muitos outros estudiosos não-espíritas têm apresentado contribuições interessantes. Essa área de estudo, ou seja, o estudo da mente, é uma área comum ao Espiritismo. É possível que num futuro não muito longínquo, os estudos nesta direção chegarão aos mesmos resultados já afirmados pelo Espiritismo, porém, de todo o vasto leque de tentativas de se estudar a mente humana sem considerar a existência do Espírito, a maior parte tem esbarrado em resultados ou em dificuldades onde se faz necessário considerar esta hipótese, sem a qual se entra num beco sem saída. Talvez pudéssemos atrevidamente "profetizar" que quando a psicologia adotasse o paradigma espírita, estaríamos realmente no "início dos novos tempos".

Há ainda um outro ponto a observar, ligado às ciências da matéria. Muitos estudiosos têm-se envolvido numa determinada linha de pesquisa, que remonta à época das mesas girantes, e que tem por objetivo provar a existência do Espírito através de métodos físicos. Apesar de não estar só, em minha obscura opinião, esta linha não chegou e nem chegará a nada, pois os métodos físicos são adequados para se estudar a matéria (foram feitos para isto). Caso alguém evidencie a presença do Espírito através de um método físico, cabe sempre um questionamento metodológico, e daí não se chega à parte alguma. Por outro lado, muitos confrades poderiam ainda argumentar com o fato de Kardec, em suas obras, mencionar várias vezes que o Espiritismo e a Ciência marchariam lado a lado. Estas afirmações poderiam causar (e causam) em muitos leitores a impressão de que Kardec falava das ciências da matéria. Creio que Kardec tinha em mente a Ciência Espírita, que ele acreditavam com toda a certeza, que ainda estava no começo e que iria crescer, porém é melhor passar a palavra ao próprio Mestre Lionês (O que é o

Espiritismo, Cap. I Segundo Diálogo – O Céptico, Oposição da Ciência, págs. 77 e 78, 36ª ed., FEB):

As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode, à vontade, manipular; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais.

Os do Espiritismo têm, como agentes, inteligências que têm independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos; por isso eles escapam aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos, e, desde então ficam fora dos domínios da ciência propriamente dita.

A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos, como experimenta uma pilha voltaica; foi malsucedida como devia sê-lo, porque agiu visando uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela negação, juízo temerário que o tempo se encarregou de ir emendando diariamente, como já tem emendado outros; e, àqueles que o preferiram, restará a vergonha do erro de se haverem levianamente pronunciado contra o poder infinito do Criador.

As corporações sábias não podem nem jamais poderão pronunciar-se nesta questão; ela está tão fora dos limites de seu domínio como a de decretar se Deus existe ou não; é, pois, um erro fazê-las juiz dela.

Creemos também ter respondido, ainda que de maneira incompleta, à pergunta título desde artigo. O que nos moveu a percorrer este caminho foi justamente à preocupação com as afirmações que colocamos no início. Se não fosse isto, seguiríamos o caminho adotado pelo confrade Luiz Signates, expresso no excelente artigo "Ciência versus Religião: o debate vazio" (Reformador, abril de 1994, pág., 118), com o qual concordamos plenamente e que, de um certo modo, converge aos pontos de vista que externamos também no artigo já mencionado "O Espiritismo na Academia?".

As críticas que aqui fizemos são genéricas e não são de modo nenhum, pessoais. Gostaríamos que outros pontos de vista fossem também colocados.

Notas

1. É bem conhecido o caso de um candidato a um importante cargo público em nosso país que foi derrotado "na boca da urna" por se dizer ser ateu. Em muitos países, inclusive o nosso, muitos candidatos fazem suas campanhas políticas de Bíblia na mão. [volta]
2. Não vamos considerar as comunicações orais, que também satisfaz aos critérios que vamos apresentar, mas seu lado informal confunde-se com o lado formal, do qual estamos tratando. [volta]
3. Ouvi certa vez a expressão "duas meias-verdades não fazem uma verdade inteira" [volta]

4. A palavra energia tem também outros significados, o que pode provocar confusões. Vide Xavier Jr. A. L., "Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência", Reformador de agosto de 1995, pp. 244-46. [\[volta\]](#)

5. Estaria Emmanuel utilizando um sentido diferente para a palavra energia? Se ele usou, já não temos o que comentar, pois o sentido da frase é agora praticamente literal. Vide a nota 4. [\[volta\]](#)

6. Não vamos estender mais sobre esta questão do materialismo na Ciência. O leitor interessado poderá consultar o livro A Ciência em Ação, de Claude Chrétien, trad. M. L. Pereira, Papirus Editora, 1994. [\[volta\]](#)

Artigo publicado em Reformador, julho de 1995, pp. 208-11. Digitado por Rodrigo Almeida Gonçalves.

Antídoto para a Violência

Giovanni Bruno

746 - O assassinio é um crime aos olhos de Deus? - Sim, um grande crime, pois aquele que tira a vida a um semelhante, interrompe uma vida de expiação ou de missão, e nisso está o mal.

(O Livro dos Espíritos - Allan Kardec)

As histórias e os dramas motivados pela violência são muitos e acontecem com uma frequência cada vez maior. Pode-se dizer que a violência está em todo lugar e não tem fronteira, pois que diariamente os meios de comunicação nos informam de lamentáveis acontecimentos ao redor do planeta e até daqueles bem próximos de nossas moradas.

Por toda a mídia, rádios, TVs, jornais, revistas e Internet, os crimes são mostrados numa seqüência alucinada de assaltos, seqüestros, estupros, assassinatos e chacinas não apenas com o intuito de informar, mas, sobretudo, com a finalidade de faturar cada vez mais. A desculpa que nos dão é que eles têm que informar a população e, desta forma, os acontecimentos são ampliados e explorados de forma irresponsável. Será que nunca acontecem coisas boas e construtivas ou falta capacidade para encontrá-las?

O fato é que a violência, e todos os desdobramentos nefastos derivados dela, mostrados ininterruptamente dia e noite, virou coisa corriqueira. Isso me lembra uma história contada por um amigo há alguns anos.

Foi nos meados dos anos 1980. Esse amigo tinha parente morando no Líbano, no tempo da guerra, naquele caldeirão insano que era Beirute, a capital, e todos lutavam contra todos, onde balas de metralhadoras e morteiros partiam do chão, enquanto bombas e foguetes partiam de

aviões e navios. As imagens que nos chegavam eram, como são ainda hoje em qualquer guerra, de morte, desespero e aflição, casas e prédios destruídos aleatoriamente...Um dia, tendo a oportunidade de encontrarem-se no Brasil, indagados sobre a vida aflitiva que levavam em Beirute e porque não se mudavam de lá, responderam: -- Não nos incomodamos mais. Já estamos acostumados com tudo aquilo.

Poderíamos analisar essa extraordinária capacidade de adaptação com que Deus moldou o Ser Humano através das inúmeras reencarnações, porém, agora nosso intuito é outro, e também podemos afirmar que nos acostumamos com a violência que enfrentamos no Brasil. Estamos tão acostumados a ela, que até nos pegamos rindo de programas humorísticos onde a violência é o tema de alguns quadros. Nos pegamos até rindo de lamentáveis situações familiares expostos ao ridículo por programas que mostram "aquilo que o povo quer ver".

Por se tratar de um conceito adquirido através da Evolução, em todas as épocas e em todas as culturas, da mais rudimentar até a mais sofisticada, sempre se respeitou e ensinou através da Religião e dos diferentes sistemas Filosóficos, ser a Vida o "maior bem" que possui o Ser Humano. Embora o conceito de preservação da Vida esteja gravado em nossas mentes, esse bombardeamento vulgar e incessante da violência está banalizando e "adormecendo" esse sentimento de "valor supremo" que a Vida tem.

É irônico, numa época em que se quer preservar da extinção a Vida de animais e plantas, que torcer por um time de futebol, discussão no trânsito e a falta de pagamento - e até falta de troco - de Um Real (certamente os leitores devem saber de motivos ainda mais triviais e ridículos) seja a causa de assassinatos e dramas diversos que poderão durar várias encarnações com desdobramentos que certamente dificultarão nossa caminhada até os Planos de Luz.

As causas apontadas são as mais diversas. A miséria é uma delas, mas a violência também está nas camadas econômicas mais altas. A degradação moral porque passa a atual civilização, raras vezes citada, talvez seja o componente mais forte desse conjunto de fatores que nos levam a atos tão tresloucados.

Enquanto não fizer parte do coração de cada Ser Humano a máxima ensinada por Jesus de "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" teremos, por muito tempo ainda, grandes fatos a lamentar.

Por ora, para amenizar essa onda negativa que nos envolve e afastar também os arautos da destruição, e do pessimismo, podemos fazer um pacto íntimo contra o "baixo-astral". Começemos por não assistir, e não ouvir, programas que tratem de violência, ridicularizem ou aviltem o Ser Humano; da mesma forma, fiquemos sem ler as matérias policiais de jornais e revistas, pois não

fazem nenhuma falta; ao passar por um acidente, vamos manter a mente em oração afastando, assim, aquela curiosidade mórbida que se regozija com o quanto pior melhor; se formos vítimas de assalto, manter a calma, não reagir e dar tudo de material que nos pedirem para preservar aquilo de maior valor que possuímos, e do qual somos responsáveis diretos perante Deus: nossa Vida.

Afastar-se das notícias de violência não é alienar-se como já ouvi alguém dizer (no tempo da Ditadura, era alienado quem não lia e se informava sobre política e economia). Há muitas maneiras de obter informações sadias e uma delas é assistir a programação das TVs educativas espalhadas pelo país onde mesmo os acontecimentos mais infelizes são ali apresentados com equilíbrio e bom senso.

Para finalizar, qualquer que seja a situação, confiar sempre em Deus, porque é Ele que conhece os desígnios de nossas Vidas, nossa Nação e nosso Planeta. Através da oração, manter nossas mentes e corações sintonizados em Jesus, nosso Irmão e Mestre, para que, como um farol, passemos a irradiar Paz e Amor para coletividade em que nos encontramos, suavizando dessa forma a atmosfera de pessimismo que envolve a todos.

Transcrito de Alavanca (Campinas), ano 44, n. 447, setembro/outubro de 1999, p. 4, com a permissão do autor e do editor.

Algumas Considerações Oportunas Sobre a Relação Espiritismo e Ciência

Ademir L. Xavier Jr.

1 - Considerações Iniciais:

A nosso ver, têm ocorrido recentemente alguns abusos que se exteriorizam na forma de afirmações, que acreditamos um tanto descabido, publicadas em diversos periódicos espíritas e obras diversas. Elas são todas concernentes ao contexto em que o Espiritismo pode ser (pretensamente) inserido no conjunto das ciências modernas. Tais abusos tentam, de uma maneira algo desesperada, não só estabelecer uma possível conexão entre o Espiritismo e as demais ciências ordinárias (principalmente a Biologia, Química e notadamente a Física) como também justificar a Doutrina Espírita diante de tais disciplinas. Nosso objetivo aqui é estabelecer as causas principais de tal movimento, apontando sua prescindibilidade e seu aspecto prejudicial ao Movimento Espírita.

O que move a tentativa acima mencionada de justificar a importância do Espiritismo via ciência, bem como sua possível interpretação científica diante de outras doutrinas científicas são,

basicamente, a falta de compreensão do aspecto científico real do Espiritismo, a ignorância em relação ao verdadeiro significado da Ciência (como ela opera e se estabelece) e, de algum modo, um certo gosto por novidades, modernismos e fatos extraordinários.

O aspecto científico do Espiritismo anunciado por Kardec está, ao que parece, longe de ser compreendido em sua última expressão dentro do atual Movimento Espírita. Não compreendendo os ingredientes essenciais e suficientes que identificam uma doutrina como sendo genuinamente científica (ingredientes que o Espiritismo possui completamente), busca-se uma adequação da Doutrina Espírita dentro dos moldes do puro empirismo, ou de outra forma, lançando mão de argumentos em torno do indutivismo ingênuo. Há, de uma maneira ou de outra, um forte apelo ao senso comum.

Para avaliarmos completamente o aspecto científico do Espiritismo é necessário o emprego da análise moderna da Filosofia, mais precisamente o ramo que estuda a teoria do conhecimento científico ou Epistemologia da Ciência. Não entraremos aqui nos detalhes dessa análise, aliás, um tanto complexo, afirmamos apenas que tal estudo já pode ser encontrado, e indicamos ao leitor o lugar onde encontrá-lo (ver Chibeni 1988 e 1994).

Uma possível fonte de confusão entre a relação Espiritismo e as demais ciências é gerada, muitas vezes, pela falta de significado preciso para certas palavras. Os exemplos são muitos, um clássico é o da palavra energia. Há diversos significados ligados a essa palavra, é necessário imenso cuidado em se especificar claramente tal significado. Na Física Clássica, por exemplo, ela designa uma qualidade inerente aos corpos materiais, que permanece latente até que certas condições sejam satisfeitas. Não é infreqüente o uso do termo energia por diversos autores espirituais, mas nesse caso, nenhum tentativa de associação direta com o significado implicado pela Física pode ser inferido. Existem, entretanto, muitos autores (encarnados, é claro!) que parecem confundir, não poucas vezes, as duas acepções possíveis, sugerindo uma tradução da energia de que falam os Espíritos em termos da energia usada na Física, nossa velha conhecida.

De outras vezes, a precipitada justificativa científica do Espiritismo segue a freqüente moda de justificação científica feita em outras doutrinas, como por exemplo, a Teosofia e doutrinas orientalistas (ver, por exemplo, Phillips 1980). Essa justificativa caracteriza-se por uma tentativa de inserção de certas idéias religiosas, na maioria das vezes de origem oriental, no contexto de recentíssimas descobertas ou modelos da Física contemporânea. É natural que haja pessoas que pensem ser necessário o mesmo procedimento com o Espiritismo. Não compreendem, entretanto, que a Doutrina Espírita já possui uma base científica própria, e que a natureza do fenômeno que ela estuda, bem como o estado atual de nosso conhecimento sobre a matéria não permitem uma

conexão tão direta entre a Física, por exemplo, e o Espiritismo. Além disso, é necessário que se saiba que muitos dos modernos modelos da Física (como exemplo, o diversos modelos teóricos de interação entre partículas e campos no microcosmo) sofrem radicais revisões todos os dias. O Espiritismo, por sua vez, tem uma estrutura muito mais estável, porque repousa em fenômenos de caráter mais diretamente observável, sendo sua afirmação de muito maior confiança⁷. É certo que o Espiritismo guarda uma relação com as outras ciências, mas os fatos espíritas, por si sós, já asseguram uma especial independência de seu objeto de estudo com o das demais ciências materiais. Não obstante, essa independência foi muito bem identificado e analisado por Kardec em *O que é o Espiritismo*.

Dentro do Movimento Espírita, muitas vezes a anúncio de descobertas gerais das ciências materiais (como a Física, com seus novos modelos acerca do funcionamento do Universo) é feita, em geral, tendo por base obras de divulgação científica (ver Chagas 1995) que, a nosso ver, pecam por falta de precisão da discussão das idéias, sem contar com a dificuldade inerente de se expressarem conceitos altamente abstratos, muitas vezes (como, por exemplo, a unificação do espaço e do tempo em um contínuo quadridimensional, a dilatação do tempo, etc., da Teoria da Relatividade Restrita) em termos de uma linguagem mais acessível ao leigo. Isso implica, idealmente, a tentativa de fazer o não especialista compreender plenamente tais conceitos, tais quais são dentro da teoria em que estão inseridos. É bastante clara a impossibilidade de tal tentativa. Se desprezarmos os erros grosseiros de tradução que muitos textos de divulgação trazem, quando de origem estrangeira, concluímos que eles podem, no máximo, passar ao leitor não especialista uma idéia vaga de tais conceitos. Ora, assim sendo, uma importante questão seria: Que valor pode ter a tentativa de se relacionar conceitos e fundamentos das ciências ordinárias com fundamentos importas de Doutrina Espírita, quando tal intento é feito tão-só baseando-se em textos de propaganda científica? A precariedade de tradução, a dificuldade de expressão apropriada dos conceitos, bem como a transitoriedade das teorias que tais textos podem trazer são suficientes para termos uma idéia clara da resposta a essa questão.

Relacionada à dificuldade de entendimento do aspecto científico real do Espiritismo está a profunda falta de informação existente nos meios espíritas (o que é, no nosso entender, bastante natural) e, por que não dizer, acadêmicos (o que já não parece tão natural assim), em torno do conceito de Ciência. Mais uma vez, um apelo à Epistemologia se faz necessário (ver Chibeni 1988 e 1994, Chalmers 1976). As implicações dessa ignorância são as eternas e mal fundamentadas críticas ao Espiritismo feitas por diversas escolas parapsicológicas e demais adeptos das denominadas "ciências psi" (Chibeni 1988). Esses rejeitam, explicitamente, a idéia do Espírito

como causa envolvida em grande parte, se não em todos, dos posteriormente denominados "fenômenos paranormais". Assim agindo, queremos deixar claro ao leitor, tais escolas são levadas por uma idéia ultrapassada de Ciência, bem como por concepções obsoletas do método científico.

2 - Um Exemplo:

Um exemplo um tanto exagerado das confusões com relação às questões expostas anteriormente pode ser encontrado no artigo "Matéria e antimatéria" (Reformador, abril 1994). O autor inicia dizendo que "a ciência terrestre chama de matéria tudo o que tem energia e massa, é sólido (...) ou fluídico (...) e ocupa lugar no espaço e no tempo". Essa afirmação, de caráter geral, confere à matéria determinadas propriedades como, por exemplo, massa, mas não pode ser usada para caracterizar certos tipos de matéria no universo. O ponto crítico está onde é afirmado:

"É de antimatéria o plano vital em que se movem os Espíritos desencarnados".

E, mais abaixo:

"É pela diferença de sinalização de carga elétrica dos elementos que formam o 'plano invisível' que, em condições normais, não o percebemos fisicamente".

Em nenhum lugar dentro da bibliografia espírita, escrita por autores abalizados e de peso, podem ser encontradas ou sequer deduzidas tais afirmações. Muito ao contrário, das obras de Kardec tem-se claramente que o mundo espiritual constitui um universo paralelo, totalmente independente do material, tanto que, ainda que o mundo material perecesse, o espiritual continuaria existindo. Isso porque matéria e espírito são dois princípios independentes no universo com uma origem desconhecida. As questões 25, 26, 27, 84, 85 e 86 de O livro dos Espíritos, são suficientes para esclarecer quaisquer dúvidas. Vejamos, por exemplo, a questão 86:

"O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?".

Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem."".

Por outro lado, o que a Física estabelece como certo com respeito a antimatéria torna absurdas as afirmações propostas acima relacionadas ao mundo espiritual. Conforme H. Alvé (1965), que foi ganhador do Prêmio Nobel em 1970, em "Propriedades da Antimatéria":

"A teoria de Dirac do elétron e a descoberta do pósitron criou a crença de que toda partícula possui sua correspondente antipartícula. Essa crença foi confirmada pela descoberta do antipróton. Todas as outras partículas parecem Ter também antipartículas. Disso se conclui que os" antiátomos "devem existir, e são semelhantes aos átomos ordinários, com núcleos formados de antiprótons e nêutrons envoltos por pósitrons. Tais antiátomos devem Ter as mesmas

propriedades dos átomos ordinários. Eles devem formar compostos químicos similares aos compostos químicos ordinários, que emitem linhas espectrais a exatamente os mesmos comprimentos de onda dos átomos ordinários”.(Grifo nosso.).

Assim sendo, as propriedades da antimatéria são as mesmas da matéria ordinária, ou, em outros termos, antimatéria é o nome dado a um tipo especial da matéria! Por outro lado, a existência da antimatéria foi confirmada experimentalmente ¹⁰, assim como a impossibilidade de coexistência simultânea de matéria e antimatéria. Essa é, também, a causa da inexistência natural de antimatéria em nosso mundo. Está claro, entretanto, que de nenhum lugar, nem do atual conhecimento da Física, nem da Doutrina Espírita, semelhantes afirmações podem ser inferidas.

3 - A Não Necessidade e os Perigos:

Do que foi exposto, é bastante óbvio que as tentativas de inserção do Espiritismo no contexto das modernas teorias científicas, bem como sua justificação diante da academia estabelecida, o que visa um tanto à sua valorização, são totalmente desnecessárias. De fato, elas são desnecessárias porque, tendo como objetivo de estudo algo que não se identifica como sendo a matéria ordinária, o Espiritismo consegue suficiente independência com relação às demais doutrinas científicas que estudam a matéria, para caracterizar-se como um ramo independente de conhecimento. Não só por isso, pelo caráter harmônico com que os princípios espíritas interagem entre si, fruto de sua boa fundamentação, pela maneira com que estão estabelecidos tais princípios e por suas bases experimentais, pode-se considerar a Doutrina Espírita como uma teoria genuinamente científica no sentido epistemológico moderno. Essa doutrina tem como objetivo o estudo do elemento espiritual, e não se confunde de nenhuma maneira com as demais ciências, embora guarde alguma relação com elas. Lembramos, também, que Allan Kardec jamais se atreveu a tentar interpretar os novos conceitos que descobriu de acordo com os conhecimentos científicos de sua época. Se o tivesse feito, não sabemos quais teriam sido as conseqüências, desastrosas com certeza, ao posterior desenvolvimento e expansão da Doutrina Espírita.

Os prejuízos de uma campanha indiscriminada que visa a ressaltar ou inferir precipitadamente semelhante relação podem ser facilmente previstos. Tais prejuízos podem não ser grande para aqueles que já possuem um conhecimento considerável do corpo doutrinário espírita, mas o que dizer dos iniciantes? Quantas confusões totalmente desnecessárias podem ser evitadas nas mentes dos principiantes em Espiritismo se certas afirmações simplesmente não forem feitas? Acreditamos não serem poucas.

O verdadeiro trabalho espírita está no aprimoramento do espírito humano em sua bagagem moral, na sublimação dos instintos humanos, vertendo-os em valores divinos, em suma, no progresso

moral do mundo. Para isso, sim, o estudo acurado e cauteloso é imprescindível. Também por isso, experimentações científicas detalhadas no campo espírita só podem ser feitas com a expressa colaboração do Plano Espiritual superior que, para isso, exige uma definitiva demonstração desses valores divinos em nós. (Ver No Mundo Maior, de André Luiz, p. 31.).

Referências:

1. Chibeni, S. S. "A excelência metodológica do Espiritismo", Reformador, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.
2. Chibeni, S. S. "O paradigma espírita", Reformador, junho de 1994, pp. 176-80.
3. Phillips, S. M. Extra-Sensory perception of Quarks, Wheaton, Illinois, Theosophical Publishing House, 1980.
4. Kardec, A. O que é o Espiritismo, 36ª ed., FEB.
5. -----. O livro dos Espíritos, 75ª ed. FEB.
6. Chagas, A. P. "A Ciência confirma o Espiritismo?" Reformador, jul. 1995.
7. Chalmers, A. F. What is this thing called science? St. Lucia, University of Queensland Press, 1976.
8. "Matéria e antimatéria", Reformador, abr. 1994.
9. Alvén, H. "Antimatter and the Development of the Metagalaxy", Rev. Modern Phys., vol. 37, p. 652, 1965.
10. André Luiz, No Mundo Maior (psic. F. C. Xavier), 19ª ed., FEB.
11. (Artigo publicado em Reformador de agosto de 1995, pp. 244-46. Digitado por Cristina em 5/98).
12. Ademir L. Xavier Jr.

Estudo sobre a Mediunidade

Silvio e Clarice Seno Chibeni

1. Introdução

A mediunidade desempenha papel essencial no estabelecimento da base experimental da ciência espírita e nas atividades dos centros espíritas. Seu estudo sistemático e contínuo possibilita a correta compreensão tanto de sua natureza como de suas finalidades, habilitando-nos a dela obter seguros e produtivos resultados, com vistas ao nosso aperfeiçoamento intelectual e moral. Esse estudo deve necessariamente estar centralizado no mais completo e profundo tratado que já se escreveu sobre a mediunidade: O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec. Os presentes

apontamentos devem ser tidos unicamente como uma exposição incompleta de alguns tópicos importantes, destinada a facilitar posteriores contatos com essa obra fundamental e a vasta literatura subsidiária surgida desde sua publicação, em 1861.

No Vocabulário Espírita que forma o capítulo 32 desse livro Kardec dá como sinônimos os termos mediunidade e medianimidade, definindo-os com "a faculdade dos médiuns". Quanto à palavra médium, Kardec explicita o seu significado em várias passagens de suas obras, como por exemplo, nesse mesmo Vocabulário, onde se encontra esta definição sucinta:

MÉDIUM. (do latim, médium, meio, intermediário). Pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens.

Ao analisar os conceitos de médium e de mediunidade, faz notar que a palavra médium comporta duas acepções distintas, expressas com clareza neste trecho da Revue Spirite:

Acepção ampla:

Qualquer pessoa apta a receber ou a transmitir comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, quaisquer que sejam o modo empregado e o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até à produção dos mais insólitos fenômenos.

Acepção restrita:

Em seu uso ordinário, todavia, esse termo tem uma aplicação mais restrita, aplicando-se às pessoas dotadas de um poder mediador suficientemente grande, seja para a produção de efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Quando analisamos um texto ou um discurso onde o termo médium aparece, é importante reconhecer em qual desses sentidos está sendo empregado, a fim de se evitarem mal-entendidos e discussões sem fundamento. Assim, por exemplo, a afirmação feita no parágrafo 159 de O Livro dos Médiuns de que "todos [os homens] são quase médiuns" deverá ser entendida apenas na acepção ampla do termo, pois sabemos, pela questão 459 de O Livro dos Espíritos, que todos somos passíveis de receber a influência dos Espíritos, ainda que sob a forma sutil de intuição. Incorreremos em grave equívoco se concluirmos daí que todos somos mais ou menos médiuns no sentido restrito e usual da palavra, ou seja, se julgarmos que todos podemos produzir manifestações ostensivas, tais como a psicofonia, a psicografia, os efeitos físicos etc.

2. A natureza da mediunidade

Limitando-nos daqui para frente à acepção restrita do termo 'médium', que é a mais usual e relevante, estaremos, no que se vai seguir, entendendo a mediunidade como a aptidão especial que certas pessoas possuem para servir de meio de comunicação entre os Espíritos e os homens.

A questão que naturalmente surge neste ponto é a de se determinar qual é a natureza da faculdade mediúnica: quais as suas causas, por que surge somente em determinadas pessoas e em modalidades e graus diversos, se são passível de desenvolvimento forçado mediante alguma técnica etc.

Um aspecto central relativo à natureza da mediunidade acha-se exposto na resposta à questão que Kardec endereçou aos Espíritos no parágrafo 226 de O Livro dos Médiuns:

O desenvolvimento da mediunidade guarda proporção com o desenvolvimento moral dos médiuns?

"Não; a faculdade propriamente dita prende-se ao organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium". Como observamos pela resposta dos Espíritos, a capacidade de servir de "ponte" entre o mundo espiritual e o mundo material está ligada a fatores de ordem orgânica. Esse ponto encontra-se exarado em vários lugares das obras de Kardec e de outros autores espíritas abalizados, passando, no entanto, despercebido à maioria das pessoas, mesmo espíritas.

Já em 1859 Kardec afirmava, em seu livro Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas que "essa faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento". Em O Livro dos Médiuns as referências nesse sentido são numerosas. No parágrafo 94, por exemplo, que trata das manifestações físicas espontâneas, os Espíritos informam que a aptidão de ser médium de efeitos físicos "se acha ligada a uma disposição física". Bem mais adiante, ao estudar a formação dos médiuns (§ 209), Kardec retorna ao assunto: Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever [mediunicamente] a seu mal grado, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta faculdade se prende a uma disposição orgânica.

Notemos que nesta última passagem há referência a mais um princípio importante: a mediunidade não depende das convicções filosóficas ou das crenças religiosas do médium.

Por fim, em resposta à questão 19 do parágrafo 223 desse mesmo livro os Espíritos esclarecem que "a mediunidade propriamente dita independe da inteligência bem como das qualidades morais" do médium. Portanto a mediunidade independe também do desenvolvimento intelectual do médium.

Resumindo o que vimos até aqui:

A mediunidade é a faculdade especial que certas pessoas possuem para servir de intermediárias entre os Espíritos e os homens. Ela tem origem orgânica, e independe:

- Da condição moral do médium;

- De suas crenças;
- De seu desenvolvimento intelectual.

No parágrafo 200 de O Livro dos Médiuns, Allan Kardec deixa claro que "não há senão um único meio de constatar [a existência da faculdade mediúnica em alguém]: a experimentação". Ou seja, só poderemos saber que uma pessoa é médium observando que efetivamente é capaz de servir de intermediário aos Espíritos desencarnados.

Isso naturalmente remete à importante questão do desenvolvimento da mediunidade. Por sua importância e pelas confusões e equívocos a que se tem prestado, merece ser abordada numa seção especial.

3. O desenvolvimento da mediunidade

Uma primeira observação a ser feita é que se a presença da faculdade mediúnica em uma pessoa independe de sua condição moral, intelectual e de crença, ninguém poderá tornar-se médium tão-somente pelo fato de moralizar-se, ou de estudar, ou de aderir às convicções espíritas. É evidente que essas atitudes serão de imenso proveito para a criatura, pois a colocarão em condições de compreender e utilizar bem a faculdade mediúnica que porventura possua.

É significativo, a esse respeito, que Kardec tenha alertado já no terceiro parágrafo da Introdução de O Livro dos Médiuns que muito se enganaria aquele que "supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns". Lança mão, a seguir, de uma comparação muito clara e objetiva, que esclarece o assunto à sociedade (os destaques são nossos):

Se bem que cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verificarem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de algumas dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam no emprego de suas faculdades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista.

O caráter espontâneo da faculdade mediúnica é ainda destacado no parágrafo 208 de O Livro dos Médiuns (o destaque é nosso):

Se os rudimentos da faculdade [mediúnica] não existem, nada fará que apareçam [...].

No capítulo intitulado Manifestações dos Espíritos "de Obras Póstumas (parágrafo 6, nº 34) encontramos esta densa passagem (destaque nosso)":

O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista.

E no parágrafo 198 de O Livro dos Médiuns, que trata da diversidade das faculdades mediúnicas, vemos ainda:

Em erro grave incorre quem queira forçar a todo custo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua. Deve a pessoa cultivar todas aquelas de que reconheça possuir o gérmen. Procurar à força ter as outras é, antes de tudo, perder tempo, e, em segundo lugar, perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que seja dotado.

Encerrando esse parágrafo, Kardec transcreve comunicação mediúnica de Sócrates sobre o desenvolvimento da mediunidade, que contém grave advertência:

Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna então joguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de médiuns seguros.

Apenas como exemplo de opinião de um outro autor, corroborativa da de Allan Kardec, vejamos como Emmanuel responde à questão 384 de seu livro O Consolador, questão essa que versa especificamente sobre o tema que estamos focalizando:

Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

Logo em seguida, em resposta à questão 386, o conceituado Espírito reitera:

Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se, contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade [...].

Precisamos, portanto estar vigilantes quanto à opinião, infelizmente tão comuns no meio espírita, de que as pessoas que aparecem nas casas espíritas devem, cedo ou tarde, ser encaminhadas às chamadas "sessões de desenvolvimento mediúnico". São dois os motivos mais freqüentemente alegados para esse tipo de recomendação: 1) o empenho e dedicação com que alguém se interesse pelo Espiritismo, sugerindo, segundo julgam, que tem "todas as condições" para exercer a mediunidade; 2) os desequilíbrios variados de saúde ou de comportamento que apresente, notadamente quando venham desafiando a perícia dos médicos.

Ora, no primeiro caso dever-se-ia ponderar que as boas disposições da pessoa deverão ser aproveitadas antes de tudo em seu aperfeiçoamento intelectual e moral, e, em se tratando de sua colaboração nas atividades do centro espírita, naquele setor ao qual mais se ajuste por sua formação profissional, seus interesses e disponibilidades, quais sejam a condução de estudos, a evangelização infanto-juvenil, a administração, a biblioteca, as visitas fraternas, a costura de enxovais, a faxina, a distribuição de alimentos, a acolhida aos novos freqüentadores etc., ou os trabalhos mediúnicos, se os sinais de mediunidade se apresentarem de forma espontânea.

No segundo caso, que é o mais freqüente, seria preciso compreender que o mero fato de alguém se encontrar desequilibrado significa que não pode ser inserido no grupo mediúnico, sob o risco de comprometer o seu bom funcionamento. A mediunidade em si é uma faculdade neutra, que não tem qualquer conexão com os desajustes físicos, mentais e espirituais da criatura. Estes surgem por motivos específicos, e requerem os tratamentos médicos, psicológicos ou espíritas adequados ao caso. Somente após seu retorno à normalidade é que a pessoa poderá participar, como médium, dos trabalhos mediúnicos, se a faculdade surgir espontaneamente. O exercício da mediunidade não é recomendável na presença de determinadas enfermidades físicas, como por exemplo, nas doenças contagiosas, ou onde o equilíbrio orgânico esteja "por um fio" e a atividade mediúnica envolva situações que emocionem muito o médium. No caso dos desequilíbrios mentais e espirituais, o exercício mediúnico não pode nunca ser iniciado, ou continuado. Um médium nessas condições não poderá contribuir positivamente, além de gerar dificuldades para o grupo, facilitando mesmo a atuação de Espíritos interessados na instalação da desarmonia, dos melindres, das suspeitas, do enregelamento das relações entre os membros.

O desenvolvimento mediúnico a ser promovido nos centros espíritas não deve nunca ser entendido como o aprendizado de técnicas e métodos para fazer surgir à mediunidade, pois que não os há nem pode haver, mas exclusivamente como o aprimoramento e direcionamento útil e equilibrado das faculdades surgidas de forma natural, o que pressupõe o aperfeiçoamento integral

do médium, por meio do estudo sério e de seus esforços incessantes para amoldar suas ações às diretrizes evangélicas.

Ressaltemos, outrossim, que os núcleos espíritas não deverão iniciar qualquer trabalho mediúnico, quer de desenvolvimento (no sentido correto do termo), quer, menos ainda, de assistência aos Espíritos enfermos, se não estiverem seguros de que dispõem de colaboradores suficientemente preparados, por seus conhecimentos doutrinários, por seu equilíbrio psicológico e por sua conduta cristã, que disponham de tempo para encetar com regularidade tão delicada tarefa.

Resumindo o que foi visto nesta seção:

- A mediunidade é uma faculdade natural, que surge espontaneamente.
- Não se deve procurar desenvolvê-la enquanto não aflorar por si só.
- O desenvolvimento da mediunidade deve ser entendido unicamente como a sua educação, o seu aprimoramento, a sua disciplina, o seu direcionamento útil para o bem.
- A mediunidade não é a causa primária dos desequilíbrios orgânicos e psicológicos.
- O exercício da mediunidade não deve ser colocado como a culminação obrigatória das atividades do cooperador da casa espírita.

4. Os mecanismos da mediunidade

Na presente seção procuraremos reunir alguns informes sobre os mecanismos da faculdade mediúnica, ou seja, sobre como se dá o fenômeno mediúnico. A fonte básica continuará sendo Allan Kardec. Iniciemos com este trecho, já parcialmente transcritos, do capítulo "Manifestações dos Espíritos" de Obras Póstumas (§ 6, nº 34; o destaque é nosso):

O fluido perispíritico é o agente de todos os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos.

Esmiuçando as informações aqui contidas, notamos:

1. O perispírito desempenha papel de capital importância no processo mediúnico.
2. Sendo o perispírito "o agente de todos os fenômenos espíritas", e estes só podendo produzir-se pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito, temos como regra sem exceções que, ocorrendo um fenômeno de comunicação com o mundo espiritual, necessariamente haverá a participação de um médium. Em alguns casos, como em certas

manifestações de efeitos físicos, não se nota a presença do médium, mas podemos estar certos de que haverá alguém, em algum lugar, servindo de médium, ainda mesmo que este não esteja consciente do papel que desempenha. Também percebemos que serão vãos os esforços de certos pesquisadores que, desprezando a riquíssima contribuição do Espiritismo para o estudo daquilo que (impropriamente) denominam "paranormalidade", tentam detectar o Espírito unicamente por meio de aparelhos. Se algum instrumento chegar a registrar um espírito, é porque houve a participação oculta de algum médium. Neste caso, seria mais confiável analisar a manifestação diretamente, sem o recurso indireto de instrumentos, que sempre constituem fonte adicional de incertezas.

3. A presença da faculdade mediúnica em alguém se liga à possibilidade de seu perispírito "expandir-se". Veremos logo mais que essa "expansão" do corpo espiritual pode ser entendida como a sua parcial desvinculação do corpo físico.
4. A efetivação da comunicação exige, além da "expansão" do perispírito do médium, a assimilação deste com o perispírito do Espírito comunicante, ou seja, tem de haver sintonia entre ambos. Esse fato importante, de que o médium em geral não é capaz de comunicar-se indiscriminadamente com todos os Espíritos, é exposto em *Obras Póstumas* imediatamente após o trecho que acabamos de transcrever (§ 6, nº 35; os grifos são nossos):

As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos. Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.

No exame do assunto do item 3, podemos colher subsídios em André Luiz, o autor espiritual que tanto tem contribuído para a extensão de nosso conhecimento científico acerca da mediunidade. Em sua obra *Evolução em Dois Mundos*, ao analisar a fase evolutiva em que se elaborava a faculdade de desprendimento do veículo perispiritual durante o sono (capítulo 17, item "Mediunidade espontânea"), adianta esta valiosa informação (grifamos):

Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual [...], começaram na Terra os movimentos de mediunidade espontânea, porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo

físico e do corpo espiritual, em certas regiões do campo somático, passaram das observações durante o sono às da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo [...].

Vemos, assim, que o respeitado cientista deixa entrever a correlação íntima entre a possibilidade de contato com a realidade espiritual durante a vigília (mediunidade) e um certo "afrouxamento" das ligações entre as células do perispírito e as suas correspondentes do corpo material. Prosseguindo, André Luiz explicita mais essa correlação:

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplos as possibilidades na clarividência, prevalecendo às mesmas normas para a clariaudiência e modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas [...].

Refletindo um pouco sobre as assertivas de André Luiz, verificamos, inicialmente, que não conflitam com a explicação dada por Kardec, em termos da capacidade de expansão do perispírito do médium. Há, pelo contrário, até um reforço, já que a noção de "expansão" é aqui suficientemente abrangente e flexível para permitir ulteriores elaborações e detalhamentos, dentro da natureza eminentemente progressiva do Espiritismo. Podemos compreender, deste modo, a "expansibilidade" do perispírito como a sua faculdade de desvinculação parcial e temporária do corpo físico, passando, nesse estado especial, a partilhar da realidade do mundo espiritual para nela colher impressões diversas, sem, no entanto perder a possibilidade de atuação sobre o corpo denso.

É fundamental deixar claro que o que acabamos de expor não corrobora de modo algum a idéia popular de que no processo mediúnico o Espírito do médium "sai" e "dá lugar" ao Espírito comunicante, que passaria então a servir-se diretamente do corpo do médium. Os Instrutores Espirituais já esclareceram a Kardec, no importante capítulo "Do papel do médium nas comunicações espíritas" de O Livro dos Médiuns que essa idéia não corresponde à realidade. A mensagem sempre passa pelo Espírito do médium, mesmo quando ele não guarda disso a consciência ao despertar do transe. Vejamos o que dizem no item sexto do parágrafo 223:

O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito do médium?

"É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita".

Compreendemos então que, em última instância, o comando do veículo físico só pode ser feito pelo seu próprio "dono". Poderíamos dizer que o corpo material é feito "sob medida" para cada

Espírito, e que não "serve" para nenhum outro. O Espírito estranho não tem como agir diretamente sobre as células materiais formadas sob a influência de outro Espírito e para o seu próprio uso.

É interessante notar que nas questões seguintes à transcrita os Espíritos frisam mesmo enfrentando uma oposição inicial de Kardec que essa é uma regra absoluta, sem exceções, nem mesmo na mediunidade dita "mecânica", ou ainda nos casos de efeitos físicos onde uma mensagem inteligente é transmitida (tiptologia, escrita por meio de pranchetas etc). Vemos, na questão 10 do referido parágrafo, que os Espíritos expressam indiretamente sua desaprovação a esse modo de denominar a mediunidade na qual o médium não guarda consciência do conteúdo da comunicação: o médium jamais atua como máquina, mecanicamente.

Resumindo o conteúdo desta seção:

- O perispírito desempenha papel essencial em todos os processos mediúnicos.
- A faculdade mediúnica liga-se à possibilidade de o perispírito desvincular-se parcialmente do corpo físico durante a vigília.
- A comunicação não se efetiva sem que haja sintonia entre os perispíritos do médium e do Espírito.
- A comunicação espiritual, ainda que de efeitos físicos, sempre passa pelo Espírito do médium.

5. As modalidades mediúnicas

Um aspecto importante dos esclarecimentos de André Luiz é que permitem compreender não somente como se dá o fenômeno mediúnico, mas também o porquê da existência de diferentes modalidades de mediunidade. Observamos, pelos trechos citados, que a faculdade mediúnica será deste ou daquele tipo conforme a região do organismo em que as células do perispírito apresentem maiores possibilidades de desvinculação das que lhe correspondem no corpo físico. Desse modo, segundo o exemplo dado, se for nos órgãos da visão que ocorre a maior liberdade das células do perispírito, a mediunidade assumirá a forma de vidência; se nos órgãos da audição, a de audiência; se nos da fala, a de psicofonia, e assim por diante.

Devemos notar, no entanto, que os órgãos a que se refere André Luiz são, conforme se depreende de outras passagens de sua obra, não tanto os órgãos periféricos olhos, ouvidos, mãos etc., mas fundamentalmente as regiões do cérebro responsáveis por seu comando. De fato, a ciência mostrou que há no cérebro grupos de neurônios (células nervosas) mais ou menos especializados para as diversas faculdades sensoriais e motoras. No caso da visão, por exemplo,

tais neurônios recebem, através do nervo óptico, os impulsos elétricos gerados na retina do olho, sinais esses que a alma interpreta como imagens. O mesmo se dá, *mutatis mutandis*, com os demais sentidos. No caso das funções motoras, ao comando da alma determinados centros cerebrais enviam, através dos diferentes nervos, impulsos elétricos aos músculos, resultando daí os movimentos corporais.

Kardec dividiu os médiuns em duas grandes categorias: os de efeitos físicos e os de efeitos intelectuais. Os primeiros são "aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas"; os segundos, "os que são mais especialmente próprios a receber e a transmitir comunicações inteligentes" (O Livro dos Médiuns, parágrafo 187). Para fins didáticos, é conveniente subdividir a categoria de efeitos inteligentes em dois grupos: efeitos sensoriais (percepção da realidade espiritual na forma de uma impressão dos sentidos) e efeitos intelectuais propriamente ditos (transmissão de uma mensagem inteligente pela palavra escrita, oral, por gestos etc.).

Apresentaremos agora um quadro sinótico com os principais tipos de fenômenos mediúnicos, associados às diversas modalidades mediúnicas. Trata-se de uma adaptação do que foi elaborado por Jayme Cerviño em seu livro *Além do Inconsciente*, reunindo apenas as modalidades mais importantes. Nesse interessante e original livro, o autor infere, a partir de estudos clássicos da psicologia experimental e da neurofisiologia, bem como de investigações sobre os fenômenos espíritas, quais regiões do encéfalo estariam associadas às diferentes categorias de fenômenos espíritas.

EFEITOS INTELLECTUAIS (mediunidades de expressão cortical)	Efeitos estritamente intelectuais (córtex frontal)	intuição psicografia psicofonia psicopraxia
	Efeitos sensoriais (córtex extrafrontal)	vidência audiência sensitividade
	telergia	Sons, movimentos, Luzes, curas.
EFEITOS FÍSICOS (mediunidades de	teleplastia	materializações

Expressão subcortical)		
	somatização	transfiguração estigmatização

6. O exercício da mediunidade

Na seção 2 deste trabalho vimos que se deve fazer uma distinção clara entre a mediunidade, enquanto faculdade, e o seu uso ou exercício. Se a faculdade em si é neutra, o mesmo não vale para o seu uso, que pode ser bom ou mau, dependendo da condição moral do médium.

Na Introdução de O Livro dos Médiuns Kardec destaca entre os objetivos da obra a orientação para que a mediunidade seja empregada de modo útil. Um requisito essencial para isso é a compreensão de sua natureza e mecanismos, no que o Espiritismo tem contribuído de forma decisiva. Respeitando a liberdade humana, ele não poderia prescrever normas de conduta para os médiuns de maneira cega, impositiva, sem um esclarecimento racional da sua necessidade. É fácil constatar a justeza da afirmação de Kardec, nessa mesma Introdução, de que "as dificuldades e os desenganos com que muitos topam na prática do Espiritismo se originam na ignorância dos princípios desta ciência".

A preocupação com a compreensão e o exercício corretos da mediunidade vem sendo compartilhada pelos espíritas sérios, que se conscientizaram da necessidade do crescimento espiritual do médium para que sua faculdade seja bem empregada. Muitos dos grandes autores espíritas dos dois planos da vida nos têm legado estudos e lições preciosas sobre a mediunidade e seu objetivo. Procuraremos, no que se vai seguir, compilar alguns desses ensinamentos.

Começamos, no entanto, com O Livro dos Médiuns, em cujo parágrafo 226 Kardec pergunta aos Espíritos (nº 3):

Os médiuns que fazem mal uso de suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as conseqüências dessa falta?

"Se delas fizerem mal uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso".

A questão da responsabilidade moral do uso da mediunidade é semelhante à das demais faculdades do homem. Aquele que emprega mal a inteligência, a palavra, os dotes artísticos ou a força física arcará com as conseqüências desse emprego, devendo expiar e reparar as faltas

cometidas. No caso da mediunidade há um agravante, conforme se salienta na resposta dada, pois ela é poderoso recurso iluminativo.

É por meio da mediunidade que nos certificamos de nossa natureza imortal, fato de suma importância, em torno do qual gira todo o Espiritismo e sua doutrina moral. É ela que nos desvenda a vida futura, possibilitando-nos conhecer de modo abrangente os efeitos de nossas ações. Ajuizaremos então com mais acerto sobre o que nos convém ou não fazer, com vistas à nossa felicidade integral.

Para nós, os encarnados, a mediunidade constitui advertência contra o equívoco de tudo considerarmos do ponto de vista de nossos interesses materiais e imediatos, incentivando-nos a lutar contra o egoísmo, o embrutecimento dos prazeres, a estagnação do conhecimento.

Para os desencarnados sofredores, revoltados ou aturdidos, representa muitas vezes a via preferencial de despertar, possibilitando-lhes retomar o progresso espiritual. A maioria das instituições espíritas em nosso país hoje em dia centraliza sua atuação mediúnica precisamente nessa tarefa, tão louvável pelos benefícios que espalha, mas também tão delicada em sua condução, exigindo muito preparo da equipe, quer no que concerne ao conhecimento doutrinário e à disciplina, quer quanto ao espírito fraterno e à devoção incondicional ao bem do próximo.

A esse respeito adverte Emmanuel no capítulo "Examinando a mediunidade" do livro Encontro Marcado:

O exercício da mediunidade nas tarefas espíritas exige largas disciplinas mentais, morais e físicas, assim como grande equilíbrio das emoções.

Na obra Educação e Vivência, lição "Mediunidade e problemas", o Espírito Camilo tece as seguintes considerações, ainda dentro desse tópico:

Tristemente, porém, muitas dessas criaturas que se sabem ou se imaginam médiuns não são bafejadas pelos recursos de amadurecido estudo, a fim de que compreendam o que é que se passa nesse vasto território dos fenômenos psíquicos.

Seria de esperar que os indivíduos que se embrenham pelos bosques das percepções mediúnicas fossem caindo em si, aprendendo que todos terão que dar conta desses talentos formidáveis que lhes são concedidos, nas experiências terrenas, na condição de empréstimo, proporcionando liberdade e ventura íntimas, logrando evadir-se dos tormentosos episódios do pretérito culposo ou negligente.

E em Cintilação das Estrelas (capítulo 32) esse lúcido Espírito prossegue no assunto:

Em mediunidade é importante que o médium se aplique em melhorar-se a si próprio, ampliando as percepções, iluminando-se a cada hora, nas lutas que deve enfrentar, na pauta do cotidiano.

O desenvolvimento da mediunidade marcha ladeando o desenvolvimento do médium. Quanto melhor o indivíduo, maior a sua fulgência mediúnica no bem.

Aprimore-se o homem para que se lhe ampliem as posições de sensibilidade mediúnica.

Têm-se infelizmente observados muitos agrupamentos mediúnicos descuidados quanto às superiores finalidades da mediunidade, bem como quanto às diretrizes doutrinárias que devem guiar sua prática. Não raro desenvolvem suas atividades de forma ritualística, tratando os médiuns como simples máquinas de comunicação. No momento do intercâmbio, os trabalhadores assumem posturas formais, como que denotando concentração e devoção ao bem, mas que nem sempre se fazem acompanhar das atitudes íntimas correspondentes. Manoel Philomeno de Miranda comentou esse tópico no capítulo intitulado "Mediunidade e viciação", do livro *Sementeira da Fraternidade* (p. 123):

O médium é filtro por cuja mente transitam as notícias da vida além-da-vida.

Nesse sentido, consideramos a concentração mental de modo diverso dos que a comparam a interruptor de fácil manejo que, acionado, oferece passagem à energia comunicante, sem mais cuidados... A concentração, por isso mesmo, deve ser um estado habitual da mente em Cristo, e não uma situação passageira junto ao Cristo.

Já analisamos na seção 3 a situação na qual o aparecimento da faculdade mediúnica se dá juntamente com desequilíbrios físico-espirituais variados, destacando o erro dos que consideram tais distúrbios como uma conseqüência da mediunidade em si. Em *Educação e Vivência* (p. 111), Camilo enfoca outro ângulo dessa questão:

A decantada "mediunidade de provas" não passa de episódio no qual alguém em provas e sérias expiações recebeu da Divina Misericórdia as excelências da sensibilidade mediúnica, através de cujas portas será chamado ou convocado à assunção de responsabilidades, bem como ao cumprimento dos deveres para com Deus, através do próximo.

Dessa forma a mediunidade, mesmo quando se apresente assinalada por impertinentes padecimentos dos médiuns, representa para eles a mão da Celeste Providência evitando dores maiores e tormentos mais acerbos.

A origem do nosso sofrimento, da nossa aflição, não reside na mediunidade, mas a bagagem de desacertos que ainda trazemos, acumulada nesta e em vidas pregressas. É por isso que nossos recursos mediúnicos, neutros em si mesmo, amiúde ainda se ligam aos mundos de sombra. Mal empregada, a mediunidade significará o cultivo da ignorância, a disseminação da dúvida e da mentira, o insuflamento do egoísmo e do orgulho, da vaidade e do personalismo, o verbo e o texto degradantes, a manipulação de forças mentais deletérias, a porta aberta às obsessões.

No capítulo 39 do livro *Sementeira da Fraternidade*, Vianna de Carvalho descreve a mediunidade como "canal cósmico por onde transitam seguras às consolações e esperanças para o atribulado espírito humano" (p. 179), destacando outro aspecto da mediunidade: o consolo que prodigaliza ao homem em sua vida de incertezas e de dores. Que de mais belo existe do que saber que o abismo que se imagina existir entre nós e os entes queridos que já partiram não são intransponíveis; que os sofrimentos que não conseguimos evitar têm causas justas ligadas ao nosso passado!...

Dádiva com que a misericórdia divina nos favorece, informando-nos de nossa natureza de seres imortais, a mediunidade bem empregada reveste as formas de esclarecimento acerca da vida além-túmulo, de consolo para os que perderam a esperança, de advertência salvadora para os equivocados, de amparo para os que cambaleiam, de recursos terapêuticos para os que enfermaram, de despertamento para os sofredores e os trânsfugas do dever que já cruzaram a aduana da morte. Daí a necessidade de desenvolvermos esse abençoado talento, nos trabalhos da caridade, nos exercícios constantes de benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, de perdão das ofensas, conforme a questão 886 de *O Livro dos Espíritos*.

Reconheçamos, acima de tudo, que mais importante do que sermos bons médiuns, no que toca à faculdade, é sermos médiuns bons, a serviço de Jesus.

Referências bibliográficas

- ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 13ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1955.
- ----. *Evolução em Dois Mundos*. (Médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1959.
- CAMILO. *Cintilação das Estrelas*. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1992.
- ----. *Educação e Vivência*. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1993.
- CERVIÑO, J. *Além do Inconsciente*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1968.
- CHIBENI, S. S. "Espiritismo e ciência", *Reformador*, maio de 1984, pp. 144-47 e 157-59.
- ----. "A excelência metodológica do Espiritismo", *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.
- ----. "O paradigma espírita", *Reformador*, junho de 1994, pp. 176-80.

- EMMANUEL. O Consolador. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 8ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1940.
- ----. Encontro Marcado. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 6ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira.
- JOANNA DE ÂNGELIS. Estudos Espíritas. (Médium Divaldo P. Franco.) 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982.
- KARDEC, A. Le Livre des Esprits. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985).
- ----. Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques. Paris, La Diffusion Scientifique, 1986.
- ----. Le Livre des Médiuns. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1978). O Livro dos Médiuns. Trad. Guillon Ribeiro, 59ª ed., revista, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- ----. L'Évangile selon le Spiritisme. (Reprodução fotográfica da 3ª edição francesa.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1979.
- ----. Oeuvres Posthumes. Paris, Dervy-Livres, 1978. Obras Póstumas. Trad. Guillon Ribeiro, 18ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- ----. L'Obsession. (Extratos da Revue Spirite.) Farciennes, Éditions de L'Union Spirite, 1950.
- PEREIRA, Y.A. Devassando o Invisível. 4ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1963.
- PHILOMENO DE MIRANDA, Manoel. "Mediunidade e viciação", in: Sementeira da Fraternidade. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 25, pp. 121-24.
- VIANNA DE CARVALHO. "Hipnose e mediunidade", in: Sementeira da Fraternidade. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 39, pp. 177-81.
- (Artigo publicado em Reformador de agosto de 1987, pp. 240-43 e 253-55.).

As Quatro Nobres Verdades - Parte 1

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

I - Apresentação e Agradecimentos

Acredito sinceramente que a melhor maneira de evitar o fanatismo e o fundamentalismo religioso ou filosófico é o estudo de outras formas de pensar e de crer. A verdade última, realidade a que todos os caminhos espirituais buscam, só pode ser uma, nossa capacidade de compreensão é que é limitada e, portanto só pode apreendê-la de forma parcial. Cada uma dessas verdades parciais, modelos criados pelo entendimento humano, aborda um ângulo específico, traduz dentro de um contexto cultural definido, dentro das características psicológicas de um povo ou de uma época, a verdade maior.

Indo ao encontro de outras crenças, percebemos que o critério da concordância universal ^[1], proposto por Allan Kardec, tem também seu aspecto externo. Como em todas as épocas da humanidade o espírito humano buscou transcender suas limitações e compreender o problema do ser, do destino e da dor - como sempre o mundo espiritual e material estiveram em contato - as verdades parciais de cada um, são mais confiáveis, quando podem ser validadas com as descobertas, ou revelações, vindas de diversas fontes, de diferentes povos, em diversas épocas, dentro de tradições diferentes. E, naturalmente, as diferenças que encontramos, são os diferentes enfoques, mais ou menos precisos, que cada um deu ao mesmo problema.

Entendendo o enfoque dado por outros, compreende melhor o nosso, suas virtudes e suas limitações, e estamos aptos a vivenciá-lo mais fielmente ou buscar novos rumos. O Espiritismo, como doutrina aberta a razão, ao estudo e a crítica, nos permite tal liberdade de consciência e nela está sua maior força.

Portanto não poderia deixar de começar esta série de artigos sem agradecer ao educador emérito, Allan Kardec, que construiu sobre alicerces tão firmes e duradouros, na elucidação dos fenômenos mediúnicos e na análise dos ensinamentos dos espíritos, uma nova forma de pensar sobre o ser humano e o mundo que o rodeia.

Também gostaria de agradecer aos amigos do GEAE, que no exercício da razão, através do estudo fraterno e da troca salutar de idéias, trilham este caminho. Agradeço particularmente ao amigo Elzio Ferreira de Souza, por ter me feito rever minhas idéias sobre o pensamento oriental, mostrando-me onde meus estudos anteriores, por sua pouca profundidade, estavam incompletos

e onde deveriam ser corrigidos. Inclusive trechos inteiros do texto foram revisados sob sua orientação.

Obrigatório agradecer também ao extraordinário pensador e líder religioso do povo Tibetano, sua Santidade o XIV Dalai Lama, pelos excelentes livros^[2] em que aborda as mais intrincadas questões do Budismo de forma tão espontânea e sincera, com tanta simplicidade de expressão, que praticamente se tornam compreensíveis a nós que não crescemos entre as tradições milenares do Oriente.

Muita Paz para todos,

Carlos A. Iglesia Bernardo.

II - Introdução: Uma retrospectiva - Ocidente & Oriente

O fascínio do extremo Oriente sobre o Ocidente é velho de milênios, pois, já na Grécia antiga, aventureiros, viajantes e comerciantes traziam notícias das riquezas e dos estranhos sábios que existiam para lá das fronteiras da Pérsia. Com a expedição de Alexandre, o Grande, que chegaram ao vale dos Hindus por volta de 326 ac, os dois mundos foram colocados em contato próximo. Os historiadores contam que esta expedição trouxe, ao retornar, um asceta jaina^[3] que grande admiração causou entre os gregos ^[4].

Durante os séculos seguintes, o ouro e a prata do Ocidente fluíram através das rotas comerciais asiáticas, trazendo de volta seda - daí a famosa "Rota da Seda" - especiarias e conhecimentos. Junto a estes bens materiais vinham também informações sobre reencarnação, karma, ascetismo, ligeiras notícias sobre Buda e Brahman.

Foi somente à longa noite medieval que interrompeu o fluxo, que se desviou para o Oriente próximo, alimentando espiritualmente a civilização Árabe Medieval no seu apogeu. Bagdá, Damasco, Córdoba e outras capitais do Islã medieval, receberam por suas caravanas e navegadores, os conhecimentos sobre o "zero", a "bússola" e a filosofia que se incorporou ao Islã em sua forma mais mística - o Sufismo^[5].

O antigo "Mare Nostrum" dos Romanos, ficou fechado para a navegação do Ocidente e até bem depois do ano 1000 não circulavam mais especiarias, nem ciência do espírito, mal e mal algum tráfego marginal e lendas fabulosas. O Ocidente ficou fechado em si mesmo, com seus monges e a igreja de Roma tentando a todo custo evitar a submersão total na barbárie.

Novo período se inicia pela época das Cruzadas, que apesar do desastre militar e moral que representaram, abriram caminho novamente para as rotas do Oriente. Por esses caminhos, comerciantes italianos, como Marco Pólo, começaram novamente os contatos com o extremo

Oriente, que aos poucos levariam as grandes navegações do século XV e ao início da era moderna.

Ricas e populosas, as cidades do Oriente distante, naturalmente passaram a atrair os navegadores ocidentais. No início estes causaram apenas incômodos marginais, os grandes impérios da Espanha e de Portugal mal se estabeleceram às margens da Índia e da China. Mas aos poucos, novas levas, reforçadas pelos progressos da ciência material, permitiram o estabelecimento de protetorados e finalmente submeteram os principais centros culturais. A nova ciência da matéria e a cobiça levaram países europeus pequenos a dominar territórios imensos, com civilizações muitas vezes mais velhas e sofisticadas. De todo o Oriente, somente o Sião e o Japão escaparam relativamente incólumes a este período.

O século XIX marcou o auge do Imperialismo Europeu, a revolução industrial se espalhou pelo velho continente, fabricando mais e mais bens de consumo, para os quais os países necessitavam tanto de mercados, como de fornecedores de matéria prima. Mesmo o velho império do meio, a China, sofreu golpes e humilhações tão profundas que o jogariam nos braços do materialismo comunista do século XX ^[6].

Durante este processo de conquista, no sentido inverso, o Oriente fascinou os Iluministas europeus do século XVIII povoaram a imaginação das cortes européias - que multiplicaram em seus jardins os pavilhões chineses e em seus palácios as salas chinesas, com porcelanas e pinturas orientais - e, século XIX adentro, alimentou o esoterismo ocidental. No final do século XIX, Madame Blavaski e a Sociedade Teosófica, popularizaram a filosofia hindu na Europa e nos Estados Unidos.

Este período histórico, o do auge do colonialismo ocidental no século XIX, marca também a transformação dos Estados Unidos em uma potência continental. A vitória contra o México, trazendo-lhe as riquezas da Califórnia e do Texas, consolidaram o esforço iniciado com os peregrinos do Mayflower. Foi nesta jovem democracia, única em sua época por sua organização social e política, que em 1848 começaram a ocorrer os fenômenos que dariam nascimento ao Moderno Espiritualismo e, ao atravessar o Atlântico, ao Espiritismo.

Em 1857, o educador francês, Hypollite Leon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, publica o "Livro dos Espíritos", dando por primeira vez uma verdadeira ciência do espírito ao Ocidente. Ciência dentro de todos os rigores metodológicos do racionalismo francês, continuando de onde a filosofia iluminista não tinha conseguido passar.

Século XX, século de conflagrações mundiais e de paradoxos. Se por um lado o Oriente se ocidentaliza para conseguir se libertar do jugo colonial, por outro o Ocidente se descobre carente

de espiritualidade e olha para o Oriente. Nos anos 40, diante da não-violência e do amor à verdade de Mohandas Karamchand Gandhi, o Mahatama Gandhi, a grande alma, o império britânico recua.

A partir dos anos 50, o Ocidente se vê fascinado pelo Budismo. Primeiro pelo Budismo Zen, vindo do Japão através das tropas de ocupação americanas, depois pelo Budismo Tibetano, trazido por monges que fogem da ocupação chinesa no Tibet. Se o Budismo perde o Tibet, ganha adeptos por todos os lados e simpatizantes sem fim.

Seu líder espiritual, Tenzin Gyatso - Sua Santidade o XIV Dalai Lama - pela sua luta pacífica em defesa de seu povo e pela sobrevivência de sua cultura, hoje é uma das figuras mais populares entre os líderes religiosos mundiais e pode se dizer que divide com o Mahatama Gandhi o privilégio de ser um dos Orientais contemporâneos de maior influência entre os pensadores Ocidentais.

Depois da turbulência ao final do século XX, com o desaparecimento da União Soviética e o pipocar de pequenas guerras nacionais, começamos o século XXI em um mundo globalizado. Ocidente e o Oriente estão de tal modo próximos, que é impossível ignorarem-se mutuamente ^[2] ou deixarem de reconhecer que cada um tem seus méritos e deméritos.

Há muito que se aprender mutuamente e não será por "conversões" ou por "conquistas" que esta compreensão virá. Nunca, desde que Alexandre chegou às margens dos Hindus, houve tantas oportunidades de aprendizado em comum. Não é mais o super-civilizado Oriente olhando com desdém os rústicos bárbaros ocidentais, nem mesmo os orgulhosos senhores do mundo querendo impor seu cristianismo aos pagãos do Oriente - são povos iguais, sofridos e cansados, que mutuamente podem se apoiar na busca da libertação do sofrimento e de uma melhor compreensão do Universo^[8].

Assim é dentro deste escopo, de compreensão mútua, que pretendo desenvolver esta série de artigos. Analisando as diferenças e afinidades entre a sabedoria do Oriente - aqui representada pelo Budismo Tibetano^[9] - e o Espiritismo, doutrina a que somos ligados.

Notas Explicativas

1 - vide artigo "Verdade e Controvérsias em torno do ensinamento dos Espíritos" no Boletim GEAE número 367

2 - O sucesso editorial dos livros do Dalai Lama entre o público brasileiro foi tema de artigos na revista "Super Interessante" da editora Abril - "A vida segundo o Dalai Lama", na edição de agosto de 2001 - e na revista "Meditação" da editora Três - "O Sucesso Editorial do Dalai Lama", edição número 30.

3 - Adepto de uma das escolas de filosofia da Índia - o Jainismo

4 - Sua estada entre os gregos continuou sendo motivo de muita curiosidade mesmo após sua morte. Esta inclusive deixou-os completamente aturdidos, pois ele se queimou voluntariamente em um pira:

5 - Os Sufis, procurando extrair dos ensinamentos de Maomé o seu significado profundo - além de cumprir a observação exterior exigidas de todo muçulmano - incorporaram ao Islamismo conhecimentos sobre o espírito e o Universo, de nítida influencia indiana. Veja-se, por exemplo, os versos de um poeta persa do século XI:

"Como vela en la llama, en su fuego me derretí y el resplandor oscilante, sólo a Dios vi.

Com mis propios ojos, a mí mismo me vi, pero al mirar con los ojos de Dios, sólo a Dios vi.

Desvanecido en la nada, me diluí. Yo era la vida, el Universo... y, sólo a Dios vi."

Outro exemplo são as obras de Ibn Arabi, sufi nascido em Murcia em 1164 e falecido em Damasco em 1240, considerado pelos árabes como o "maior dos mestres" e "vivificador da Religião":

"Lo que quiero decir es que tú no eres, o posees tal o tal cualidad, que no existes y que no existirás jamás, ni por ti mismo, ni por El, en El o con El. Tú no puedes cesar de ser, porque no eres. Tú eres El y El es tú, sin ninguna dependencia o casualidad. Si alcanzas a reconocer en tu existencia esta cualidad de la nada, entonces conoces a Alá. En otro caso, no."

Estes dois trechos são da tradução espanhola, por Roberto Pla (Editorial Sírio S.A. - Málaga, España), do livro "Tratado de La Unidad", escrito por Ibn Arabi.

Jalal ud-Din Rumi, poeta persa do séc XIII, assim se expressou sobre o mundo:

"Este mundo que é nada e encobre a beleza de Deus é também sinal e prova de sua presença. Nossa existência mero favor de Shams de Tabriz, obséquio da alma - encobre sua essência e diante dela se envergonha". Poemas Místicos, Divan de Shams de Tabriz.

Jalal ud-Din Rumi

Trad. José Jorge de Carvalho, Attar Editorial.

6 - Um dos capítulos mais tristes da história ocidental, que compete com as cruzadas no tocante ao distanciamento à justiça e a verdade, foi à guerra do Ópio (1839-1842). Por esta guerra, as potencias ocidentais garantiram a abertura dos portos chineses ao comércio da nefanda droga:

O ópio era o único produto estrangeiro, controlado por fornecedores estrangeiros, que os consumidores chineses desejavam, ou aprenderam a desejar, em grandes quantidades. Como ocorria com a droga mais suave exportada em troca - o chá, que se dizia ter sido descoberto por Buda para se livrar do sono -, sua demanda parece ter sido determinada pela oferta. Quando, em

1729, a China proibiu pela primeira vez este comércio, calculou-se que as importações eram de cerca de duzentas caixas anuais; em 1767, registraram-se mil caixas; no final da década de 1830, quando este comércio assumiu proporções que ameaçavam com a guerra, mais de dez mil caixas entravam anualmente na China. Para o governo chinês, sua exclusão era, ao mesmo tempo, uma questão de interesse econômico e de retidão moral; para a Inglaterra, a possibilidade de acesso ao mercado chinês era não só um imperativo material, mas também um símbolo da liberdade de comércio. Quando a China procurou energeticamente impedir as importações, a Grã-Bretanha a invadiu. Milênio - Uma história de nossos últimos mil anos, Felipe Fernández-Armesto, ed. Record.

7 - O leitor que duvide desta afirmação, que faça uma visita a São Paulo e dê uma caminhada pela região central da cidade, pelo bairro da Liberdade e suas imediações. Vai reparar que muito próximos encontrará igrejas católicas, templos budistas, lojas maçônicas, grupos espíritas, tendas de umbanda, igrejas protestantes, modernas faculdades e - símbolo máximo talvez da cultura americana - lanchonetes de "fast food" como o Mac Donalds.

8 - Vide o trecho transcrito abaixo, do livro "La Espiritualidade Hinduísta", de Swami Vivekananda (1863-1902), discípulo de Sri Ramakrishna. Ambos foram grandes reformadores do Hinduísmo na Índia Moderna e naturalmente deparou-se com a questão das relações entre ocidente e oriente: Para um oriental, o mundo do Espírito é tão real quanto o mundo dos sentidos para um ocidental. No mundo espiritual, o oriental encontra o que deseja e espera, nele descobre tudo o que torna real sua vida. Do ponto de vista de um ocidental, o oriental é um sonhador; enquanto que do ponto de vista de um oriental, o sonhador é o ocidental, que lida com coisas efêmeras (que juega con juguetes efemeros)... Cada um chama de sonhador ao outro.

Porem o ideal oriental é tão necessário ao progresso da humanidade como é o ocidental. As maquinas não tem feito, nem farão jamais, feliz a humanidade... Estas coisas não os farão felizes, a não ser que vocês levem dentro de si a força da felicidade (estas cosas no os harán felices, salvo que llevéis dentro la fuerza de la felicidad); a não ser que vocês tenham conquistado a sí próprios.

É verdade que o homem nasceu para conquistar a Natureza, porem, por "Natureza", o ocidental entende somente a natureza física e externa. A natureza externa com suas montanhas, seus mares e seus rios, com suas forças e sua infinita diversidade, é, sem duvida alguma, majestosa; contudo, existe também a natureza interior do homem, que é mais majestosa ainda... E nos brinda com outro campo de estudos. Neste sobressai o oriental, da mesma forma que o ocidental sobressai no outro. Portanto, é justo que, quando seja necessário um reajuste espiritual, este venha do Oriente. Também é justo que, quando o oriental queira aprender a construir maquinas,

se coloque aos pés do ocidental e aprenda dele; porém, quando o ocidental queira saber coisas do espírito, de Deus e da alma, e do significado e mistério deste universo, há de colocar-se aos pés do oriental para aprender “. (cap. El Neo-hinduismo, Espiritualidad Hinduísta, Daniel Acharuparambil).

9 - "Iglesia, eu vou colocar algumas sugestões, mas há uma de ordem geral que lhe peço permissão para fazer. Acho que você deveria colocar as posições budistas e espíritas de um modo bem estrito, e depois fazer um comentário, demonstrando a identidade ou semelhança das doutrinas, embora a aparente diferença do discurso, nos casos em que couber, ou demonstrando as diferenças reais. Acho que deve haver uma advertência, esclarecendo que a comparação está sendo feita com o budismo tibetano, porque as doutrinas têm nuances e é importante respeitá-las. Vivekananda, por exemplo, discorda da interpretação que muitos discípulos de Buda deram a suas lições. Em realidade, o que conhecemos, hoje, do Budismo passa pelos olhos dos discípulos, desde que Buda como Jesus nada escreveu, e são passados 2500 anos de formulações doutrinárias na busca de um melhor entendimento e prática". Elzio Ferreira de Souza (sobre o primeiro esboço do artigo que lhe enviei para análise)
(Retirado do Boletim GEAE Número 428 de 22 de janeiro de 2002)

As Quatro Nobres Verdades - Parte 2

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

III - Visão Geral

As Duas Doutrinas

- Budismo

O Budismo tem por princípio os ensinamentos de Sidarta Gautama, o Buda, entre eles, como base principal às "quatro nobres verdades". Ele não pode ser definido exatamente como uma "religião" no sentido ocidental é mais uma filosofia, um caminho (método prático) de libertação do sofrimento. Naturalmente associada a este caminho, surge uma visão de mundo que influencia a ciência e a vida cotidiana das sociedades budistas. Assim conforme nos explica Matthieu Ricard, monge budista, no livro "O Monge e o Filósofo" (capítulo Religião ou Filosofia):

“Em essência, eu diria que o budismo é uma tradição metafísica da qual emana uma sabedoria aplicável a todos os instantes da existência e em todas as circunstâncias”.

O budismo não é uma religião, se por religião entendermos a adesão a um dogma que deve ser aceito por um ato de fé cega, sem que seja necessário redescobrir por si mesmo a verdade desse dogma. Mas se considerarmos uma das etimologias da palavra religião, que é 'aquilo que liga', o

budismo sem dúvida está ligado as mais altas verdades metafísicas. Ele tampouco exclui a fé, se entendermos por fé uma convicção íntima e inabalável que nasce da descoberta de uma verdade interior. A fé é também um maravilhamento diante dessa transformação interior. Por outro lado, o fato do budismo não ser uma tradição teísta leva muitos cristãos, por exemplo, a não o considerar como uma 'religião' no sentido corrente da palavra. O budismo, enfim, não é um 'dogma', pois o Buda sempre disse que a pessoa devia examinar os ensinamentos dele, meditá-los, mas não aceitá-los simplesmente por respeito a ele. É preciso descobrir a verdade desses ensinamentos percorrendo as sucessivas etapas que levam à realização espiritual. Convém examiná-los, disse o Buda, como se examina uma barra de ouro. Para saber se o metal é puro, a pessoa o fricciona sobre uma pedra lisa, martela-o, derrete-o no fogo. Os ensinamentos de Buda são como diários de bordo na estrada do Despertar, do conhecimento último sobre a natureza do espírito e sobre o mundo dos fenômenos.”“.

- Espiritismo

O Espiritismo, ou Doutrina Espírita, tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos. Através do estudo dos fenômenos mediúnicos investiga as leis que regem essas relações e suas conseqüências. Também pelo estudo da situação dos Espíritos no mundo espiritual, investiga as leis morais que regem o destino do ser. Do fato do homem ser apenas um espírito encarnado, o estudo do espírito se estende ao estudo do ser humano, de sua psicologia, de suas capacidades mediúnicas e anímicas, e de suas relações com o mundo com o cerca.

Assim o Espiritismo também não pode ser definido exatamente como uma "religião" no sentido usado normalmente no ocidente. É uma visão de mundo, englobando não só filosofia, ciência, moral, como também um caminho (método prático) de progresso do espírito. Como nos explica Allan Kardec:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou de realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como conseqüência da comunidade de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina

que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza.

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes de levantou a opinião pública.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia em devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.^[1]

Como doutrina filosófica e moral, o Espiritismo pertence à tradição monoteísta cristã. Tradição iniciada com a revelação mosaica no Velho Testamento, profundamente reformada por Jesus no Evangelho, e complementada pelos conhecimentos adquiridos no estudo das comunicações com os espíritos. Por este motivo os espíritas também se referem à Doutrina como a "Terceira Revelação" ou, fazendo referência a uma promessa de Jesus, como o "Consolador Prometido".

- Análise

"As palavras nos importam pouco. A linguagem deve ser formulada de maneira a se tornar compreensível. As dissensões humanas surgem porque sempre há desentendimentos sobre as palavras, pois a linguagem é incompleta para as coisas que não lhes ferem os sentidos" O Livro dos Espíritos, resposta à questão 28.

Nosso uso cotidiano da palavra "religião" se prende a um sentido muito limitado, entendemos normalmente por esta palavra um culto organizado, com crenças estabelecidas através de "dogmas" e uma hierarquia destinada a sua manutenção. Embora este sentido se enquadre bem na comunicação cotidiana, deixa a desejar quando aplicado a problemas filosóficos mais profundos. Por limitações do nosso vocabulário, "religião" também designa a crença individual em uma realidade maior que transcende o mundo material. Por "religiosidade" se entende também o sentimento que liga o homem ao restante do Universo.

Neste sentido filosófico da palavra, o Espiritismo e o Budismo tem aspectos religiosos. São "religião" no tocante ao modo que mudam as crenças do homem sobre si mesmo e sobre a realidade que o rodeia. Mas igualmente não são apenas "religião", nem se enquadram

corretamente no uso comum da palavra. O que em si mesmo gera os mais acalorados debates, quando sua "natureza" é discutida.

No tocante ao Budismo, entre os povos que o praticam, o problema praticamente não se apresenta, é no mundo Ocidental, onde ainda nos apegamos tanto aos "nomes" e as "categorias" - valorizando mais a letra que o espírito - que há longas discussões a respeito e as mais diversas opiniões. Já houve, entre os estudiosos ocidentais, quem negasse ao Budismo a designação de "religião" e quem o chamasse de uma "religião sem Deus", por motivos que discutiremos na seqüência dos artigos.

Quanto ao Espiritismo, não é segredo que as discussões em torno a sua "natureza" - ao emprego ou não, da palavra "religião" para descrevê-lo - tem algumas vezes degenerado em polêmicas inúteis e em amargas disputas entre grupos com diferentes visões da questão^[2].

Notas Explicativas

1 - Discurso de abertura da sessão anual comemorativa do dia dos mortos, em 1º de novembro de 1868. O discurso foi publicado na Revista Espírita de Dezembro de 1868 e seu texto pode ser consultado na íntegra no Boletim GEAE número 277.

2 - Pessoalmente adotamos a orientação dada pelos Espíritos a Kardec, de que as palavras pouco importam, o que vale é definir precisamente do que se está falando, para não cair em polêmicas inúteis. Também respeitamos os sábios conselhos, transmitidos pela tradição Budista, de que a verdade raramente está nos extremos. Para nós, o Espiritismo "é" Religião no sentido filosófico da palavra e "não é" Religião no sentido comum, de culto organizado.

(Retirado do Boletim GEAE Número 429 de 5 de fevereiro de 2002)

As Quatro Nobres Verdades - Parte 3

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

III - Visão Geral

História

Budismo

Surgiu na Índia, em torno do V século A.C., a partir dos ensinamentos de Sidarta Gautama, o Buda. Sidarta deixou sua vida de príncipe, comovido pela descoberta do sofrimento, para dedicar-se a encontrar suas causas e como eliminá-lo. Não deixou nada escrito, seus ensinamentos foram compilados por seus seguidores imediatos e transmitidos oralmente durante séculos. Passaram para a forma escrita, somente no início da nossa era. A longo do tempo surgiram algumas escolas de pensamento ligeiramente diferentes. Basicamente estas escolas se agrupam em duas linhas:

- Escola Theravada (Escola dos Anciãos);
- Escola Mahayana (Grande Veículo);

A diferença principal entre elas é a ênfase dada aos objetivos da salvação ou libertação do sofrimento. Enquanto na escola Theravada, mais próxima ao Budismo primitivo, a libertação é procurada como objetivo máximo e em bases individuais, a escola Mahayana coloca grande ênfase na compaixão e no esforço para a salvação de todos. Esta escola enfatiza o ideal do "Bodhisattva", que é o nome dado ao indivíduo que atingiu todas as condições necessárias para a libertação individual, mas que a retarda, para ajudar aos demais a encontrar o caminho da salvação. Ou seja, o Bodhisattava renuncia ao Nirvana por compaixão aos demais seres.

Em muitos escritos Mahayana, a escola Theravada é chamada de "Hinayana" ou "Pequeno Veículo" - veículo no sentido de meio de condução do ser para a salvação - com conotações pejorativas (por apresentar um objetivo mais restrito, de salvação individual, em comparação com o objetivo de auxiliar na salvação de outros). Desta maneira, apesar do tempo ter mitigado o sentido original, é aconselhável evitar esta designação.

Em certos aspectos, o Budismo constituiu uma resposta a problemas enfrentados pelo pensamento filosófico hindu da época de Sidarta Gautama. Principalmente a divisão da sociedade em castas e as polêmicas em torno da criação do Universo, de que papéis tiveram as divindades nela ou quais as que eram as principais. De qualquer maneira, seu surgimento e desenvolvimento dentro da sociedade hindu se deu mantendo o mesmo espírito de tolerância característico da Índia védica.

No auge da influência Budista na Índia, pelo segundo século antes de Cristo, o mundo viu algo inédito e extraordinário, o governo do Rei Asoka, que se norteou pela justiça e pelo respeito a todos os seres vivos. Este rei manteve um país próspero e seguro, inclusive enviou missionários para a divulgação do Dharma em terras distantes.

A partir do continente indiano, o Budismo se expandiu pelo extremo oriente: Burma, China, Coreia, Japão, Java, Sri Lanka, Sumatra, Tailândia, Tibet, Vietnã, etc... Com a expansão do Islã (a partir do século VIII da nossa era) e, posteriormente, com as destruições massivas pelas mongóis nas regiões que lhe constituíam o berço (século XII), o Budismo deixou de ser representativo na Índia. Ele também sofreu algum recuo em regiões fortemente influenciadas pelo comércio com o Islã.

Foi por volta do ano 700 dc, que vários monges budistas chegaram ao Tibet e difundiram a escola Mahayana. O Budismo se desenvolveu consideravelmente a partir dos diversos mosteiros fundados, tornando-se o centro da vida Tibetana. Traduções dos textos antigos foram feitas para o Tibetano, desenvolveram-se novas concepções, tendo grande avanço uma terceira escola - ou

"terceiro veículo" - o Veículo Adamantino, Vajrayana, que acrescenta técnicas espirituais para se atingir o desenvolvimento espiritual. A religião local, o "Bon" - uma espécie de Xamanismo, com metafísica complexa - continuou a existir em paralelo ao Budismo e, inclusive, muitos de seus costumes se incorporaram ao Budismo Tibetano.

Com a integração do poder temporal com a estrutura de mosteiros, o seu líder espiritual, o Dalai Lama, - "mar de sabedoria" - também se tornou o centro político do país. O atual Dalai é o XIV de uma linha - pelas crenças tibetanas é a reencarnação de seu antecessor - que já vem de alguns séculos.

O Budismo encontrou também grande progresso na China, tendo se incorporado a sua civilização, lado a lado com o Taoísmo e o Confucionismo. Foi apenas na segunda metade do século XX, nas grandes turbulências que se seguiram ao final da segunda guerra mundial, que o Budismo Chinês passou a ser marginalizado, com a implantação do comunismo por Mao Tse Tung. O estado materialista, que vê a religião como o "ópio do povo", também chegou ao Tibet com sua anexação pela China a partir de 1949.

Em seu auge, o Budismo Chinês influenciou profundamente o Japão. Em terras japonesas o Budismo Zen foi o que mais se difundiu e passou a conviver pacificamente com a religião nativa do país, o "Xintoísmo". No século passado, a partir de 1930, pelo trabalho do professor Masaharu Taniguchi, surgiu dentro do Budismo japonês um movimento, denominado "Seicho-no-ie" (Lar do Progredir Infinito), que é hoje bastante divulgado, inclusive no Brasil.

O Budismo passou a ser mais conhecido nos países ocidentais após a II Guerra Mundial, quando as tropas aliadas passaram a ter contato direto com o Budismo Zen. Posteriormente, em 1959, a ocupação chinesa no Tibet forçou a fuga de monges tibetanos para outros países. O Dalai Lama e muitos dos que o acompanharam, encontraram refugio no norte da Índia, dando de novo a este país um papel importante na preservação e difusão do Budismo. Desde então, Sua Santidade, o XIV Dalai Lama, tem viajado freqüentemente a muitos países, dando conferências e publicando livros sobre o "Dharma". Ao mesmo tempo, tem sido fundados mosteiros Budistas e cada vez mais ocidentais tem se dedicado ao estudo da doutrina.

A divulgação do Budismo no Ocidente também foi beneficiada pela crise espiritual que se tornou evidente a partir dos anos 60. Como resultado do período da "guerra fria", do medo de uma guerra nuclear, das guerras verdadeiras - tendo a do Vietnã sido a primeira amplamente coberta pela mídia moderna - a juventude do mundo ocidental passou a questionar as respostas tradicionais aos problemas existenciais e a buscar novos caminhos. Foi um período histórico de transformação acelerada, não só de costumes, mas da própria visão do homem dentro da sociedade, com muitos

erros e acertos, cujas conseqüências ainda estamos vivendo e cuja análise mereceria um estudo bem mais profundo do que seria possível neste artigo.

- Espiritismo

Historicamente o Espiritismo surge na França, na segunda metade do século XIX, na seqüência do "Espiritualismo Moderno". Como todo movimento importante de transformação espiritual, suas raízes são bem mais antigas, podendo-se percebê-las nas especulações filosóficas do Iluminismo europeu do século XVIII e nos grandes espiritualistas do período, como o vidente sueco Swedenborg. Outro precursor desta fase histórica foi o médico vienense Mesmer, que com seu "magnetismo animal", abriu campo para o estudo de fenômenos que escapavam ao objeto costumeiro da ciência newtoniana.

A data oficial para o nascimento do novo movimento espiritualista, conhecido como "Espiritualismo Moderno" (Modern Spiritualism), é 31 de março de 1848. Nesta data aconteceu um evento extraordinário por suas implicações futuras, mas que por si só é de uma simplicidade inacreditável: Uma menina de onze anos - Katherine Fox - teve a idéia de solicitar a um espírito, que "assombrava" a casa em que viviam, em Hydesville (EUA), que repetisse o número de batidas que ela desse. Estava inaugurada a comunicação aberta entre os dois planos da vida. Doravante a comunicação com o plano espiritual não estaria mais restrita aos iniciados em doutrinas secretas, nem aos grandes ascetas ou a místicos extraordinários. Homens e mulheres comuns, muitas vezes jovens, como no caso de Katherine, seriam os "medianeiros" - médiuns - entre nós encarnados e os entes queridos no outro lado da vida.

As ocorrências na casa da família Fox chamaram rapidamente a atenção da vizinhança e logo da mídia da jovem democracia americana. Religiosos cientistas e estudiosos das mais variadas especialidades se interessaram pelos fenômenos, que não conseguiam explicar pelas respostas costumeiras de mistificação ou ilusão, mais que isso, esses fenômenos começaram a se reproduzir por outros médiuns e, desde as primeiras mensagens, seus autores se identificavam como sendo os mesmos seres humanos, apenas despojados das vestes físicas - do corpo material - pelo fenômeno da morte.

As batidas nas paredes foram substituídas pelas "mesas dançantes" - mesas em que as pessoas se sentavam ao redor e que sob controle dos espíritos, levantavam-se e batiam os pés. Após as mesas dançantes vieram os lápis amarrados a cestos e a pranchetas e finalmente a comunicação direta através dos médiuns. A mediunidade passou a se revelar uma sensibilidade normal do ser humano, que pode se manifestar de diversas maneiras diferentes - pela comunicação falada

(psicofonia), pela comunicação escrita (psicografia), pela vidência ou mesmo pelos eventos físicos, dos quais o mais espetacular e raro é a "materialização" completa dos espíritos.

O enorme interesse despertado pelos fenômenos mediúnicos, a partir de 1848 até praticamente o final do século, contribuiu para que fossem divulgados amplamente no outro lado do Atlântico. Em todas as capitais européias se formaram grupos de estudos e surgiram médiuns cuja fama perdura até nossos dias. Entre eles se destaca Daniel Dunglas Home, médium de efeitos físicos, cujas demonstrações foram feitas diante das personalidades mais ilustres da época e em circunstâncias que as tornavam acima de qualquer suspeita.

Naturalmente estes fenômenos chamaram a atenção dos estudiosos e, entre eles, o educador francês Hyppolite Leon Denizard Rivail. Em suas obras, que publicou usando o pseudônimo Allan Kardec reuniu os resultados de suas pesquisas sobre os fenômenos mediúnicos e uma acurada análise das mensagens transmitidas pelos espíritos. Elas vieram a constituir o que se convencionou chamar de "Codificação Espírita", sendo 18 de abril de 1857, data em que foi publicado em Paris o "O Livro dos Espíritos", considerada como a de surgimento do "Espiritismo".

A "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas", formada por Allan Kardec se tornou o modelo a partir do qual se estabeleceriam outros grupos espíritas na França e no exterior. A "Revue Spirite" - a Revista Espírita - dirigida por Kardec entre 1858 e 1869 foi, junto com os livros de Kardec, o veículo de comunicação das idéias espíritas em seus primeiros tempos.

O Espiritismo rapidamente se estendeu a outros países europeus e a América latina. No início do século XX, pioneiros já haviam criado grupos espíritas do México a Argentina, incluindo Porto Rico e Cuba. Na Europa se sobressaíam França e Espanha, onde se realizariam grandes congressos até as vésperas da Guerra Civil. No mundo de língua inglesa, prevaleceu inicialmente a variante americana - Modern Spiritualism - caracterizada principalmente pela rejeição a idéia da reencarnação. No Brasil, o Espiritismo foi introduzido já na época de Kardec.

Com o período das grandes guerras mundiais e dos regimes autoritários^[1], o Espiritismo praticamente desapareceu da Europa. Seus adeptos foram perseguidos e presos, os grupos fechados e os poucos remanescentes jogados para a clandestinidade. Durante este período, se desenvolveu consideravelmente no Brasil, tendo entre seus grandes nomes personalidades como o médico Adolfo Bezerra de Menezes e o médium Francisco Cândido Xavier. Não se pode deixar de mencionar também o excepcional médium de curas José Arigó, que através de sua abnegação - atendendo gratuitamente todos os que o procuravam - e capacidade de trabalho, atendeu milhares de doentes e tornou-se prova viva do Espiritismo para muitos dos que o procuraram. Durante fase difícil de sua vida, em que as perseguições - sob o pretexto de curandeirismo - o

levaram a prisão, foi através de indulto do próprio presidente da República, Juscelino Kubitschek, que foi libertado.

Nos últimos anos, com o final da guerra fria e o retorno à normalidade democrática em todos os países da Europa, o Espiritismo tem retornado gradualmente a este continente. Grupos espíritas se formaram imediatamente em Portugal e na Espanha após o fim das proibições e, no resto do continente, aos poucos, superando a cultura materialista imperante após o período das guerras. Merece menção, neste grande trabalho de renascimento do Espiritismo, o esforço abnegado dos imigrantes brasileiros, que passaram não só a criar núcleos espíritas em seus países de adoção, como a apoiar os movimentos espíritas locais. Como médiuns, tradutores de obras espíritas do português para as línguas nativas, interpretes de conferencistas e de médiuns em viagens, contribuíram significativamente suprimindo as deficiências causadas nestes países pelas turbulências do século XX. Conferencistas brasileiros também tiveram e estão tendo papel importante nesta fase histórica. Podemos citar rapidamente, como exemplo - pois uma análise detalhada desse trabalho de divulgação, fazendo jus a todos os que participaram dele, demandaria uma série de artigos - nomes como Divaldo Pereira Franco, Miguel de Jesus Sardano e Reinaldo Leite.

Nos demais países da América Latina, o Espiritismo vai relativamente bem, tendo enfrentado dificuldades com as revoluções e guerras civis, mas sobreviveu até mesmo em Cuba. A América latina também tem dado grande contribuição ao movimento espírita internacional e, da mesma forma que o Brasil, tem contribuído com médiuns, tradutores, trabalhadores e conferencistas como, por exemplo, Juan A. Durante.

Nos Estados Unidos vem se instalando gradativamente, ressentindo-se talvez mais que na Europa, do materialismo e do consumismo vigentes. Os grupos espiritualistas americanos, sucessores do "Modern Spiritualism", ainda existem, mas são bastante dispersos e cada qual seguindo seu caminho próprio, o que dificulta muito uma colaboração mais efetiva. O lado positivo é que em sua maioria já aceitam a reencarnação sem maiores restrições^[2].

Pelo próprio escopo do artigo, é natural que se fique devendo aos leitores um panorama mais amplo das biografias dos grandes vultos da Doutrina Espírita. Incontáveis seriam os nomes que deveriam figurar em uma história detalhada, começando pela própria esposa de Kardec, Amélie Gabrielle Boudet, educadora como ele e sua colaboradora de todas as horas:

Léon Denis, Camille Flammarion, Gabriel Dellane, Eusapia Palladino, Amália Domingo Soler, Miguel Vives y Vives, Cosme Mariño, Eurípides Barsanulfo, Bатуíra, Bittencourt Sampaio, Anália

Franco, Caibar Schutel, Teles de Menezes, Ivone A. Pereira, Francisco Valdomiro Lorenz, Vinicius, Herculano Pires, José Gonçalves Pereira...

Notas Explicativas

1 - Em geral pode se considerar que este período histórico começa com a primeira guerra mundial em 1914, se estende entre guerras com o estabelecimento do comunismo, do fascismo e do nazismo, prossegue com a guerra civil espanhola de 1936, a grande guerra de 1945, as guerras na Ásia e a guerra fria até o fim dos anos 80. Pode-se dizer que entre a primeira guerra mundial e o fim da união soviética na década de 90 o mundo viveu um período contínuo de tensão, com o conseqüente apego ao imediatismo materialista, mesmo porque grande parte da Europa ficou, por longo tempo, sob regimes ditatoriais e violentos.

2 - É interessante notar que a diferenciação entre "Modern Spiritualism" - Espiritualismo Moderno - é bastante sutil e na maior parte das vezes sem muita importância. Na realidade o que ocorreu foi uma lentidão na difusão das obras de Kardec nos meios espiritualistas de língua inglesa. Essa demora foi em parte provocada pela rejeição que americanos e ingleses tinham quanto à idéia da reencarnação, em parte pela diferente visão quanto ao papel das comunicações dadas pelos espíritos. Enquanto Kardec - e os Espíritas - consideram as comunicações como meio de estudo, objeto de análises críticas e sujeitas ao critério da concordância, os espiritualistas de língua inglesa as viam como revelações de um plano superior e os espíritos que as transmitiam, acima de suspeita por serem guias iluminados. Não só pioneiros do Espiritismo, como Léon Denis continuaram utilizando o termo "Espiritualismo Moderno", junto com "Espiritismo", como em tempos recentes Júlio Abreu Filho traduziu a obra de Connan Doyle - History of Modern Spiritualism - para o português com o título de "História do Espiritismo" (Editora Pensamento). O resultado desta opção de tradução é que o leitor espírita se surpreenderá ao notar, em uma história do "Espiritismo" o pequeno espaço reservado ao trabalho de Kardec e o posicionamento do autor contrário à reencarnação, principalmente se não prestar atenção no prefácio, onde Herculano Pires alerta sobre a questão.

A propósito, o motivo que levou Kardec a criar uma nova palavra - Espiritismo - foi para evitar mal-entendidos. A designação "Moderno Espiritualismo" não é muito precisa, uma vez que espiritualista é todo aquele que crê em algo além da matéria e não necessariamente em espíritos e na sua possibilidade de comunicação conosco.

(Retirado do Boletim GEAE Número 430 de 19 de fevereiro de 2002).

As Quatro Nobres Verdades - Parte 4

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

III - Visão Geral

As Quatro Nobres Verdades

- Budismo

1.a Verdade: Da existência do sofrimento (Impermanência, Insatisfatoriedade, Impessoalidade);

As quatro nobres verdades constituem a base do Budismo, tendo a constatação da existência do sofrimento e de que todos os seres vivos estão sujeitos a ele como o ponto inicial de sua estrutura lógica.

Desde o instante em que nascemos neste mundo, estamos sujeitos ao sofrimento. Se crianças necessitam do amparo dos adultos para nossas mínimas necessidades, se adultos temos que lutar por nossa sobrevivência e daqueles que nos são caros, se atingimos avançada idade, sentimos o declínio das forças físicas e a aproximação da morte. Durante a vida, passamos pelas mais diversas situações, pela perda dos entes queridos, pelas doenças e estamos sujeitos a sermos vítimas de acidentes e violências diversas.

2.a Verdade: Da origem do sofrimento

Para Buda, a origem do sofrimento está relacionada à ignorância, sofremos porque tomamos o mundo material a nosso redor como realidade última e objeto de nossas ambições. Sofremos porque, em nosso egoísmo, nos apegamos aos objetos exteriores e queremos eternizar o que é transitório. Tanto quanto o sofrimento, o mal é resultado da ignorância do ser. Mal é tudo que causa sofrimento ao próximo e próximo no sentido mais amplo possível, abrangendo todos os seres vivos.

3.a Verdade: Da cessação do sofrimento

O sofrimento pode ser extinto, extinguindo-se o motivo que o gera, a ignorância e a ilusão de um "eu". Com o fim do "eu" termina o egoísmo e o apego aos objetos passageiros. Em lugar do egoísmo, surgem a Sabedoria e a Compaixão. Não haverá mais sofrimento para o ser iluminado, e um mundo composto de uma maioria de seres iluminados, será um mundo feliz.

4.a Verdade: O caminho que conduz a extinção do sofrimento

De nada vale conhecer uma verdade se não for vivenciada. E as regras práticas do Budismo, expressam no Caminho Óctuplo, leva diretamente a vivenciar o desapego ao eu e ao egoísmo. Não são dogmas, mas regras de vida que se bem aplicadas tornarão o ser, um ser compassivo e sábio:

1. Palavra Correta (ser verdadeiro e justo no falar)

2. Ação Correta (agir sempre de acordo com o bem de todos, ser compassivo).
3. Meio de Vida Correto (viver corretamente, sem prejudicar a ninguém e fazendo o bem sempre que possível).
4. Esforço Correto (procurar sempre se melhorar a si mesmo e buscar a verdade)
5. Plena atenção Correta (prestar atenção em tudo o que se faz, para ter a visão correta do que se faz e se passa).
6. Concentração Correta (aprender a concentrar-se, para chegar ao conhecimento de si mesmo e da essência das coisas).
7. Pensamento Correto (saber pensar e pensar de maneira correta de maneira a controlar a si mesmo)
8. Correta Compreensão (procurar compreender verdadeiramente, procurar ser sábio).

Em resumo, a vivência pessoal que pode ser resumida em:

- Conduta Ética (palavra correta, ação correta e meio de vida correto);
- Disciplina mental (Esforço Correto, Plena Atenção e Concentração);
- Sabedoria (Pensamento correto e correta compreensão);

Espiritismo.

Apesar da questão do sofrimento não ser o ponto inicial da Doutrina dos Espíritos - cujas bases são a constatação da sobrevivência do espírito após a morte e da sua possibilidade de comunicação conosco - ela também reconhece sua existência e classifica nosso mundo como de "provas e expiação".

Para o Espiritismo, o sofrimento é causado pela ignorância. Ignorância de que o mundo material é transitório, de que acima de tudo o ser humano e todos os seres vivos, são espíritos em evolução. O sofrimento cessa com o progresso espiritual, com o fim do egoísmo e com a clara compreensão de que os acontecimentos da vida material são, em última análise, secundários frente à realidade maior do espírito. Provas e expiações, do ponto de vista do espírito liberto da matéria, são rápidas lições na sua longa jornada evolutiva. Para o espírito adiantado, nada mais pode lhe afetar a serenidade espiritual, sendo que nele, a "caridade" - o amor ao próximo - e a "sabedoria", lhe conduzem os atos.

As regras morais espíritas podem ser deduzidas das leis naturais - ou Divinas - que são apresentadas no "Livro dos Espíritos", no livro terceiro. Estas regras são aprofundadas no "Evangelho Segundo o Espiritismo", onde se mostra que a moral espírita é a mesma moral contida

nos ensinamentos de Jesus. No livro "Céu e Inferno", se aprofundam a questão da lei de Causa e Efeito, se vê os resultados das vivências destas regras.

As leis morais, apresentadas no Livro dos Espíritos são:

- Lei de Adoração: "É a elevação do pensamento em direção a Deus. Pela adoração, o ser humano aproxima de Deus a sua alma". (questão 649). "A verdadeira adoração é do coração. Em todas as suas ações, lembrem sempre que o Senhor os observa" (questão 653) "Deus prefere aqueles que o adoram do fundo do coração, sinceramente, praticando o bem e evitando o mal, àqueles que acreditam honrá-lo por meio de cerimônias que não os tornam melhores para os seus semelhantes. (...)" (questão 654).
- Lei do Trabalho: "O trabalho é uma lei da Natureza e por isso mesmo é uma necessidade (...)" (questão 674) "O Espírito também trabalha, como o corpo. Toda ocupação útil é um trabalho" (questão 675) "O forte deve trabalhar para o fraco; na ausência de uma família, a sociedade deve ampará-lo: é a lei de caridade". (questão 685a).
- Lei de Reprodução: "(...) Sem a reprodução, o mundo corporal desapareceria" (questão 686) O casamento, ou seja, a união permanente de dois seres "é um progresso na marcha da humanidade" (questão 695). O efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana seria "o retorno à vida animal" (questão 696).
- Lei de Conservação: O instinto de conservação é uma lei da Natureza "(...) todos os seres vivos o possuem, seja qual for o grau de sua inteligência (...)" (questão 702) "Porque todos devem colaborar nos desígnios da Providência. Foi por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. A vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres (...)" (questão 703) "O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustiguem seu Espírito e não o seu corpo mortifique o seu orgulho, sufoque o seu egoísmo, que se assemelha a uma serpente que lhes devora o coração e farão mais por seu adiantamento do que pelos rigores que não pertencem mais a este século" (tratando dos sofrimentos "voluntários" - questão 727).
- Lei da Destruição: Todos os seres vivos, no mundo material, nascem e morrem. A morte, na natureza, é uma necessidade, pois é um instrumento de transformação. A vida material em si mesma é um instrumento para o progresso do espírito, e a morte é o término de um ciclo, que não destrói o princípio inteligente - o espírito - que continua a existir em outros planos da vida e que volta a renascer. Em nosso mundo, na natureza, a lei de destruição é um instrumento para manter o equilíbrio das espécies e garantir seu contínuo aperfeiçoamento. O homem, ser com inteligência desenvolvida, no trato com os animais, deve comportar-se sem crueldade e

não destruir vidas sem necessidade - como, por exemplo, no caso dos animais daninhos, cujas populações devem ser controladas - toda destruição, pelo prazer de destruir indica "predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que ultrapassa os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais destroem apenas para sua necessidade; o homem, que tem o livre-arbítrio, destrói sem finalidade. Prestará contas do abuso da liberdade que lhe foi conferida, pois nestes casos, ele cede aos maus instintos" (questão 735). A matança de outros seres humanos é um crime aos olhos de Deus, pois "aquele que tira a vida de seu semelhante, interrompe uma vida de expiação ou de missão e nisso está o mal" (o espírito é imortal, assim o criminoso atinge o corpo físico, sem destruir o ser em si mesmo). Mesmo na guerra a destruição de outros seres é condenável, pois a guerra significa "predominância da natureza animal sobre a espiritual e satisfação das paixões. Nesse estado de barbárie, os povos conhecem apenas o direito do mais forte (...)" (questão 742) e ela desaparecerá da face da Terra "quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então todos os povos serão irmãos". (questão 743).

- Lei de Sociedade: "Deus fez o homem para viver em sociedade. Deus não deu em vão ao homem a palavra, bem como todas as outras faculdades necessárias à vida de relação" (questão 766). "Nenhum homem possui todos os conhecimentos; e é pela união social que eles se complementam uns aos outros, a fim de assegurarem o bem-estar mútuo e progredirem. Eis porque, tendo necessidade uns dos outros, são feitos para viver em sociedade e não isolados" (comentário de Kardec a questão 768).
- Lei do Progresso: "A humanidade progride por meio da melhora gradativa dos indivíduos que se esclarecem (...) Pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, pois ninguém é deserdado pelo progresso (...)" (comentários de Kardec a questão 789). Uma civilização completa se reconhecerá "pelo desenvolvimento moral (...) somente terão o direito de dizerem-se verdadeiramente civilizados, quando tiverem banido de sua sociedade os vícios que a desonram e que vivam como irmãos, praticando a caridade cristã (...)" (questão 793).
- Lei de Igualdade: "Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais; todos nascem com a mesma fragilidade, estão sujeitos às mesmas dores; o corpo do rico passa pelo mesmo processo de destruição que o do pobre. Deus não concedeu, portanto, superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte: são todos iguais diante dele" (comentário de Kardec à questão 803) "Deus criou todos os espíritos iguais, mas cada um individualmente viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte granjeou maior ou menor

número de aquisições. A diferença está no grau de experiência e na vontade, que é o livre-arbítrio (...) (questão 804)” Assim, a diversidade de aptidões do homem não se relaciona com a natureza íntima de sua criação, mas com o grau de aperfeiçoamento que tenha chegado como espírito (...) “(comentário de Kardec à questão 805)”.

- Lei de Liberdade: O homem é dotado de um livre-arbítrio relativo a seu grau de evolução e ao resultado de suas ações. A fatalidade com se entende vulgarmente, não existe. Somos hoje o que fizemos de nós mesmos ontem e seremos amanhã o que construímos hoje. Desta maneira se pode dizer que fatalidade existe, quando entendida no sentido da "posição que o homem ocupa na Terra e as funções a ela inerentes, como consequência do gênero de existência que o Espírito escolheu, como prova, expiação ou missão. Sofre ele, fatalmente, todas as vicissitudes dessa existência, e todas as tendências, boas ou más, que lhe são próprias; mas a isto se reduz a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a estas tendências. Os detalhes dos acontecimentos estão sujeitos às circunstâncias que ele mesmo provoque, por seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos, pelos pensamentos que lhe sugerem" (comentários de Kardec - 872).
- Lei de Justiça, Amor e Caridade: "A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um" (questão 875). O verdadeiro sentido da caridade, como a entende Jesus é "Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão as ofensas" (questão 886). "A lei de amor e de justiça proíbe fazer ao outro o que não queremos que nos seja feito; condena, por esse mesmo princípio, todo meio de ganho que seja contrário a essa lei". (comentário de Kardec à questão 884).

A máxima por excelência que define a moral espírita, e resume todas as leis morais, é "Fora da Caridade não há salvação", entendendo-se por caridade o amor ativo aos semelhantes e não simplesmente a "esmola" material. É equivalente ao "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo".

- Análise

"O verdadeiro Espírita não é o que crê as comunicações, mas o que procura aproveitar os ensinamentos dos Espíritos. De nada adianta crer, se sua crença não o faz dar sequer um passo na senda do progresso, e não o torna melhor para o próximo" - Máximas extraídas do ensinamento dos espíritos, Allan Kardec, O Espiritismo em sua mais simples expressão.

Tanto o Espiritismo como o Budismo enfatizam a necessidade da vivência de seus ensinamentos. Conhecimento sem prática é inútil. As quatro nobres verdades, constatando que o sofrimento é resultado de nossa ignorância e nos mostrando os meios para superá-lo, são perfeitamente

concordantes com os ensinamentos espíritas. A vivência delas se enquadra dentro das leis morais reconhecidas pelos Espíritas e são maneiras diferentes de expressar as mesmas regras morais ensinadas por Jesus.

A diferença na ênfase dada ao sofrimento, que no Budismo é o ponto de partida e para o Espiritismo uma conseqüência da inferioridade de nosso mundo, não chega a ser motivo de divergência. É interessante, porém o leitor ter em mente essa pequena sutileza.

Para o Espiritismo o objetivo do progresso espiritual é a felicidade do ser, conseqüentemente também a libertação do sofrimento, porém o próprio sofrimento pode ser um instrumento benéfico para o espírito atingir a felicidade - mostrando-lhe as conseqüências de seus erros, incentivando-o ao esforço para progredir, forçando-o a avançar quando estagnado. Como o Espiritismo considera a lei do progresso uma lei natural, a qual todos os seres estão sujeitos, além das situações decorrentes da lei da Causa e Efeito há outras escolhidas pelo próprio espírito. Vidas entre grandes dificuldades, situações bem suportadas pelo espírito, servem-lhe de oportunidades de testar seu valor e de adquirir conhecimentos e virtudes que o auxiliarão no seu progresso espiritual.

(Retirado do Boletim GEAE Número 431 de 05 de março de 2002)

As Quatro Nobres Verdades - Parte 5

Carlos Alberto Iglesia Bernardo

IV - Questões Filosóficas

Objetivos

Budismo

"Segundo o Budismo, é o homem que traça a rota do seu próprio destino. Assim, Gautama Buda, exortava seus discípulos a que eles mesmos fossem seus próprios refúgios, ou ajudas. Estimulava em cada um o auto desenvolver-se, porque, mediante seu próprio esforço e dedicação, o homem tem em suas mãos o poder de libertar-se da escravidão, da ignorância e de todo o sofrimento" (cap. "Budismo como Ciência, Moral e Filosofia", Budismo, Psicologia do Autoconhecimento).

O Budismo busca a transformação do ser através da destruição da ilusão do "eu", superação da ignorância. Compaixão e sabedoria como resultado da destruição total do egoísmo. Libertação do sofrimento encerrando-se o ciclo de causa e efeito através do desapego ao resultado das ações, fim do "eu" e do "meu" (sem que isso signifique exatamente extinção total do ser);

Na escola Mahayana, uma grande ênfase é dada ao ideal do Bodhisattva. O Bodhisattava é o ser que já atingiu todas as condições para a libertação final, para o Nirvana, porém prefere manter-se em contato com este mundo a fim de auxiliar na libertação dos demais seres. O voto do aspirante ao Bodhisattva, é justamente de buscar o despertar em benefício de todos.

Espiritismo

"O objetivo essencial do Espiritismo é melhorar os homens, no que concerne ao seu progresso moral e intelectual" Máximas extraídas do ensinamento dos espíritos, Allan Kardec, O Espiritismo em sua mais simples expressão.

"É assim que, pela prática do Espiritismo e com as instruções dos Espíritos elevados, pode o homem adquirir essa preciosa ciência da vida: a disciplina das emoções e das sensações, o domínio de si mesmo, essa arte profunda de se observar e, depois, de se assenhorear dos secretos impulsos de seu próprio ser". Léon Denis, Aplicação Moral e Frutos do Espiritismo, No Invisível - FEB.

O Espiritismo busca a transformação do ser através de sua reforma moral, com a superação do egoísmo e o desenvolvimento de virtudes como a caridade e a sabedoria. Pela palavra "caridade" entende-se, na Doutrina Espírita, o amor ao próximo em sua expressão mais sublime, já a palavra "sabedoria" significa o uso ético dos conhecimentos adquiridos, inclusive das leis universais, como a de causa e efeito. Como conseqüência do progresso espiritual resultante, há a libertação do sofrimento e o fim da necessidade do espírito reencarnar-se, por não necessitar mais do aprendizado proporcionado pelo ciclo de reencarnações.

Assim descreve Kardec as características dos espíritos que atingiram esse estágio de progresso: Espíritos Puros: "Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições a que a criatura é suscetível, não têm mais a sofrer nem provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação nos corpos perecíveis, vivem as vidas eternas que desfrutam no seio de Deus" (cap. Dos Espíritos, O Livro dos Espíritos, Allan Kardec).

Análise

O resultado da correta prática do Budismo leva aos mesmos resultados da prática da Doutrina Espírita. Os dois caminhos espirituais resultam na libertação do sofrimento, pelo fim do apego ao

mundo material e ao "eu" egoísta. O "Iluminado" Budista corresponde ao conceito de "Espírito Puro" dos Espíritas.

É muito importante notar que as palavras "compaixão" para os Budistas e "caridade" para os espíritas, tem sentido mais amplo que o empregado na conversação cotidiana. A compaixão budista, longe de ser um sentimento de piedade, é o interesse profundo e amoroso pelo destino de todos os seres e se reflete na ação de ajudá-los a encontrar seu caminho de iluminação. A caridade espírita, também está longe de ser a esmola ou simplesmente a ajuda material, é o amor fraterno em ação, representando tanto o interesse pelo bem-estar do próximo, como o desejo mais profundo de auxiliá-lo na busca da verdadeira felicidade.

Ambos, compaixão e caridade nascem no ser a partir da compreensão de que somos mais do que um corpo material, de que estamos ligados a todos os seres e compartilhamos o mesmo destino. A felicidade, a libertação do sofrimento, é o objetivo de todas as criaturas e trabalhar em prol deste objetivo, auxiliando a todos, a meta mais nobre a que o ser pode almejar.

(Retirado do Boletim GEAE Número 432 de 18 de março de 2002).